

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**PROFISSIONAIS DO SEXO: UM ESTUDO SOBRE SUAS
CONDIÇÕES DE TRABALHO**

MICHÈLLE DOMIT GUGIK

**FLORIANÓPOLIS
2001**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**PROFISSIONAIS DO SEXO: UM ESTUDO SOBRE SUAS
CONDIÇÕES DE TRABALHO**

Michèle Domit Gugik

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Universidade
Federal de Santa Catarina, como
exigência parcial para a obtenção
do título de Mestre em Psicologia.**

**Professor Doutor Marcos Ribeiro Ferreira
Orientador**

**Florianópolis
2001**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA


Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado


***PROFISSIONAIS DO SEXO: UM ESTUDO SOBRE SUAS CONDIÇÕES
DE TRABALHO***

Michèlle Domit Gugik

Dissertação defendida como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Área de Concentração Psicologia e Sociedade e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

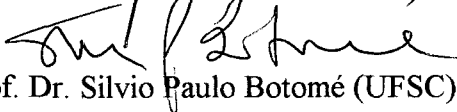

Prof.^a Dr.^a Maria Juracy Toneli Siqueira
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Marcos Ribeiro Ferreira (UFSC)
Orientador


Prof. Dr. Lauro Junkes (UFSC)


Prof. Dr. Roberto Moraes Cruz (UFSC)


Prof. Dr. Silvio Paulo Botomé (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 30/03/2001.

AGRADECIMENTOS:

À Marlyane, pelo precioso auxílio, estímulo e interesse. Sem sua ajuda, este trabalho não teria sido possível;

Ao Julio Y. Shimamoto, meu irmão de coração, que sempre me apoiou e incentivou em todos os momentos difíceis da minha vida;

Ao Mozart Couto, meu pai de coração – que também me apoiou muito, além de ter me auxiliado neste trabalho;

Aos meus cães Huskies Siberianos, que me deram muito apoio e carinho: Kalifa; Cleópatra; Domênica; Samantha; Ramsés III; Zorro; Madonna; Lobo; Caron; Rudolph Valentino; Thor; Shampy; Bandit; Bola; Chiquitita; Sasha; e Susy (falecida após a conclusão da tese), e Babí; Juna (minha Juju querida e companheira); e Pedrita, a recém chegada;

Ao quadrinista Watson Portela, pela gentileza e disponibilidade. O fato de ter concedido esta entrevista, levando-se em conta seu retiro voluntário da mídia, é um fato histórico;

Ao Doutor Lauro Junckes, professor do Curso de Doutorando em Letras, pela constante assistência, no que se refere aos conceitos teóricos de Bakhtin;

Ao Doutor José Medeiros, por sempre ter acreditado em mim;

À Elaine por ter me estimulado a terminar o mestrado;

À Deise, por ter me ajudado e incentivado;

A minha mamãe, por ter me acompanhado neste trabalho hercúleo;

Este trabalho só pôde ser realizado graças ao aproveitamento do material coletado por estudantes do Centro de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Professor Doutor Marcos Ribeiro Ferreira. A estes alunos - que foram parceiros nesta empreitada - um agradecimento especial:

Íris Heidrich

Elisa Nunes Silveira

Paula C. Susin

Valeska F.

Viviane A. May

Mônica Duarte da Costa

Michele Silva

Aline Drews

Débora Sanches

Helena Berton Eidt

Lara Vainer Schucmer

Luciana Caldas Marlize Vieira

Cristiano

SUMÁRIO

PROFISSÃO PROSTITUTA: FLASHES DE UNIVERSALIDADES E PARTICULARIDADES _____	01
ESTUDO SOBRE CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFISSIONAIS DO SEXO: ANTECEDENTES E UMA NOVA PROPOSIÇÃO _____	10
A ATIVIDADE COMO MEDIAÇÃO ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE	
1 - Caracterização da prostituição _____	26
1.1 – Contexto histórico _____	26
1.2 – As condições de trabalho das profissionais do sexo _____	36
2 - A Construção da consciência _____	41
AS CARACTERÍSTICAS DE UMA PESQUISA PIONEIRA E SEU DESDOBRAMENTO	
1.1– Participantes _____	53
1.2 –Coleta e tratamento dos dados _____	55
1.3 –Entrevistas _____	62
REFLEXÕES SOBRE A PROFISSÃO DO SEXO: CONTRA-PONTOS ENTRE A LITERATURA E AS MUDANÇAS NO MERCADO SEXUAL	
1– Características das participantes _____	65
2- Dialogismo de Bakthin e análise do discurso _____	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS _____	121
ANEXOS _____	126

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma contribuição para os estudos sobre a prostituição, no âmbito da Psicologia do Trabalho.

Parte de uma pesquisa anteriormente desenvolvida pelos alunos da graduação, vinculados ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Utiliza, como base de reflexão e análise, o recorte teórico histórico-cultural, na perspectiva de Bakhtin e Vygotsky. As condições de trabalho que envolvem essa profissão – incluindo a consciência como dessas condições.

A prostituição é um fenômeno social estudado pelas ciências sociais e caracteriza-se pela controvérsia de caráter moral, geradora de muitas discussões na esfera política, veiculada principalmente pela mídia; é alvo de uma literatura elucidativa sobre as origens e os significados que lhe são atribuídos ao longo da história, presentes na construção da consciência coletiva e individual da sociedade em geral, bem como das próprias profissionais do sexo. Entretanto, são poucas as pesquisas que focalizam a condição de trabalho, especialmente partindo do pressuposto de que a consciência faz parte do processo, como fator que influencia na consolidação de uma identidade profissional.

Esta presente pesquisa, a partir da influência dos valores pessoais na atuação profissional das prostitutas, busca na fala das participantes o enunciado que representa, segundo Bakhtin, o universo da consciência pessoal e coletiva, que cada uma carrega como bagagem proveniente de suas experiências. A análise revelou características de personalidade, estigma e estereótipo referente às profissionais entrevistadas. Os dados analisados ofereceram um quadro abrangente da profissão, mesmo que limitado a uma só região do país.

Os resultados revelaram que a maioria das profissionais do sexo vem de outras regiões do país, em virtude do marcante fluxo turístico do litoral. Ao contrário da prostituição em outros pólos, as profissionais que atuam nas boates percebem relativamente a mesma remuneração que percebem as que atuam nas ruas. Sendo que a segurança está vinculada ao local de atuação. A maioria origina-se de famílias desestruturadas, mantendo para com estas relacionamentos conflitantes.

Buscou-se constituir um panorama, com indicadores que norteiem futuras intervenções - e ao mesmo tempo, sistematizar os dados valiosos obtidos na pesquisa inicial das alunas da graduação em Psicologia.

SUMMARY

The present work intends to be a contribution from the studies about the prostitution, in Psychology of the Work.

It breaks previously of a research developed by the students of the graduation, linked to the Course of Psychology of Santa Catarina's Federal University. It is used, as reflection base and analysis, the historical-cultural theoretical cutting, in the perspective of Bakhtin and Vygotsky. The work's conditions that involve that profession - being taken in consideration that the conscience is also a work instrument - they are the objective of this study.

The prostitution is a social phenomenon studied by the social sciences and it is characterized by the controversy of moral character, generating of a lot of discussions in the political sphere, transmitted mainly by the media; it presents a literature elucidativa on the origins and the meanings that are it attributed along of the history, presents in the construction of the collective and individual conscience of the society in general, and of the own professionals of the sex. However, they are little the researches that focalizam the work condition leaving of the presupposition in that the conscience is part of the process, as factor that influences in the consolidation of a professional identity.

Therefore, to focus to present researches starting from it influences it of the personal values in the prostitutes' professional performance, looking for in the participants' speech the statement that represents, according to Bakhtin, the universe of the personal and collective conscience, that each one carries as coming baggage of its experiences. The analysis revealed personality characteristics, stigma and esteriótipo regarding the professionals interviewees. The analyzed data offered an including picture of the profession, even if limited to an alone area of the country.

It was looked for to constitute a panorama, with indicators that norteiem future interventions - and at the same time, to systematize the valuable data obtained in the students' of the graduation initial research in Psychology.

PROFISSÃO PROSTITUTA: FLASHES DE UNIVERSALIDADES E PARTICULARIDADES

A prostituição constitui um fenômeno social, no qual interagem várias dimensões da condição humana (relações afetivas, comerciais, questões de gênero, identidade), dinamizadas na cultura.

Como fenômeno social, expressando contradições e polêmicas discutidas nas diversas instituições sociais, sofre grande variedade nos tipos de abordagem. É estudada não só à luz das ciências sociais; torna-se alvo de pesquisas jornalísticas e oficinas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DST), na área da saúde pública.

Foram selecionados textos não provenientes da academia, que retratam enfoques e descobertas interessantes relacionadas ao tema “prostituição”, a fim de construir uma descrição do ambiente e das características que constituem a atividade.

No primeiro deles, o quadrinista Watson Portela empreendeu uma extensa pesquisa, de 1980 a 1995, com prostitutas de rua e boate de cidades da região centro-sul. O seu objetivo era, na época, elaborar trabalhos de histórias em quadrinhos sobre o tema para uma editora da região, já extinta. A pesquisa só foi possível mediante a inserção do quadrinista no universo de trabalho das profissionais do sexo.

Um segundo texto é composto por reportagens realizadas para o jornal “A Folha de São Paulo” – posteriormente publicadas como livro – nas quais Dimenstein (1994) entrevistou e observou as rotinas de trabalho de prostitutas – escravas, nas regiões onde o tráfico de meninas e mulheres é mais intenso e conta com a conivência da polícia e de boa parte dos políticos.

A prostituição é uma profissão amplamente reconhecida, e como tal, apresenta práticas e rituais presentes também em outras profissões. Fazendo uma comparação entre as atividades exercidas pelas mulheres, pode-se verificar pontos de convergência: na profissão de modelo, a aparência é igualmente valorizada; a performance (atuação) da atriz é um aspecto essencial para o desempenho de suas atividades, assim como faz parte do bom desempenho da profissional do sexo; utilizar medidas de segurança e higiene é vital para a enfermagem, medicina, assim como no ramo da prostituição.

A prostituição carrega significados historicamente construídos diferentes das outras profissões exercidas pelas mulheres. Significados estes negativos em termos de valoração, e contrários às características que definem popularmente um trabalho (honestidade, ajuizamento, responsabilidade, integridade). Na verdade, o substantivo “prostituta” constitui uma ofensa na vida cotidiana. Seu significado ajusta-se à definição empregada em relação àquelas pessoas que não trabalham ou que praticam atividades ilícitas: É sinônimo de mulher de vida “fácil”, vadia, vagabunda, sem vergonha, sacana. Há ainda termos mais agressivos que definem estas profissionais, empregando metáforas e linguagem figurada: piranha, cadela, preparada, vaca, etc.” O enunciado é caracterizado por um contexto que sugere a agressividade histórica, da sociedade em geral para com a profissão; para com as ditas “putas”.

Dependendo da cultura de cada país, a profissão do sexo está mais ou menos organizada (em termos de direitos e deveres, e aspectos morais). Há países em que a profissão é permitida, e conta com proteção e garantias legais, como no caso da Suécia. Há países em que a prostituição é a única forma de subsistência de famílias inteiras, devido ao alto índice de desemprego, como acontece em alguns países asiáticos, tais como o Vietnã e a Coreia do Sul. Em outros lugares, a profissão é ilegal e seu desempenho torna-se perigoso para as mulheres que a exercem, como é característico dos países islâmicos e de procedência muçulmana. Também há países em que a proibição existe, mas não é algo tão enfático, cujas normas podem ser burladas. É o que acontece no Uruguai – aonde as prostitutas podem utilizar uma carteira de artista para exercer as suas atividades.

No Brasil, a prostituição é ilegal. As legislações estaduais e federais baseiam sua argumentação na agressão moral que representa tal profissão para a sociedade. Defendem que a referida propicia a proliferação da prostituição infantil, como se pode constatar no projeto de lei de 1995, da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, e no Código Penal Brasileiro (CPB).

Ocorre, contudo, uma disparidade de comportamentos e procedimentos, que varia de região para região. Nas regiões norte e nordeste, a prostituição é uma atividade envolta em um complexo esquema de aliciamento de menores, que conta com a conivência das autoridades. É o que Dimenstein (1994, p.18) descreve como uma espécie de máfia. Muitas pessoas sabem o que acontece, mas aceitam essa prática como normal ou não querem

se envolver devido à ocorrência até de ameaças de morte. As menores, geralmente de camadas médias – baixas, são forçadas a entrar no mundo da prostituição e a continuar até completarem a maioridade. A falta de habilidades consideradas pré-requisitos básicos na demanda de mercado incentivaria as mesmas a atuarem num ramo em que a instrução seria relegada para segundo plano. *“A miséria jogou as meninas para a rua. Elas não têm nada para vender. Não sabem ler, cozinhar, escrever. Só podem vender o único bem que possuem: o corpo”*. De acordo com as observações do autor, aquelas que conseguem fugir, ou sair após a maioridade, frequentemente acabam retornando à profissão, já que é a única coisa que sabem fazer. Neste ínterim, tornam-se mães, devido a não utilização de contraceptivos, ou morrem devido aos maus tratos, uso de drogas, ou doenças venéreas.

Ao atingirem a idade adulta, as jovens geralmente demonstram resignação no que diz respeito à atividade prostituinte, devido a falta de instrução e convivência com pessoas de ambientes marginalizados. O depoimento a seguir exprime tais fatores:

“O maior sonho de A.P.L. era estudar, trabalhar e ter uma família. Enfim, sair da prostituição. Ganha a vida num prostíbulo na Barra velha, zona do baixo meretrício de Imperatriz onde perambulam bêbados e bandidos. Não é apenas um cenário violento. É exótico: por ali transitam livremente índios vendendo maconha plantada na tribo. Aparentemente simples, o sonho lhe parece uma meta distante e quase inacessível. Onde vou trabalhar se não tenho estudo”?
(Dimenstein, 1994, p.35).

Embora Dimenstein (1994) coloque o aliciamento de menores como principal porta de acesso da prostituição para as mulheres nordestinas, dados estatísticos contidos em textos da região, assim como na tese de mestrado de Freire (1995), revelam que o abandono do lar por parte dos maridos obriga as “viúvas de maridos vivos” a fazer sexo por dinheiro para sustentar a família. O fenômeno de fuga dos chefes de família é bastante comum no interior daqueles estados.

Na região centro-oeste, Dimenstein (1994) descreve um panorama não muito diferente da situação dos prostíbulos, os quais oferecem os serviços de menores. Existem os garimpos, e os bares localizados nas regiões pantaneiras; muitas crianças e adolescentes de

camadas menos favorecidas são enganadas e forçadas à prostituição, como descreve o autor ao citar os casos das menores a seguir:

“ M e V foram enganadas e acabaram no garimpo, de onde não podiam fugir. Durante a entrevista, V chorou diversas vezes e pediu ajuda para fugir. “Fui enganada, disseram que a gente ia pra Itaituba trabalhar num restaurante. Até hoje não fomos pra Itaituba. Essa vida não é pra mim”.. Inexperiente, M já engravidou três vezes e se submeteu a abortos precários”, (Dimenstein, 1994, p.125).

O sistema que envolve o tráfico inflige a estas menores um trabalho escravo, que não difere, em termos de exploração, dos bóias-frias mirins e meninos cortadores de cana. Entretanto, ao completar a maioridade, quer seja por ter a auto – estima dilacerada pelos próprios valores morais, quer seja pela escassez de trabalho – a maioria das meninas que foram prostituídas continuam na profissão do sexo. Como apontam em seus depoimentos, elas se consideram inferiores, vulgares, e geralmente desistem de lutar para sair da prostituição.

Já nas regiões centro - sul e sudeste, não se pode dizer que as crianças e as adolescentes não sejam induzidas a entrar no mundo da prostituição – ou que a prostituição é uma atividade sem quaisquer complicações em torno de exploração e da violência. Pode não haver um intenso tráfico de menores ou abandono de maridos que se passam por desaparecidos - particularidades do fenômeno da prostituição no norte e nordeste brasileiros. No entanto, a falta de capacitação em outras profissões é, também, um aspecto apontado como ápice de um conjunto de condições, as quais Portela procura delinear em sua pesquisa e cita como fatores influentes no fenômeno da prostituição: a situação financeira; atritos com a família; falta de orientação (na escola, na família, na mídia); gravidez precoce (o que engloba as outras alternativas); falta de qualificação profissional; etc.

Portela procurou conhecer as motivações das prostitutas que atuam na região centro-sul. Concluiu que uma grande parte das mulheres que ingressam na profissão o faz devido ao desemprego e aos problemas familiares. *“Uma boa parte é o reflexo dos problemas sociais, ao que podemos apontar o desemprego, que atinge os pais das menores... esse caos separa famílias, elas (as jovens) se vêem sozinhas na rua”*.¹

1-Declaração feita numa entrevista concedida pelo quadrinista à autora e cujo conteúdo, na íntegra, como consta nos anexos

Há também o aspecto da violência dentro de casa, como as tentativas de sedução por parte de pais e padrastos; ou a expulsão de casa devido à gravidez. O quadrinista define esses fatores desencadeadores como um problema bastante comum entre as famílias das profissionais do sexo: a ignorância dos pais. Há casos em que as mesmas são castigadas com severidade quando engravidam dos namorados, e acabam sendo expulsas de casa. Por outro lado, quando o problema envolve tentativa de sedução por parte de pais, ou padrastos, a culpa recai sobre as jovens; pressionando-as para abandonar o lar.

O autor constatou que a faixa etária da prostituição feminina varia dentro de um amplo gradiente (dos 13 aos 40 anos). Apesar da diferença entre as mesmas e, conseqüentemente, entre as experiências de vida, o desemprego sensibiliza as pessoas para as necessidades básicas de sobrevivência, relegando para segundo plano os conceitos morais.

Os valores negativos que circulam no meio da prostituição, entre suas protagonistas, por um lado, tornam-se constantes e muitas vezes naturalizados, por outro, destroem a auto-estima das mesmas, pois vai de encontro aos conceitos morais adquiridos, e tidos como norteadores da boa conduta social. Quanto a isso, o quadrinista comenta:

“A sobrevivência passa a ser primordial e os conceitos morais tornam-se irrelevantes... trocar o corpo por um pão transforma-se num processo comum. É quando o círculo de amizades a que são obrigadas a conviver arrastam-na para as drogas primárias, como a cola, ou o crack.... o corpo e o desejo de sobrevivência são desestimulados (em detrimento da droga, que se torna mais importante), caindo na promiscuidade marginalizada”.

Considera, ainda, que há profissionais do sexo que atuam para sustentar vícios. Neste caso, o trabalho constitui um tipo específico de troca: o corpo pela droga, substituindo a troca do corpo por dinheiro. Quando a troca é por dinheiro, ela traz embutida a finalidade de sustentar a família e sobreviver. No caso da troca por droga, revela duas finalidades: manter o vício (no que se refere à necessidade física e psicológica) e a ocultação do vício da família, a qual fica resguardada dos gastos financeiros da profissional em busca da droga.

Portela verificou a existência de diferenças bastante acentuadas na divisão de status interno da profissão. Este último influencia diretamente na segurança desfrutada pela mulher que exerce a profissão e também nos ganhos. Além do que, para cada tipo de prostituição existe um esquema de transações que envolvem outras pessoas: os cafetões, donos de boates e bordéis, barmen, etc.

Observando as relações de trabalho das profissionais, no ambiente de trabalho das mesmas, Portela constatou que há uma organização dos ganhos e comissões estabelecidas para os cafetões ou donos de boates, como comenta a seguir:

“As de rua pagam aos sujeitos que se dizem ‘donos do ponto’... o perigo é bem maior, claro, porque os clientes surgem do nada, colocam – nas em seus carros e partem para lugares por elas ignorados. Metade do que ganham vai para o ‘ dono do ponto’ ou cafetões, como são conhecidos. Já nos bordeis, elas pagam uma taxa diária pelo quarto... também não há muita segurança, porque os clientes são pessoas de baixo poder aquisitivo, muitas vezes violentos. Às boates, o acesso é difícil, já que elas são escolhidas pela aparência. Entretanto, têm um lucro maior, e também uma segurança aparente. Os clientes se encaixam num padrão mais elevado e, na maioria, entre os 40 e 50 anos”.

O status interno indica, segundo o quadrista, um poder aquisitivo maior: as garotas de programas ganham muito mais do que as prostitutas de rua, e de bordel. Dentre as primeiras, encontrariam-se as estudantes universitárias, que ingressam na profissão por escolha própria, visando remuneração elevada, além de divertimento e prazer pela aventura. Para ele, alegar quebra de rotina como motivo de ingresso na profissão seria o modo mais fácil de fugir da realidade da mesma. Isto é, embora haja um aparato de organização, a violência por parte do cliente pode ocorrer independente do quão sofisticada a profissional se considere. *“Estas têm clientes com poder aquisitivo maior; a segurança pessoal destas prostitutas é mais adequada, muito embora, quando algo mais grave acontece, tudo é abafado. A lei do silêncio prevalece”.*

A visão das profissionais do sexo sobre a própria profissão também varia de acordo com o status (possibilidade de ganhos) que repercute nos diferentes níveis da prostituição. Devido à opinião generalizada sobre a profissional do sexo, a mesma costuma ser evasiva em suas respostas, ou omissa. Sua postura demonstra desconfiança devido à visão carregada de valores moralistas que se tem sobre o tema. Especialmente no caso da prostituição, o caráter da mulher é definido pela atividade que exerce. Existem conflitos do tipo: querer *versus* precisar; promiscuidade *versus* profissão; etc...

Portela comenta que, por conta da opinião preconceituosa, as profissionais adquirem um comportamento de isolamento, não propício a aproximação das pessoas em geral. *“Muitas delas são evasivas em suas respostas, outras são omissas. A desconfiança é grande, devido ao preconceito que está lá fora, pronto para devorá-las! Às vezes são arreadias. Geralmente, possuem uma revolta por tudo e por todos. Do que se conclui que foram empurradas para este tipo de vida!”*.

A relação entre a violência do cliente e a prostituição é bastante freqüente, segundo as observações de Portela; remete ao caráter de propriedade adquirido pelo corpo na transação cliente/profissional (e aí o corpo torna-se um objeto passível de ser usado ao bel prazer do “dono”). A violência surge como consequência do jogo de poder e também da liberação das emoções inaceitáveis socialmente. O cliente procura impor à profissional, sua concepção de objeto.

Complementando as considerações de Portela, Gaspar (1985) coloca que sexo é uma atividade do contexto privado das pessoas. Os papéis dos indivíduos, portanto, modificam-se em relação aos papéis socialmente aceitos. A profissional do sexo, por ser considerada como uma mercadoria, e por atuar na esfera privada (sexual), está sujeita a liberação de emoções, frustrações, e revoltas por parte dos clientes. Isso é uma visão que privilegia o ângulo do cliente, mas não o da profissional. A qual pode, em várias situações, rebelar-se contra a concepção de mercadoria. E definitivamente, o faz.

Lúcia (1986) ingressou no mundo da prostituição, e sua experiência converteu-se numa obra que retrata o mercado do sexo - tanto nas capitais do nordeste, quanto nas do centro-sul. *“Salvador é mais ameno do que Recife, em matéria de agressividade. Tanto do homem para elas, quanto delas para as próprias colegas da vida”*. A questão da agressividade é presença constante na profissão. Segundo ela, determinada

cidade litorânea teria pontos de trabalho menos agressivos, devido ao clima de confiança existente entre as pessoas - característica da cultura daquela região. *“No Rio a barra é mais pesada do que em Recife. Não só agressividade, como egoísmo. Mais egoísmo. Mais a lei do cão. Mas elas me falaram que em São Paulo é bem pior (...)”*

Além da violência do cliente, a profissional defronta-se com a intervenção da polícia, que é bastante controversa, segundo a autora. A interferência dos oficiais é variada, dependendo dos vínculos estabelecidos e dos interesses políticos específicos de cada região. Lúcia (1986, p.13) exemplifica a influência de tais aspectos na violência sofrida pela profissional do sexo, comparando a relação entre ela e a polícia de determinadas regiões:

“Aqui em Recife a prostituta só tem valor se for ladra (...) porque na hora de entrar no xadrez, ela dá do que sobrou para o guarda, para o policial. As que são honestas não valem nada pra eles. No Rio, então, a relação da polícia com a prostituta é bem pior. Porque chega ao ponto de a prostituta ... eu mesma, fui prevenida quando cheguei lá (...) porque policial aqui, ele só quer transar, ele só quer mesmo ir pra cama de graça. Se você não aceita, daí a poucos instantes você é autuada em flagrante com a maconha no bolso, mesmo sem você puxar fumo. Toma cuidado com os bolsos da calças. Quando um policial de aproximar de você, vai logo protegendo os bolsos das calças, porque facilitou, maconha entra no bolso sem você perceber. E daí você não vai dormir só com ele não. No xadrez, você vai meter com mais de três sem ninguém pagar (...)”

Em suma, o panorama que é descortinado pelas perspectivas apontadas é de extrema diversidade na atuação das profissionais do sexo. Os aspectos morais estão presentes e determinam o valor atribuído à profissão. Por conta disso, torna-se uma atividade extremamente desgastante, sofrida e repleta de riscos. A hipocrisia é uma questão que deve ser pontuada, quando se fala no assunto. Afinal, o que é prostituir-se? Em que níveis a prostituição está presente na vida das mulheres, sem que muitas assumam? Quando a

prostituição se torna uma profissão? Na rotina ou no assumir-se? Por conta destes questionamentos, as pessoas titubeiam, incertas, entre ser uma profissão, um modo de vida, ou uma degradação moral.

ESTUDO SOBRE CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFISSIONAIS DO SEXO: ANTECEDENTES E UMA NOVA PROPOSIÇÃO

O presente trabalho constitui – se no desdobramento de um projeto que conjugou investigação e intervenção social junto a profissionais do sexo de cidade litorânea. A intervenção social foi dirigida à construção de agremiação profissional de prostitutas. A investigação pretendeu realizar a caracterização das condições de trabalho de prostitutas que trabalhavam na região central da cidade litorânea. O referido projeto teve início em março de 1998, tendo sido realizado por acadêmicos da graduação de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação de um dos professores do curso de Psicologia.

Em virtude de conjugar pesquisa e intervenções, o projeto tinha como objetivos principais: conhecer as condições de trabalho das prostitutas que atuam na capital do estado, bem como verificar a receptividade das mesmas, quanto a possibilidade de organizar um sindicato, ou associação, que defenda seus interesses.

Os acadêmicos reuniram-se no Núcleo de Pesquisa em Psicologia Social Ambiental e do Trabalho e conforme as publicações realizadas em congressos nos anos de 1998 e 1999 (Silveira e colaboradores, 1998, p. 251, e outros) sobre as condições de trabalho das prostitutas de cidade litorânea, adotaram o mesmo enfoque: identificar as condições de higiene, a remuneração, e a segurança nas atividades das profissionais do sexo - reproduzindo, portanto, a metodologia daquele trabalho.

Durante a pesquisa fez-se um levantamento de instituições direta ou indiretamente relacionadas à prostituição, assim como associações de prostitutas que operam em outros estados.

As estudantes da graduação de Psicologia da UFSC, em acordo com o núcleo de Pesquisa de Psicologia do Trabalho, estabeleceram os enfoques da sua pesquisa. O planejamento e a execução do trabalho norteou-se por duas diferentes táticas empregadas para alcançar o objetivo proposto: A primeira delas visou estabelecer fontes de informações sobre a população de prostitutas de Florianópolis e sobre suas condições de vida; foram buscadas formas de aproximação com as profissionais em tela, dentre elas a realização de pesquisa sobre as condições de trabalho, quando um conjunto de profissionais foi tratado como informantes permanentes, ao tempo em que foram se tornando mais confiantes nos

entrevistadores. Uma vez estabelecido um grupo básico interessado na construção da organização cooperativa, pretendeu-se desencadear o processo de escolha e construção da nova entidade. Outra forma de aproximação com a população de prostitutas foi a participação em diversas atividades de responsabilidade do GAPA (distribuição e atendimento no “disque – aids”), instituição que é uma referência de confiança para as profissionais do sexo.

Observando os dados obtidos em pesquisa anterior de Silveira e colaboradores (1998), decidiu-se que o alvo do trabalho seria relacionado às rotinas de trabalho das profissionais do sexo de baixa-renda, que atuam na rua e boates da região central da cidade.

No dia 28 de maio de 1999, deram início à pesquisa de campo, para colher dados sobre o objeto de estudo. As pesquisadoras visitaram os locais de trabalho das profissionais, num total de quatro alunas, a fim de investigar qual seria a melhor maneira de abordarem as mesmas.

Identificaram as profissionais do sexo pela maneira como estavam vestidas e aproximaram-se casualmente: *“pedimos fogo, perguntamos se elas conheciam algum lugar para comermos. Elas foram receptivas e nos responderam educadamente, mas não conseguimos continuar a conversa, pois não sabemos como aborda-las a respeito da pesquisa”*, relatam as pesquisadoras.

Seguiram pelas ruas da cidade até se depararem com boates e casas de show. Duas pesquisadoras entraram, cogitando a possibilidade de marcar uma entrevista. As outras duas permaneceram do lado de fora. A pesquisa foi marcada com certa facilidade, para a surpresa das estudantes. A profissional do sexo revelou-se prestativa e extrovertida.

As pesquisadoras prosseguiram, até a boate seguinte; desta vez, decidiram entrar juntas: *“... e novamente nos surpreendemos, uma gentil garota e o barmen nos atenderam e facilmente marcamos uma entrevista para segunda feira, dia primeiro de junho...”*.

Na segunda feira, as pesquisadoras voltaram à segunda boate. Encontraram a mesma pessoa que as havia recebido e iniciaram uma série de contatos que visavam o estabelecimento de um vínculo de confiança por parte das profissionais do sexo.

Em junho, as pesquisadoras reuniram-se para organizar os dados colhidos e discutir o andamento da pesquisa. Estabeleceram que o procedimento de registro das mesmas seria uniforme, anotando todos os dados de observação, além da entrevista propriamente dita.

Dez dias depois, conseguiu-se um mapa das principais ruas da cidade e praça XV. Início-se, paralelamente, a organização da bibliografia disponível sobre o assunto. Foram combinadas novas idas a campo, nas quais procuraram colher mais dados e realizar novas entrevistas.

Estabeleceu-se, em 17 de junho de 1999, que o caráter da pesquisa seguia um desenvolvimento longitudinal, devido às possibilidades de aproximação com as profissionais do sexo.

Como material obtido, verificou-se que algumas entrevistas necessitariam de retorno dos pesquisadores a campo, a fim de conseguir mais dados que esclarecessem aspectos obscuros sobre as condições de trabalho na prostituição.

Desta forma, as pesquisadoras estabeleceram laços de camaradagem com as entrevistadas, num trabalho que durou cerca de dois anos. Houve, posteriormente, a tentativa de formar parceria com uma ONG, a qual também desenvolvia trabalhos envolvendo a prostituição. Entretanto, por questões políticas, a iniciativa não obteve êxito e a organização assumiu a coordenação das atividades relacionadas as profissionais do sexo. O que resultou numa pausa do projeto inicial das pesquisadoras.

Em junho de 1999, iniciaram-se novas idas a campo, e os pesquisadores realizaram cerca de 30 entrevistas com profissionais do sexo, cujos dados revelaram os seguintes aspectos: não foram constatadas diferenças entre a variação da idade das profissionais, em relação à média da clientela diária, ao uso de preservativos, ou ao grau de escolaridade. Verificou-se, entretanto, que há relação entre o grau de escolaridade e a justificativa dada pelas profissionais como um dos principais motivos que as levaram a ingressar na prostituição. A pouca instrução, segundo a maioria das entrevistadas, proporcionou a escassez de ofertas de emprego e, conseqüentemente, salários incompatíveis com a necessidade de sustentar a família. A prostituição tornou-se, conseqüentemente, solução a curto prazo.

As respostas das entrevistadas revelaram, ainda, que a alta rotatividade e a migração das profissionais estão relacionadas ao preconceito que envolve a atividade. Mudam-se de cidades e locais de trabalho constantemente, devido à preferência dos clientes por mulheres que sejam recém-chegadas no local. Por constituírem novidade (*“carne nova no pedaço”*, como algumas definem) e pela impressão de serem iniciantes na atividade (*“pouco usadas”*). Fatores apontados também nas entrevistas realizadas por Freire (1997:77) segundo o qual, os clientes possuem uma opinião definida a respeito: *“De acordo com a fala dos entrevistados, podemos observar que quanto maior for o número de relações sexuais que uma mulher tiver (neste caso a prostituta) mais degradada fisicamente ela estará, como um buraco, que quanto mais cavado, mais dilacerado fica”*. Sendo mercadoria, numa transação financeira de troca, a profissional do sexo passa a ser tachada como material usado e de segunda mão. Por esta razão, os clientes preferem manter relações com profissionais que fujam do estigma de *“gastas e usadas”*. Seguindo a crença popular masculina corrente de que é preciso *“ser um dos primeiros, senão o primeiro, a provar do produto antes que se estrague”*.

Por outro lado, o que leva as profissionais do sexo a se locomoverem de uma região a outra é a necessidade de preservar a família da maledicência. Então, elas viajam e trabalham longe de suas cidades de origem.

Em suma, as pesquisadoras da graduação de Psicologia, através do instrumento proposto, obtiveram dados valiosos pertinentes ao cotidiano das profissionais do sexo, dando ênfase aos riscos envolvidos na profissão e como elas lidam com as situações perigosas, bem como com a clientela em geral. Os dados coletados numa primeira etapa do projeto, mais voltada à construção de uma base para o diálogo com as prostitutas, foram fundamentais para que um novo patamar de análise dessa situação pudesse ser buscado.

O presente trabalho partiu das observações feitas e consistiu numa releitura dos dados levantados no projeto realizado pelo Núcleo de Estudos em Psicologia Social Ambiental e do Trabalho. Para tanto, foram retomados os arquivos pesquisados anteriormente, que consistiam em transcrições de entrevistas e registros realizados pelos entrevistadores. O novo exame do material foi realizado a partir do enfoque sobre a relação entre as condições de trabalho e a consciência das profissionais do sexo. Segundo o referencial adotado, a consciência é muito mais do que um processo de esclarecimento

quanto aos riscos da profissão (DST, violência, drogas, etc...). Consciência envolve todo um processo de experiências de vida e formas de aprendizado diante de situações adversas. No recorte epistemológico proposto, é um instrumento psicológico formado através da atividade, ao mesmo tempo em que é formador e modelador da mesma.

Como as profissionais do sexo se apropriam do significado que envolve a sua profissão? De que maneira isso influencia na administração de suas condições de trabalho? Apenas o esclarecimento sobre DST basta para prevenir epidemiologias? A alienação e assunção de papéis estereotipados, envolvidos no seu cotidiano impedem (o que se assume como hipótese para o presente trabalho) a boa administração das condições de trabalho? As perguntas suscitam discussões que privilegiem a contradição entre espaço e recursos físicos de trabalho e espaço e recursos psicológicos. Parte-se da hipótese de que, por serem profissionais que apresentam atitudes introvertidas na maioria dos casos, dividir a sua intimidade com pessoas que possam ouvi-las e orientá-las, seria uma maneira de encontrar uma identificação com dificuldades comuns ao seu grupo, no intuito de desenvolver uma identidade social mais fortalecida e unida (em relação aos vários segmentos de prostituição, os quais se hostilizam mutuamente): realizar um trabalho que envolva psicólogos e/ou qualificar a profissional do sexo para agir como ouvinte das colegas, como multiplicadora de um processo evolutivo em termos de qualidade de vida faz-se mister; qualificação que poderia ser empreendida com aquelas que apresentam um perfil de liderança, maior sociabilidade em relação às companheiras, e interesse em adquirir conhecimentos além do dia-a-dia ("*a lida*", como elas mesmas denominam).

Por tratar-se de uma pesquisa realizada com profissionais do sexo que atuam nas ruas e boates e que percebem baixa remuneração, as pesquisadoras da graduação constataram que os ganhos em ambos os lugares pouco diferem. As diferenças ficam por conta das condições físicas e da liberdade de atuação. As profissionais de boates estão sujeitas às drogas e bebidas (já que devem fazer o cliente consumir o máximo possível), assim como às péssimas condições de higiene dos quartos de hotel. Além disso, elas não têm liberdade para escolher o cliente. Devem se relacionar com quem entrar na boate e solicitar seus serviços. Já as profissionais da rua têm maior liberdade para escolhê-lo, e através da experiência, preterem aqueles que consideram perigosos.

As profissionais do sexo possuem rotinas de trabalho caracterizadas pela cautela ao lidar com estranhos. Qualquer pessoa pode se tornar um futuro cliente. E distinguir elementos perigosos entre a clientela é um dos requisitos necessários para a auto-preservação.

Dependendo do tipo de prostituição é difícil tirar a profissional do seu ambiente de trabalho para realizar uma entrevista. As profissionais que possuem moradia e telefone disponível colocam anúncios no jornal estabelecendo horários e combinando os encontros por telefone. As profissionais que exercem a atividade temporariamente, para custear projetos pessoais (tais como: curso universitário, compra de casa própria ou carro) possuem horários mais flexíveis. O mesmo ocorre com aquelas que se prostituem através da internet – autônomas ou agenciadas. Em relação às profissionais de rua ou boate, qualquer minuto que disponham é um minuto em que podem atrair um cliente.

Dado o alvo de estudo do trabalho das graduandas ser a profissional do sexo de rua e/ou de boate – seria pouco proveitoso tirá-la de seu ambiente de trabalho por dois motivos:

1º) Ela estaria perdendo clientes e poderia relutar em aceitar a proposta para a entrevista. E caso aceitasse, uma série de variáveis intervenientes poderia influenciar no processo. Entre elas, a desconfiança em relação à pesquisa.

2º) Um ambiente considerado neutro para o entrevistador pode ser considerado inibidor para a profissional do sexo, havendo a possibilidade de influenciar significativamente nas respostas da mesma. O principal fator é que elas não costumam transitar fora de seu ambiente, considerado como um universo simbólico discriminado pelos indivíduos pertencentes a outros segmentos da sociedade. Segundo as pesquisadoras da graduação, as profissionais do sexo evitam sair, com receio de ficarem marcadas e rotuladas como prostitutas ou para evitar a hostilidade das pessoas em geral.

Em contrapartida, no seu local de trabalho, as entrevistadas sentem-se menos intimidadas a responder as perguntas da entrevista, haja vista que as profissionais do sexo são descritas como um grupo de difícil acesso, extremamente cauteloso ao tratar com pessoas estranhas, como igualmente pontua Gaspar (1985) ao relatar o contato estabelecido com suas informantes.

Qualquer tipo de trabalho acadêmico ou jornalístico requer o estabelecimento de contatos que garantam o sigilo da identidade do entrevistado. O sigilo é necessário para qualquer publicação que envolva terceiros, salvo aquelas que contam com autorização da parte citada (para fins biográficos). Contudo, em relação as profissionais do sexo, o item sigilo teve de ser enfatizado para que elas confiassem nas entrevistadoras. Ênfase que não representaria mais do que palavras vazias, caso não transmitissem confiança através da postura das entrevistadoras: abordagem cuidadosamente casual, relativamente descontraída e despojada de qualquer indício de preconceito; demonstrando, ao mesmo tempo, a seriedade e a finalidade do projeto. As profissionais do sexo apresentam um perfil de pessoas extremamente observadoras, fato que explica parcialmente a esquiva de clientes potencialmente perigosos. A postura, gestos, e olhares, constituem na imagem que elas constroem sobre o tipo de pessoas com as quais estão lidando.

Levando-se em consideração tais aspectos, a tática empregada foi estabelecer contato direto com as profissionais – sendo que as entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho. Método que se revelou eficaz para a obtenção das informações em Silveira e colaboradores (1998, p.251), assim como nas outras pesquisas citadas sobre prostituição. A persistência por parte das entrevistadoras na etapa do projeto em que se realizavam os primeiros contatos, serviu como estímulo e fonte de confiança das profissionais; um vínculo estabelecido no decorrer de um detalhado trabalho; em que dados foram colhidos para determinar qual seria a melhor forma de abordagem e intervenção. Pelo caráter prolongado dos contatos estabelecidos, uma significativa produção na área da Psicologia do Trabalho foi sistematizada pelos alunos. Quer seja no tocante à iniciativa de apoio às profissionais do sexo (Heidrich, e colaboradores, 1998); quer seja no estudo exploratório para a formação de uma cooperativa de profissionais do sexo (Costa, e colaboradores, 1998). Também foi possível delinear o espaço da prostituição realizada na região central da cidade (Ferreira, e colaboradores, 1999), entre outros textos.

A pesquisa realizada pelos alunos da graduação entrevistou no meio prostituinte com o intuito de proporcionar às profissionais um repensar crítico e atuante sobre as dificuldades profissionais cotidianas. Entretanto, devido a situações de ordem política, presentes nos auxílios anteriormente prestados, as etapas seguintes do projeto não foram

realizadas. Os dados obtidos tornaram-se essenciais, porém, para a realização do presente trabalho.

Através de outras fontes de pesquisa, buscou-se traçar um conjunto de variáveis pertinentes ao tipo de prostituição investigado. Os dados da pesquisa acima citada descortinaram um amplo conjunto de fatores, cujo enfoque dado é pioneiro: a prostituição como profissão, da qual sobressaem conhecimentos específicos desenvolvidos pelas profissionais. Até então, a prostituição era vista como um fenômeno cuja intervenção visava a “cura” de “desvios” de comportamento e mudanças de atitudes.

Pode-se dizer que a consciência das profissionais do sexo é uma forma de condição que influencia nas atitudes, comportamentos, e posicionamentos enquanto cidadã e trabalhadora frente aos fenômenos da sociedade brasileira. A atuação da consciência está entrelaçada pelo desenvolvimento da identidade profissional.

A identidade das mesmas é freqüente alvo de estudo da sociologia. Gaspar (1985, p.91), através do enfoque das representações sociais, pôde realizar uma pesquisa, entrevistando as profissionais e observando o ponto de vista dos clientes. *“De maneira mais sistemática pode-se dizer que a visão de mundo da prostituição, que as garotas professam, é organizada segundo critérios hierarquizantes baseados nas possibilidades de ganho e no status social”*). A partir desta compreensão, pode-se dizer que as profissionais do sexo sentem-se mais ou menos valorizadas no mercado sexual, dependendo do status que ocupam, e chegam a desprezar as modalidades de prostituição inferiores as suas, (no sentido de darem pouco valor comercial às mesmas).

O status interno da profissão é sintetizado por Gaspar (1985, p.93), de acordo com o depoimento de um informante que relata:

“Segundo a metáfora usada pelo informante, trata-se de uma série de peneiras superpostas, as primeiras com a malha aberta, pela qual passariam as mulheres menos valorizadas no mercado sexual – ou seja, as que podem ser encontradas à noite nas ruas e em algumas boates mais populares -, e as últimas, com a malha mais fechada, pela qual só passariam mulheres bonitas, sensuais e com conhecimento de certas regras de conduta indispensáveis para acompanhar

os clientes mais exigentes (saber se portar à mesa, numa reunião, etc)”.

As observações da autora indicam que a auto-estima das profissionais do sexo está diretamente relacionada ao status que ocupam dentro da profissão, e também, da formação moral de cada uma – até que ponto há atrito entre os valores morais e as circunstâncias sócio-econômicas que levam à prostituição, provocando intolerância, ou não, desconforto, ou não, na consciência de cada uma delas.

No Brasil, a grande maioria das pesquisas com profissionais do sexo são financiadas por agências governamentais ou não (ONG) e buscam conhecer as rotinas e o ambiente em que a prostituição ocorre, a fim de que, através dos dados obtidos, elaborem-se cursos acessíveis, ou oficinas, cujos objetivos incidem sobre o desenvolvimento de uma atuação crítica das profissionais do sexo frente a saúde pública. O que torna mais premente a necessidade de se considerar a consciência como alvo de estudo das condições de trabalho das profissionais do sexo, a fim de alcançar resultados consistentes em relação à atuação crítica da mulher e a melhoria na qualidade de vida no trabalho (não só em relação ao combate das DST, mas no que diz respeito à segurança, higiene, direitos, deveres e auto-estima das profissionais).

As pesquisas brasileiras seguem um referencial impregnado pela visão curativa, e não preventiva, que predomina na saúde pública. Ao focar as rotinas das profissionais do sexo em relação as DST, têm como alvo principal o combate à proliferação de doenças de forma imediata e superficial. Algumas pesquisas, no entanto, procuram escapar do contexto curativo que envolve as instituições de saúde nacionais.

Machado, Leandro e colaboradores (1995), ao realizarem as oficinas “Pensando sobre sexo e AIDS” com profissionais do sexo da região centro-oeste, identificaram como problema de pesquisa a dificuldade de informação acessível à linguagem das profissionais do sexo sobre doenças sexualmente transmissíveis, bem como, os fatores que dizem respeito ao risco ocupacional ao qual as mesmas estão expostas, devido às atividades que desempenham.

Ao estudarem a incidência da sífilis, hepatite, e HIV nas profissionais do sexo de baixa renda na região centro-sul, Silva e colaboradores (1996) investigaram a negociação do sexo seguro. Utilizaram como estratégia de acesso à população-alvo a realização de uma

campanha intitulada “Semana da Saúde das Profissionais do Sexo”, em que os tratamentos clínicos e ginecológicos foram oferecidos gratuitamente. Durante a campanha, 73 profissionais concordaram em participar do protocolo da pesquisa.

O estudo revelou que as profissionais confirmam tomar os devidos cuidados para evitar as doenças venéreas. A maioria conhece e sabe utilizar o preservativo, pois a finalidade do mesmo é amplamente difundida pela mídia. Não costumam, entretanto, realizar os exames de rotina (mamografia e papanicolau). Outro dado levantado é que a negociação do sexo seguro pode mudar a opinião de algumas profissionais em relação ao uso do preservativo; depende da quantia oferecida pelo cliente no contrato verbal, e do risco que a mesma se dispõe a correr por causa das suas necessidades pessoais.

Sterenfeld e colaboradores (1997, p.03) por sua vez, vinham desenvolvendo, desde 1991, um modelo de intervenção junto às profissionais do sexo e seus clientes na região centro-sul, visando “*promover a adoção de comportamentos preventivos, através do desenvolvimento de lideranças comunitárias e do fortalecimento de entidades de defesa dos direitos das profissionais do sexo*”. Encontraram, como principal dificuldade para a adoção de comportamentos preventivos, a falta de consciência das profissionais e de uma identidade profissional - relacionado com o preconceito em relação a atividade prostituinte, tanto da parte da comunidade quanto das próprias profissionais. A prostituição é considerada como uma atividade vil e imoral. Entretanto, a inserção dos pesquisadores e a busca em conjunto por melhorias atuaram diretamente na auto-estima das mesmas, pois desta maneira, se desfaz a idéia do grupo de que o restante da sociedade não se importa com suas dificuldades e desafios. Assim, elas passaram a expressar suas idéias e opiniões para melhorar a qualidade de vida no trabalho e no cotidiano. Indiretamente, a auto-estima foi trabalhada no decorrer do processo.

Em ação conjunta com ONG e órgão do governo da região centro-sul, Rocha (1998) realizou um estudo sobre como chamar a atenção da população em geral e a específica (prostitutas de rua – excluídas dos hotéis) para os altos riscos da infecção através do sexo em logradouros públicos das cidades litorâneas da região sul. O projeto intitulou-se, em ambos os estados, como: “Na Batalha Pela Saúde”. As profissionais do sexo que não tinham condições de levar seus clientes em hotéis ficavam sujeitas ao maior risco em relação às doenças, quando realizavam suas atividades em locais públicos. A circulação da polícia e

de transeuntes levava as profissional e clientes a fazerem sexo de maneira bastante improvisada, rápida, e descuidada (descartando-se a utilização do preservativo). Além de tudo, os ambientes públicos citados apresentavam alto índice de insalubridade.

Quadro e Martinez (1999) desenvolveram um trabalho de prevenção contra o vírus da AIDS com profissionais do sexo, através de grupos sistêmicos estabelecidos por identidade e afinidade: homens, mulheres e travestis que se reuniam quinzenalmente na sede do GAPA de cidade metropolitana da região sul, com o objetivo de discutir assuntos relacionados ao universo da prostituição. Os encontros tinham finalidade terapêutica, visando atuar sobre a auto-estima dos grupos. A pesquisa descobriu que aspectos de gênero e identidade sexual estão relacionados diretamente ao preconceito sofrido pelos grupos, e que os mesmos apresentam motivações diferenciadas, influenciadas pelas identidades sexuais dentro dos valores socialmente aceitos e tolerados.

Em relação aos temas prostituição e psicologia, foram encontrados vários textos que constam na base de dados (Psyclit) das décadas de setenta, oitenta e noventa. Dentre eles, observou-se a frequência com que os cientistas sociais se interessam pela questão do estereótipo relacionado à profissional do sexo. A respeito dos enfoques dados ao tema prostituição, verificou-se uma linha de pensamento direcionada pelo pressuposto de que a mesma já foi comumente considerada como desvio (grupo dos excluídos), mais do que uma profissão como outra qualquer. As prostitutas seriam pessoas que apresentariam desvios de comportamento, atuando na marginalidade. E nesse aspecto, comparava-se o grupo das prostitutas aos grupos envolvidos com o crime (delinquência), além dos grupos das perturbações mentais, dos drogados, e das pessoas oriundas de famílias desestruturadas, de baixa renda; embora o enfoque e os grupos-alvos para o estudo da marginalidade se modificassem ao longo dos anos. Algo que reflete as mudanças do papel da mulher na sociedade, após a revolução sexual da década de sessenta. Se outrora a prostituição era proibida em determinados países, atualmente é permitida, como no caso de algumas regiões da Europa; aonde a prática da prostituição já não é considerada crime.

Em determinado país-chave no conflito das grandes guerras mundiais, por exemplo, a prostituição era ilegal. Mas atualmente, a legislação determinou que é uma atividade profissional como as outras – deixando quaisquer polêmicas para o âmbito da moralidade de cada indivíduo. Entretanto, na década de setenta, a visão sobre o papel da

mulher e da prostituição era diferente da posição atual. Na época, as ciências sociais estudavam a prostituição como desvio de comportamento. Deusinger (1975) aplicou testes em vinte mulheres presas por praticarem prostituição, comparando-as a outras vinte detentas, condenadas por inúmeras ofensas, as quais designou como grupo de controle. A autora procurava estudar grupos considerados marginalizados, envolvidos em contravenção. Para tanto, aplicou testes que pudessem auxiliá-la a verificar as diferenças que porventura sobressaíssem entre ambos os grupos. Principalmente, no que diz respeito a soluções de problemas e situações consideradas pelos referentes grupos como inevitáveis, levando-os ao crime. O trabalho envolveu uma etapa posterior, aonde a autora testou outros dois grupos de adolescentes do sexo masculino, que haviam sido presos por acusações específicas e/ou mistas. A autora visou estudar a estrutura da personalidade de delinquentes juvenis, detidos por diferentes razões, entre elas, a prostituição (considerada naquela ocasião, legalmente, como ato criminoso). Haveria uma nivelção, em termos de marginalização desses indivíduos, porém, com diferenças internas de *status* criminal.

Na década de oitenta, a prostituição continuaria sendo assunto polêmico, em termos de valores sociais, mas o enfoque dado deixaria parcialmente a visão relacionada à criminalidade e enveredaria pelas escolhas morais e as causas que levariam as mulheres a seguirem esse tipo de “vida”. Em 1982, Meyer elaborou listas com oitenta tipos de resoluções de várias mulheres e suas opções profissionais: áreas possíveis de atuação, e estilos de vida alternativos. Além de opiniões quanto ao planejamento familiar, menopausa, aborto, prostituição, escolhas sexuais, papéis femininos, etc. A autora visou criar um panorama das escolhas das mulheres desde a formação educacional das mesmas, até a visão que elas apreendiam dos seus papéis, principalmente, no âmbito sexual, e de que forma essas escolhas afetavam o cuidado com a saúde feminina. Considerou-se que a formação educacional e a familiar influenciavam nas escolhas de vida das mulheres e das suas condições de saúde.

Já é possível verificar que os questionamentos sobre a prostituição recaem sobre as próprias correntes, que buscam respostas para as causas do fenômeno. Newman e colaboradores (1985) realizaram uma revisão de literatura dos últimos duzentos anos de evolução no estudo da prostituição feminina, por ordem de entendimento sobre o significado das recentes inovações em termos de análise e soluções da profissão do sexo. Quatro linhas,

ou escolas de interpretação foram identificadas: (1) Da era moralista vitoriana / o determinismo biológico; (2) Reforma progressiva antes e depois de Primeira Guerra Mundial; (3) A sociologia acadêmica dos anos trinta; (4) E a psicanálise dos anos quarenta. Cada uma destas linhas enfatizava um aspecto em particular da atuação prostituinte, ao longo da história.

No item (1) o motivo de existir o fenômeno da prostituição era atribuído à degradação moral (no sentido de degradação dos valores de determinadas mulheres) relacionada aos genes ruins que, progressivamente, circunscreviam socialmente a área de vida e atuação da prostituta, bem como suas relações na pobreza social. A prostituição era atribuída a fatores hereditários. A prostituta teria o defeito no sangue; o que refletia o determinismo biológico da época. Por outro lado, sobrevivia a visão popular, proveniente da idade média, de que as ações da prostituta eram manifestações de possessão do demônio (visão difundida pela igreja). A reforma progressiva (2) incidiria na sociologia de maneira a acompanhar os novos pensamentos que fruíam de acordo com as mudanças políticas, religiosas e ideológicas decorrentes da revolução industrial e que culminariam na Primeira Guerra Mundial – período em que se ressaltava o nacionalismo e a libertação dos países dominados economicamente (nacionalismo).

Retirando o foco do individual para a sociedade (3), os sociólogos passaram a reexaminar a função da prostituição e aplicaram suas concepções às áreas de desvios de conduta, papéis, e gênero. A eles, seguiram-se os psicanalistas tradicionais (4), que retomaram o foco de estudo centrado no indivíduo: nas memórias da mente sobre as primeiras experiências que acarretaram no comportamento patológico. Se antes a prostituição era determinada pelos genes defeituosos, agora seria produto de experiências traumatizantes, oriundas da infância.

O texto também re-avalia as hipóteses referentes ao comportamento tido como patológico. Nas escolas apresentadas, percebe-se a grande preocupação das interpretações científicas em explicar a causa do fenômeno. Perspectivas correntes sobre a prostituição incidem nas experiências pessoais da profissional do sexo e dos fatores que influenciam na forma de vida e nas escolhas da mesma, segundo a autora.

Na década de noventa, a busca da causa da prostituição ainda persistiria. Portanto, verifica-se que os enfoques mudam, mas a moralidade embutida no tema estudado,

não. Considerando tais aspectos, Jesson (1993) pesquisou a prostituição na adolescência e as conseqüências desta atividade, as quais proporcionaram perspectivas sombrias, segundo a autora, no tocante às explicações sobre o motivo de ingresso na prostituição. A autora promove uma discussão a respeito do tema à luz do feminismo, buscando respostas sobre as causas do fenômeno social da prostituição: fatores patológicos, de personalidade, o papel da família, etc. O ponto de discussão passa pelo equívoco em estudar a prostituição buscando respaldo científico para desconfortos morais da sociedade em geral, inclusive, dos cientistas sociais.

Para entender o porquê das adolescentes envolverem-se com a prostituição, utilizou-se a carreira de modelo a fim de exemplificar a incidência da atividade prostituinte como parte de um grupo de serviços sociais. O corpo e a imagem estão associados, assim como o famoso trampolim na carreira, o qual depende muitas vezes da mulher agradar as pessoas “certas”. Este é um campo relativamente novo de interesse e, conseqüentemente, tem muito pouca pesquisa publicada no Reino Unido. A prostituição, neste caso, é vista como uma atividade que ultrapassa o gueto profissional e seus lugares por excelência. Pelo contrário, pode ocorrer de forma adjacente às profissões normalmente exercidas pelas mulheres. Principalmente, se as referidas coincidirem em alguns aspectos: como a valorização do corpo e da imagem.

Com a mudança ocorridas entre os gêneros masculinos e femininos, decorrentes da revolução sexual, a prostituição passou a englobar novo tema que tornou-se alvo de estudos: a prostituição masculina. Joffe e Dockrell (1995) examinaram as idéias de profissionais do sexo masculinos concernentes aos seus encontros sexuais, seus (as) parceiros (as), e seu papel na sociedade. Procuraram saber como ocorre a relação entre a identidade social dos mesmos e as necessidades pessoais envolvidas, influenciadas pelo estigma das práticas sexuais vigentes. Observe-se que o período de publicação da pesquisa de Joffe e Dockrell coincide com a proliferação dos clubes para mulheres e, conseqüentemente, com a popularização da profissão do sexo masculina.

A prostituição masculina segue a lógica da valorização recente da androgenia do corpo humano, colocada em evidência pelo mundo da moda nas duas últimas décadas. O homem passa a se preocupar mais com a forma e com as necessidades físicas que antes eram consideradas exclusivas do universo feminino. A maneira de ganhar dinheiro através do

sexo, que antes era tabu para o homem, passa a ser permitida – dentro de uma lógica aceitável de demonstração de masculinidade (para eles) e uma demonstração de direitos iguais (para elas). Contudo, a discriminação sexual sofrida pela mulher é trazida para o âmbito da prostituição. Os homens são vistos como liberais, arrojados, especialistas em sensualidade; enquanto as mulheres são consideradas como depravadas - no julgamento de outros segmentos sociais ao compararem os dois tipos de prostituição. Segmentos aos quais também pertence a clientela. Rickert e Rickert (1995) estudaram características demográficas: os comportamentos sexuais avaliados pelos próprios estudantes universitários entrevistados (clientela em potencial), e o conhecimento dos mesmos sobre a AIDS. Neste sentido, os autores procuraram relacionar comportamentos de risco com aqueles que se encaixam num perfil homossexual, bissexual, ou promíscuo (freqüentadores de prostíbulo). Estes últimos são encaixados na categoria aonde se praticam atividades de alto risco em relação aos contágios de doenças venéreas. Visão que é difundida entre clientes e não-clientes.

A prostituição apresenta esteriótipo depreciativo, em termos de valores morais, em relação a outras profissões. No intercruzamento entre os esteriótipos das atrizes pornográficas e das profissionais do sexo americanas, Polk e Cowan (1996) buscaram a representação negativa na visão dos estudantes do sexo feminino e masculino que freqüentam o curso colegial.

A pesquisa revelou que os estudantes em geral consideram a atriz de filme pornográfico como uma profissional que representa imagem negativa em relação às mulheres em geral, porém, menos negativa do que representa a da prostituta. O esteriótipo relacionado às primeiras, segundo os (as) entrevistados (as) armazenam um conjunto de comportamentos tidos como menos pejorativos e mais aceitáveis do que o esteriótipo relacionado às segundas e seus respectivos comportamentos.

Na visão dos adolescentes, a relação entre a sexualidade e o dinheiro exprime um valor inaceitável: o sexo sem sentimentos. No caso das atrizes pornográficas, a atuação é restrita, com atores escolhidos e não clientes desconhecidos, como no caso da prostituição. Verifica-se, neste aspecto, uma visão de que a profissão de atriz pornográfica apresenta degradação inferior a que a prostituta apresenta – que seria um tipo de degradação

superior. Desta maneira, os valores morais influenciam na maneira como as pessoas tratam as diversas profissões exercidas pelas mulheres.

A ATIVIDADE COMO MEDIAÇÃO ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

1 – Caracterização da prostituição

1.1 - Contexto Histórico

Em suas extensivas pesquisas históricas sobre as atividades que envolvem a prostituição, Rossiaud (1991) e Murphy (1994) concordam que ela tem uma função na sociedade patriarcal, cuja valoração, em distintos períodos históricos, é bastante diferente. Remete-se à teia de poder e a tensão que sustenta a relação entre os pólos; alternadamente dominados e dominantes no decorrer da história. À prostituição cabe um papel na sociedade patriarcal, em que o poder público transpõe a representação do falo; papel de legitimação da masculinidade como força que detém o poder. Em contrapartida, a prostituição, ao mesmo tempo, concede um poder indireto à mulher sobre o poder legitimado do homem.

O papel histórico da prostituição seria construído em função das concepções religiosas vigentes, bem como, dos interesses políticos envolvidos no mercado sexual.

“No apogeu do império sumério, no quarto milênio A.C. os sacerdotes mantinham um bordel no templo da cidade de Uruk (...) o kakum, ou templo, era dedicado à deusa Ishtar, filha gloriosa dos deus supremo Anu, e obrigava três classes de mulheres. O primeiro grupo se limitava a desempenhar funções nos ritos sexuais do templo, enquanto as mulheres da segunda classe se movimentavam por área do santuário e recebiam os visitantes interessados em combinar fornicção com religião”, (Murphy, 1994, p.52).

A profissão do sexo encontra o desgaste da polêmica por ser constantemente transpassada por valores morais, ou moralistas. Isto é, por causa de uma ideologia em que a valorização negativa foi concebida na ótica religiosa ortodoxa e cristã.

Podendo ser definida como uma forma de prestação de serviços, ou troca de favores, a prostituição não só é uma prática antiga como freqüente na sociedade patriarcal. Desde o concubinato (em que um homem tomava uma ou mais amantes e provinha-lhes o sustento) passando pela prostituição propriamente dita, em que as mulheres viúvas, reféns de

guerra, órfãs, ou pobres, viam-se forçadas a trabalhar nos bordéis; até o casamento forçado, em que o pai oferecia a filha a outro homem que preenchesse os requisitos estabelecidos pelo patriarca.

A valorização negativa, contudo, ocorreria com a difusão dos princípios cristãos. Concomitantemente, na Idade Média, através da instauração das chamadas Santas Inquisições, a mulher de vida sexual duvidosa poderia facilmente ser condenada por bruxaria. A explicação da igreja, em relatos de sacerdotes da época, associava a fornicção às práticas demoníacas. O ato sexual não deveria envolver satisfação ou prazer, tão pouco deveria ser uma prática freqüente na vida dos fiéis. O sexo teria única e exclusiva finalidade reprodutiva. Portanto, mulheres que faziam da prática sexual sua maneira de ganhar o sustento, eram consideradas imorais, influenciadas pelo demônio.

Segundo Vainfas (In: História da Vida Privada no Brasil, organizado por Novaes e Sousa, 1997, p.240), no Brasil colônia, período em que vigorava a sociedade escravagista, a prostituição era prática destinada às escravas e às ex-escravas. No caso das primeiras, o objetivo daquelas mulheres era sobreviver entre a brutalidade da escravidão¹ (mesmo por quê, não tinham escolha ao aceitar, ou não, os avanços dos senhores e dos feitores). No caso das últimas, não havia mercado de trabalho que absorvesse a mão-de-obra das chamadas mulheres “forras”. Aquelas que deixavam as senzalas - além de possuírem moral duvidosa - eram negras, mulatas, ou índias. Havia uma atribuição negativa no tocante a cor da pele, que contribuiu para que a prostituição fosse vista como depositário da imoralidade: envolvia o tabu sexual cristão e o preconceito racial arraigado.

A escassez de mulheres brancas dividia, nitidamente, os papéis femininos na mentalidade masculina da época: *“branca para casar, mulata pra foder, negra pra trabalhar”*, era o chavão corrente entre os homens (Vainfas, in: História da Vida Privada no Brasil, organizado por Novaes e Sousa, 1997, p.240). A igreja católica não-ortodoxa instalada no Brasil, e conhecida como Santo Ofício, permitia a chamada fornicção simples – prática adotada pelos portugueses em relação às negras, mulatas e índias, as quais recebiam a denominação de “mulheres públicas”. *“(...) eram as índias, as “negras da terra”, as recorrentemente assimiladas a prostitutas e mulheres públicas. (...) que, em troca de uma camisa ou qualquer coisa, podiam ser fornicadas à vontade, que isso não ofendia a Deus”*².

1- Os proprietários das escravas exerciam o controle que, nos dias de hoje, atribui-se aos cafetões.

2 - Eram raras as mulheres desta categoria que não contraíssem sífilis e contaminassem aos parceiros - e a recíproca era verdadeira. Freire (1986) diria que o Brasil parece ter-se sifilizado antes de haver civilizado.

No Brasil colônia, a vigilância sobre a mulher era intensa. Havia uma forte pressão direcionada a doutrinação da sexualidade feminina. Fenômeno social decorrente do fundamento religioso existente em torno do pecado de Eva. O homem era considerado um ser superior à mulher e, portanto, a ele cabia exercer a autoridade. As mulheres deveriam, conseqüentemente, sujeitar-se ao seu domínio: o homem tornava-se responsável pelas suas escolhas, pela sua vida afetiva, e até mesmo pelo seu conhecimento. “De modo que o macho (marido, pai, irmão, etc.) representava Cristo no lar. A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisiáca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, deveria ser permanentemente controlada”. (Araújo, in: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.46).

A mulher era considerada um ser imperfeito, pela própria natureza de Eva (por ter sido gerada a partir de uma costela de Adão). E nunca se perdia a oportunidade de lembrar a mesma o mito do Éden, o qual traduz o estigma que torna a mulher predisposta à transgressão, isto é, ao pecado.

O controle sobre a mulher incluía, além do comportamento, os trajes, a instrução, e a ocupação da mesma. Aquela que era considerada digna vestia-se com recato, utilizando tecidos com cores discretas. Sua instrução deveria proporcionar-lhe conhecimentos domésticos, tais como: costurar, cozinhar, receber convidados, cuidar dos filhos, e do marido. O mundo público lhe era proibido. De tal sorte, que raras vezes podia sair de casa - e nunca desacompanhada.

“Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro (...) ou vestuário suntuoso; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas. Durante a instrução, a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. (...) que ela conserve, pois o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi reduzido, mas a mulher que, seduzida caiu em transgressão. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na

santidade” (Araújo, in: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.46).

A prostituição na sociedade colonial seria definida, segundo Figueiredo (In: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.59), como uma expressão típica da pobreza e da miséria social da mulher. Para a sociedade, a prostituta representaria a impureza, o pecado, e a imperfeição da mulher, tão combatida pela igreja. Costumava-se associar a meretriz às praticas demoníacas e bruxarias, pois quem cedia ao instinto sexual - à “tentação da carne” - chocava as pessoas decentes, trabalhadoras, as boas famílias, e só poderia ser apóstolo do Diabo.

Contudo, as mulheres que trabalhavam também eram mal vistas. O trabalho era domínio público, portanto, pertencia ao homem. Mas as necessidades de sobrevivência obrigavam muitas mulheres a ignorar as convenções. As ex-escravas logo ingressavam em vários tipos de ofícios a fim de sustentar a família. Evidentemente, as mulheres provenientes de famílias abastadas tinham o privilégio e a obrigação de não trabalharem, exceto em benefício da paróquia e da comunidade. Questão que seria decidida, entretanto, de acordo com a aprovação do pai ou do marido, se este permitisse sua saída de casa.

Os registros históricos indicam, segundo Figueiredo (In: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997), que as mulheres trabalhadoras também eram vigiadas, em termos de conduta moral, tornando-se suspeitas de praticar a prostituição aos olhos da sociedade em geral. Algumas efetivamente realizavam atividades prostituíntes, ocasionalmente. Entretanto, o tratamento dispensado pelas autoridades às mulheres de baixa renda que trabalhavam constituía em coerção exercida às classes sociais desfavorecidas; fortalecendo o esteriótipo, da época, sobre as mulheres de moral duvidosa. E marcando, portanto, a dicotomia entre o papel da mulher falada *versus* a mulher honesta - delimitando o espaço físico e psicológico de ambas na sociedade.

De qualquer maneira, a prostituição tornou-se uma forma naturalizada de exploração das escravas alforriadas. Contava, inclusive, com a conivência da igreja, a qual combatia aparentemente o meretrício, porém, não condenava os homens por procurarem as mulheres-damas (como as prostitutas eram denominadas). Afinal, eles possuíam necessidades sexuais “naturais” e se tornariam menos cordatos caso não tivessem como dar vazão aos instintos represados. Segundo Figueiredo (In: História das Mulheres no Brasil,

organizado por Priore, Mary, 1997) a prostituição era paradoxalmente repudiada por um lado, e uma forma de controle utilizado pela igreja, por outro.

A prostituição e todo o contexto que a envolveu, teve como grande palco (na história do Brasil Colônia) o cenário oferecido pela capitania de Minas Gerais.

“Vimos que muitas escravas dedicadas ao pequeno comércio entregavam-se ocasionalmente à prostituição, pressionadas pela obrigação que possuíam de pagar uma determinada quantia acertada com seu proprietário. A prostituição, entretanto, não se restringiu a esse grupo específico, sendo largamente disseminada e aceita pela cultura popular em Minas Gerais” (Vainfas, in: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.155)

Haveria razões especiais para que Minas Gerais liderasse o ranking da prática prostituinte, em relação ao restante das colônias: as exigências absurdas das autoridades locais, visando os aspectos burocráticos envolvidos na realização dos casamentos legais; e a grande mobilidade dos trabalhadores dedicados à mineração (atividade freqüente na época), o que dificultava o desenvolvimento de laços afetivos duradouros; o relacionamento superficial, com as prostitutas, era algo mais conveniente. As regiões em que se concentrava o maior número de mineradores encerrava, também, os maiores núcleos de prostituição daquela capitania.

“Acompanhando a distribuição geográfica da prostituição ao longo da capitania, pode-se perceber que embora espalhadas por todos os pequenos arraiais, as mulheres se concentravam nos núcleos urbanos de importância, como Vila Rica, sede da a capitania e centro político administrativo. Assiste-se a um processo e, que o número de meretrizes se expande nas cidades e vilas próximas aos centros de mineração” (Vainfas, in: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.157).

Havia outro condicionante para a expansão do meretrício na capitania: as pesadas cargas tributárias cobradas em toda a colônia. O empobrecimento das famílias de classe baixa levava as mulheres à prática da prostituição.

“As mulheres pobres e forras seriam fortemente marcadas com a introdução do novo método de cobrança do quinto a partir de 1735. Esse direito que possuía a Coroa Portuguesa de receber 20% sobre todo o ouro retirado de seus domínios (...) As mulheres pobres ingressavam na prostituição e imigravam para as regiões e cidades caracterizadas pela exploração dos minérios (ouro e prata) e pela atuação político – administrativa” (Vainfas, in: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.157).

Algumas cidades como Barbacena – centro político de grande importância – teria a fama de abrigar abertamente (para os ditames da igreja: escandalosamente) as meretrizes. Sendo a cidade *“célebre, pela quantidade de mulatas prostitutas que a habitam, e entre cujas mãos estes homens deixam o fruto do trabalho”* (Vainfas, in: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.157).

Proliferaram, pois, os prostíbulos (ou casas de alcouce, como ficaram conhecidos), distribuindo-se indistintamente entre residências familiares e sedes de órgãos públicos. Caracterizavam-se, porém, por constituírem cômodos pobres, aonde eram combinados os encontros amorosos. Sua administração geralmente era entregue aos escravos ou escravas, cujos proprietários encontravam na atividade prostituinte uma forma de ampliar seus lucros e investimentos.

O contra-ponto: por um lado, a prostituição tornava-se uma ampla teia de relações de poder, que envolvia a movimentação financeira e atingia patamares de classes sociais acima de quaisquer suspeitas para os cidadãos mais puritanos. Por outro lado, era intensamente combatida pelas autoridades e pela igreja. A principal preocupação das autoridades, na época, ficava por conta da relação entre a prostituição e o aumento no número de filhos abandonados, gerados nas relações “ilícitas”. As autoridades chegavam a procurar as mães e penalizá-las legalmente.

As prostitutas eram identificadas pelos apelidos sugestivos e pelas roupas ousadas. Por isso, elas necessitavam do auxílio de pessoas que pudessem transitar pelos dois ambientes (o socialmente aceito e o considerado devasso) a fim de contatar os clientes.

As pessoas dedicadas a realizar a tarefa eram chamadas de alcoviteiras, e se responsabilizavam pelo leva-e-traz de recados para as prostitutas – marcavam os encontros, e facilitavam as ações das mesmas. Haja vista que não era conveniente para o cliente ser flagrado sequer cumprimentando uma prostituta. Não poderiam os homens de bem se expor ao falatório. Ao transitar pelo meio socialmente aceito, a prostituta corria o sério risco de afugentar a clientela, além de ser escorraçada pelas autoridades da comunidade. Os (as) alcoviteiros (as) faziam a ponte entre ela e o cliente. Tarefa que chegou a ser bastante lucrativa no período colonial, como é mostrado no trecho a seguir:

“(...) alcoviteirice: homens ou mulheres se dedicaram a facilitar as condições para o intercuro. Podiam oferecer sua própria casa para isso ou somente passar bilhetes e cartas em que detalhes do encontro seriam acertados, tirando daí algum ganho (...) Alguns pareciam viver da função de leva – e – traz da comunidade, facilitando o serviço das prostitutas. (...)” (Vainfas, in: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.159)

A clientela das prostitutas era diversificada. Segundo Figueiredo (In: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.158), era de conhecimento público que toda a população masculina, proveniente das mais diferentes classes sociais, entre civis e militares, solteiros e casados, brancos, negros e índios, procuravam-nas; inclusive, até mesmo autoridades do legislativo e eclesiásticas.

O ambiente em que viviam e circulavam as prostitutas era palco de divertimentos, e favorecia aos homens de bem a liberação de sentimentos reprimidos socialmente. Conseqüentemente, os ambientes de trabalho das prostitutas ficavam sujeitos, constantemente, a atos de violência. Três dimensões interligavam-se – à medida que, no espaço delimitado para a prostituta, encontravam-se vários agentes provocadores de instabilidade, abalando a moral dos homens honestos, tentando-os ao mau caminho: ocorria uma tensão entre a culpa sentida por ceder à tentação, e a culpa que atribuíam às meretrizes,

por provocá-los. E novamente, remete-se ao mito de Eva, que corrompida pela serpente, tirou Adão do caminho da virtude. A culpa atribuída às meretrizes seria responsável pela maior parte dos incidentes de violência, envolvendo moradores, autoridades, e clientes.

“Houve uma falha na formação da primeira mulher (Eva), por ter sido criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrário à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona a mente” (Araújo, in: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.46).

A mulher teria uma cobiça carnal insaciável, segundo as explicações de demonologia de Kramer e Sprenger, presente nas explanações de Araújo (In: História das Mulheres no Brasil, organizado por Priore, Mary, 1997, p.46). O que explicaria, segundo os autores, a predisposição das mulheres à bruxaria e à luxúria. As famílias deveriam vigiar atentamente suas mulheres, a fim de que o nome das mesmas não caísse em desgraça.

Já as famílias das prostitutas, geralmente, estavam envolvidas no ramo. O meretrício passava de geração para geração. Se havia separação entre o lugar das mulheres honestas e faladas, também havia para suas famílias de origem. Portanto, As famílias das meretrizes não tinham acesso ao nível considerado virtuoso pela sociedade.

O ápice da divisão de papéis femininos descritos acima, dar-se-ia no século XIX; período chamado pelos historiadores de “era vitoriana”. As mulheres em geral não tinham acesso ao trabalho – exceto às atividades consideradas próprias para elas, tais como: costura, culinária, e magistério. A posição social feminina, bem como as atividades exercidas relacionadas a mesma, é definida por Pedro (1994) como detentora de aspectos originados na dicotomia mulher falada *versus* mulher honesta. Seu estudo abrange o final do século XIX, detendo-se especialmente na sociedade de capital litorânea da região sul do país, a qual ainda guardava severos resquícios do conservadorismo e puritanismo europeus, aliados à cultura e tradições açorianas. O feminismo, porém daria seus primeiros passos através das sufragistas, como parte integrante de mudanças engatilhadas pelas minorias, no mundo europeu – espelho do mundo, na época.

Pedro ressalta que o mercado de trabalho era restrito às mulheres que provinham de classe inferior (mulheres de famílias abastadas não trabalhavam). Aquelas que pertenciam às classes baixas, e precisavam trabalhar, apresentavam conduta considerada correta, ao contrário do que se pregava na época do Brasil colônia. Entretanto, as profissões que fugissem do padrão estabelecido como digno, mesmo que não envolvessem favores sexuais, eram enquadradas pelo senso comum no ramo da prostituição. Na época, foram relacionadas e classificadas: as atrizes de teatro de revista, as dançarinas, as garçonetes, e as cantoras. Toda forma de exibição do corpo feminino, ou exposição em demasia da mulher no âmbito público - sugerindo sexualidade - constituíam em ofensas, depravação e vaidade. Conseqüentemente, consolidavam-se como vulgarização da mulher, cujo pecado original provocava e desvirtuava os homens de bem..

Através do monumental casamento da rainha Vitória da Inglaterra, a instituição do matrimônio, da família, e dos valores referentes à virgindade encontraram seu apogeu. As bodas ganharam um significado diferente, e o que antes era valorizado através do mesmo - a manutenção dos bens familiares - revestiu-se de capa romântica, tornando-se o sonho das mulheres em geral: encontrar o príncipe encantado.

Ao mesmo tempo, iniciava-se uma política mundial de saúde pública, que era ditada pela estética e aparência, de caráter curativo e não preventivo das causas das doenças. Às autoridades, não cabia saber o que ocorria com as minorias, desde que não perturbassem a ordem e a boa imagem de suas cidades.

Na capital litorânea da região sul do país, especificamente, as mulheres que se prostituíam trabalhavam na região central da cidade - onde hoje se localiza o mercado público. Segundo Silveira e Caldas (texto por concluir: 2001/Curso de Psicologia da UFSC), no início do século XIX, o comércio era efetuado em barracas em torno das quais as camadas de baixo poder aquisitivo se instalavam. Assim como havia o espaço específico para as camadas menos e mais abastadas, havia o espaço reservado às minorias em geral: lugares destinados à mulher, ao negro, ao índio, ao deficiente, e as prostitutas¹.

Às minorias, revertiam estigmas relacionados à sujeira (associada à cor da pele escura), e a deteriorização de princípios e valores cultivados pelas camadas abastadas, e pela nobreza. Surge, pois, o discurso higienista, o qual pregava a necessidade de limpar as ruas dos indesejáveis e causadores de epidemias. Esse discurso foi adotado amplamente

¹ -Leve-se em consideração que a prostituta era considerada uma aberração da natureza, já defeituosa, da mulher. Todo a mulher teria a "tendência" a cair em tentação e a prostituta seria o símbolo do seu fracasso social.

pelas autoridades, pois consistia em argumento para justificar o desenvolvimento e o progresso social empreendido pelo governo. Não levavam em consideração, entretanto, que combatiam apenas as conseqüências e não as causas das epidemias.

A construção do Mercado Público da cidade litorânea estudada, em 1851, seria uma forma elegante - porém, coercitiva - de expulsar as minorias que “atentavam contra a moral e os bons costumes” (ditado muito difundido na época). Como é esclarecido no trecho a seguir, delimitou-se o espaço físico da prostituição que hoje se conhece.

“Assim, o espaço visual do Mercado Público foi abandonado e as prostitutas de baixo meretrício se deslocaram para as ruas vizinhas. No início do século XX, o discurso de higienização e as mudanças urbanas continuaram influenciando o poder público. A população estava idealizando o projeto de uma cidade limpa e saudável”. (Silveira e Caldas, 2001:02).

A higienização das cidades brasileiras atingiu principalmente a área onde ficavam os mendigos, camelôs, e prostitutas – delimitando, inclusive, o espaço geográfico dos (as) mesmos (as) e sua atuação. Na cidade litorânea, a atividade prostituinte deslocou-se da região do mercado público para as proximidades.

A praça, segundo Pedro, era o espaço reservado às boas famílias; aonde as mesmas se reuniam logo após a missa – evento extremamente valorizado. Com o passar dos anos, a família foi perdendo seu espaço em razão do aumento gradativo da agitação urbana e das alterações na representação do trabalho e dos gêneros, ocorridas na sociedade contemporânea. Hoje em dia, a praça deixou de ser um lugar da família, efetivamente, tornando-se apenas um lugar de passagem para pessoas que seguem em direção a outros ambientes. A prostituição, atualmente, é realizada no espaço da Praça XV, que utiliza o seu espaço físico como chamariz para atrair clientes.

Posteriormente, a prostituição envolveu as áreas próximas ao terminal rodoviário, compreendendo, essencialmente, as ruas centrais, no perímetro do Mercado Público – seguindo o traçado do início do século.

1. 2. - As Condições de Trabalho das Profissionais do Sexo.

Ao estudar a formação da identidade social das garotas de programa, Gaspar (1985) considerou que a consciência das profissionais do sexo é foco de investigação à medida que estão explícitas dimensões constituintes da interação entre a percepção e o meio social: a relação com o “outro”, o desempenho de papéis, a situação de status e o processo de aprendizagem, dentro da profissão.

Analisando a construção da identidade social da garota de programa, Gaspar delinea as visões delas próprias e do trabalho, que são construídas através das vivências singulares, da educação recebida, assim como da visão que o “outro” (a sociedade) tem sobre a sua atividade. O outro seria representado pelos clientes – que são porta-vozes da moralidade – que realizam incursões ao mundo dos sentidos sem, no entanto, assumi-los como parte saudável de suas vidas.. Eles, em sua maioria, tratam a profissional do sexo segundo uma gama de preconceitos formados na coletividade. Dentro do status de cliente, valer-se-iam uma postura de superioridade perante as profissionais que atuam no considerado submundo.

Gaspar define quatro categorias que definem as profissionais do sexo na visão dos clientes:

- Elas são “todas iguais”;
- Mentirosas e teatrais;
- Perigosas e escandalosas;
- Promíscuas (sexo, doença e dinheiro).

A autora salienta que o estigma é o mecanismo pelo qual ocorrem os desvios da identidade. Em termos lévi-straussianos, acompanharia um modelo nativo de desvio, passando pelo próprio desvio da personalidade. O discurso das garotas de programa dialoga com essa afirmação. De modo a neutralizar o conceito de desvio da conduta e da moral referentes às mulheres que exercem atitudes prostituíntes - termo utilizado pela autora para definir a atuação da profissional do sexo. Basicamente, o discurso das profissionais do sexo gira em torno do eixo da consciência, visando definir moralmente categorias de mulheres que se dedicam à prostituição, para hierarquizá-las - tanto ao nível comportamental, pelo trabalho, quanto em relação a posição social da clientela que a procura. “*As garotas*

demarcam fronteiras e limites ao admitirem que de fato são prostitutas, mas que são diferentes e, portanto, melhores do que as que fazem 'ponto' em determinadas ruas ou as que usam drogas em excesso”, (Gaspar, 1985, p.89).

A atribuição de estigma a outras modalidades de prostituição é, portanto, um dos elementos estruturantes no processo de formação da consciência da profissional do sexo, do qual fazem parte, também, a construção da identidade e os processos ininterruptos de aprendizagem (a maneira como a profissional aprende a lidar com seu meio).

Entende-se que, especificamente na atribuição de estigmas, as condições de trabalho (segurança, higiene, vantagens e lucros) oferecidas pelos diferentes segmentos da prostituição, é responsável não só pela divisão de status, mas pela seleção das profissionais com o perfil mais compatível com os respectivos segmentos. Gaspar coloca que as profissionais do sexo assumem papéis e o desempenham de acordo com a demanda, sendo eliminadas pela acirrada concorrência e, muitas vezes, pelos conflitos pessoais; seus valores aprendidos. Tais conflitos transitam na esfera da consciência. A autora complementa:

“As garotas, entrevistadas (...) demonstram sempre a preocupação em se distinguir das mulheres, que se dedicam a um tipo de prostituição considerada inferior ao seu próprio segmento. Tendência que parece ser uma constante entre as mulheres que têm essa atividade (...) no universo estudado, o principal crivo é, portanto, o que estabelece fronteiras e discrimina o segmento inferiorizado. As garotas incorporam assim preconceitos que recaem de maneira genérica sobre as prostitutas ao afirmarem que as outras é que são como o senso comum pensa”, (Gaspar, 1985, p.92).

Reagir com vigor, distinguindo o segmento considerado inferior ao seu, transforma-se na maneira delas combaterem a uniformidade. O discurso direcionado para a distinção, deixa implícitas as condições das mesmas como mercadorias e sua relação com o dinheiro (os ganhos marcam profundamente o desenvolvimento e manutenção da auto-estima).

O segundo atributo de Gaspar é a mentira e a teatralidade, descritas pelos clientes como freqüentes:

“ Em várias entrevistas com garotas pude deduzir que os fatos contados uma vez entraram em contradição com os narrados em outra ocasião. Com respeito à história de vida, tive sempre a sensação de me ter sido apresentado algo pronto e preparado, o que lançava dúvidas sobre os dados obtidos. Cabia-me portanto, saber lidar com essa contingência, que não é em absoluto exclusivo desse grupo”, (Gaspar, p.93).

Ao focar as atividades das garotas de programa de cidade litorânea da região centro-sul, cujos locais de trabalho por excelência são as boates, Gaspar (1985, p.36) também ressaltou, através de um recorte antropológico, o problema da violência que envolve a profissão do sexo. Quanto a isso, comenta: *“Não é exclusiva à região etnográfica estudada a associação entre prostituição e violência. De forma sucinta, pode-se mesmo argumentar que há uma associação mais geral, e logicamente anterior, entre sexo e violência, como o expressam com clareza, por exemplo, os filmes pornográficos nacionais”*. Contudo, na prostituição, essa correlação recebe o reforço de vários outros fatores, na proporção em que é vista como mercado do sexo, isto é, o mesmo que venda de mulheres ou de corpos femininos.

A prostituição constitui modalidade de prestação de serviços, caracterizada pela troca de coisas distintas. A prostituta oferece algo que lhe pertence – o corpo - em troca de dinheiro. O corpo pode ser considerado um termo legítimo na troca, anulando *“ a pessoalidade do outro e impõe a idéia de compra”*. Entretanto, há muito mais por trás dos termos da negociação, que fica obscuro em relação aos serviços estipulados neste contrato. É comum que o cliente, por estar pagando, sinta-se como proprietário, ou dono da mercadoria - da mulher - atribuindo-se direitos de dispor dela como bem quiser, infligindo-lhe suplícios tanto físicos, quanto psicológicos. As garotas de programa, para se protegerem, elaboraram diversas estratégias e mecanismos de controle, no sentido de evitar ao máximo, situações perigosas.

A prostituição, atualmente, é debatida sob vários aspectos: morais, culturais, e religiosos. Num país em que o corpo é extremamente valorizado e inscrito simbolicamente na cultura e na linguagem de um povo miscigenado – a profissão adquire dimensões de polêmica – de repúdio ou de solidariedade. A linha entre a prostituição, como forma

independe de ganhar o próprio sustento, e a sujeição aos valores patriarcais é muito tênue, pois pode constituir um momento da vida de uma mulher e pode, sob óticas diferentes, ser considerada um ato de prostituição ou não.

De qualquer forma, a prostituição tem uma função na sociedade patriarcal, legitimando seus valores – que se infiltram em todas as dimensões sociais, principalmente no mercado de trabalho, que ainda é dominado pelos homens. Esta dominação restringe as opções das mulheres às profissões de submissão moral e econômica ao patriarcado. Saffioti (1987, p.8) ressalta:

“Não é difícil observar que homens e mulheres não ocupam posições iguais na sociedade brasileira (...) A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem”.

Hoje em dia, a prostituição não é campo exclusivo das mulheres. Contudo, a prostituição masculina parece não conter uma conotação tão negativa quanto a feminina, a julgar pela febre dos clubes de mulheres, amplamente difundidos pela mídia e criando ares de glamour, através das novelas globais brasileiras. No artigo de Angarani (*in Nova*, jun/95), a maioria dos homens entrevistados na região centro-sul que ocupam um status elevado na divisão interna da prostituição, apresentam um perfil atraente: caráter audacioso, vontade de “curtir” a vida, grande sensibilidade para os gostos sexuais das mulheres e geralmente apresenta grau de instrução elevado. Já o perfil das profissionais, nas pesquisas apresentadas no presente texto, é de pessoas calejadas, agressivas, e interesseiras; envolvem-se na prostituição só por causa do dinheiro. Esta visão foi construída, geralmente, a partir do ponto de vista dos clientes, como coloca Freire (1997), em sua tese de mestrado sobre as representações do cliente na região nordeste. O que corrobora com o argumento de naturalização, apresentado por Saffioti. Os papéis exercidos por homens e mulheres são naturalizados na sociedade patriarcal, assim como também é naturalizada a valorização atribuída a esses papéis. A mulher que se prostitui é vagabunda, o homem que faz o mesmo

é *bon vivant* ou *aventureiro*. Evidentemente, toda regra tem exceção. E no caso da prostituição masculina, também ocorrem as divisões de *status* intrínsecos à profissão, da mesma forma em que as profissionais do sexo se subdividem em; garotas de programa, baixo meretrício (*as street walkers* segundo Gaspar, 1985), damas de companhia, massagistas, tele-sexo, etc. E nesta divisão, os caminhos que levam à prostituição agrupam-se em torno do status de acordo com as necessidades pessoais: curiosidade, ganhos financeiros imediatos, ambições e projetos pessoais, sustento do vício (drogas), inovação do repertório sexual; etc. Os riscos de violência incidem, principalmente, entre os meninos que cheiram cola e os homossexuais – cuja modalidade de prostituição não lhes oferece segurança e a clientela passa por pouca ou nenhuma seleção no decorrer da prestação dos serviços.

Da mesma maneira, a consciência da profissional do sexo é transpassada por valores conflitantes (necessidade *versus* marginalidade), devido ao desprezo e à violência presentes em determinadas modalidades de prostituição, consideradas menos seguras. E isso repercute em suas condições físicas de trabalho. A consciência da profissional é uma forma de condição que influencia nas atitudes, comportamentos, e posicionamentos – enquanto cidadã e trabalhadora – frente aos fenômenos da sociedade brasileira. Quanto à identidade profissional das prostitutas, Gaspar (1985:91) comenta que, a partir do enfoque das representações sociais, pôde construir um perfil entrevistando as próprias profissionais e, também, a partir do ponto de vista dos clientes. “*De maneira mais sistemática pode-se dizer que a visão de mundo da prostituição que as garotas professam é organizada segundo critérios hierarquizantes baseados nas possibilidades de ganho e no status social.*” A partir desta compreensão, pode-se dizer que as profissionais do sexo sentem-se mais ou menos valorizadas no mercado sexual. Dependendo do status que ocupam, chegam a desprezar as modalidades de prostituição inferiores as suas (no sentido de darem pouco valor comercial). A distribuição das modalidades, segundo a autora, seguiria os argumentos vigentes no próprio meio em que ocorre a prostituição:

“Segundo a metáfora usada pelo informante, trata-se de uma série de peneiras superpostas, as primeiras com a malha aberta, pela qual passariam as mulheres menos valorizadas no mercado sexual – ou seja, as que podem ser

encontradas à noite nas ruas e em algumas boates mais populares - e as últimas com a malha mais fechada, pela qual só passariam mulheres bonitas, sensuais e com conhecimento de certas regras de conduta indispensáveis para acompanhar os clientes mais exigentes (saber se portar à mesa, numa reunião etc)” (Gaspar, 1985, p.93).

A auto-estima das profissionais do sexo estaria, portanto, diretamente relacionada ao status que ocupam dentro da profissão, e também, da formação moral de cada profissional. Até que ponto o atrito entre os valores morais e as circunstâncias sócio-econômicas que levam à prostituição provocam intolerância, ou não, desconforto, ou não, na consciência de cada uma delas...

2 – A construção da consciência.

Dentro da psicologia sócio-histórica, a visão de homem e de mundo está baseada na relação dialética que ocorre entre ambos. O homem realiza atividades que influenciam no ambiente em que vive; modificando ou perpetuando crenças, valores e costumes anteriores a sua existência. Da mesma forma, constitui-se pelo ambiente.

As condições sociais, que englobam essas crenças, valores e costumes, resultam de atividades de gerações passadas. Nessa perspectiva, Neves (1997) salienta: O indivíduo é considerado um ser concreto, cuja consciência é mediada pelo social. É o resultado, sempre provisório e em transformação, de uma construção histórica e social; não podendo ser compreendido isoladamente de suas relações e vínculos. É através da atividade que o indivíduo desenvolve sua consciência; internalizando os fenômenos sociais, constrói o seu saber e o seu posicionamento frente àqueles.

Para Neves (1997, p.11): “*Homem e sociedade vivem, portanto, uma relação de mediação, em que um expressa e contém o outro, sem se diluir, sem perder sua singularidade (...) temos como tarefa de psicologia a busca deste indivíduo na sua singularidade*”. E é na singularidade que ele vai internalizar e expressar sua condição

histórica, seus valores e suas experiências (processo, este, que caracteriza a construção da consciência).

Estabelecendo como orientação teórica e metodológica para este estudo as considerações de Vygotsky e Bakhtin – cujos estudos contemplam os campos da psicologia e da lingüística – concebe-se como ponto de partida o laço entre a linguagem e a formação da consciência. Se a linguagem humana pode ser considerada como um fenômeno psicológico, e como aspecto mediador entre o pensamento e o meio, em suas funções mais complexas, a atividade social mostra-a primeiramente como objeto que favorece a interação em contextos específicos, e isto é fundamental na constituição do próprio pensamento e da consciência.

Uma dos aspectos centrais das considerações de Vygotsky (1993) – teórico soviético do início do século XX, cuja contribuição foi essencial para a construção de uma psicologia histórico-cultural - era delinear um enfoque adequado para abordar as funções psicológicas complexas: criatividade; memória; e resolução de problemas. Pesquisando essas funções, ele elaborou a hipótese que estabelecia como principal elemento da consciência humana o conceito de mediação.

Vygotsky admitia, em sua teoria, a existência de uma base reflexa no comportamento dos homens e dos animais, mas considerava os processos psicológicos humanos como fenômenos complexos e dotados de especificidade; era ilógico reduzir o comportamento humano a um desencadear de reflexos, como outros estudiosos da época consideravam. Vygotsky associou-se a Luria (Vygotsky e colaboradores, 1988), este último era também um cientista e teórico dos fenômenos da mente humana. Portanto, seu colega desde 1924. Ambos afirmavam que havia conexões indiretas entre os estímulos recebidos pelo homem e as respostas emitidas, cujo canal era a mediação.

Eis um conceito – o de mediação – que alicerçará os processos de desenvolvimento mental da criança, estando sempre associado à linguagem, cujo papel é fundamental nesse desenvolvimento. Ao mesmo tempo, enfatiza-se o caráter social e histórico do processo. Desta maneira, é fazendo parte do cotidiano do indivíduo - tendo sentido em sua atividade - que a linguagem auxilia no posicionamento do mesmo, fornecendo-lhe um panorama histórico de sua sociedade.

Luria desenvolveu o programa científico de Vygotsky, e então, realizou experimentos que demonstraram: a estrutura do pensamento depende de como se organizam as formas de atividade dominantes, em culturas diferenciadas; apontando para as raízes sócio-históricas dos processos cognitivos básicos. Ou seja, a formação da consciência humana se vincula diretamente às práticas e às formas de cultura vigentes. O sistema simbólico mais adequado para estabelecer a formação da consciência e da mente é a linguagem verbal “... a consciência é a forma mais elevada de reflexo da realidade; ela não é dada a priori, nem é imutável e passiva, mais sim formada pela atividade e usada pelos homens para orientá-los no ambiente” (Luria,1990, p.23). Entretanto, a reorganização interna da realidade, que dialeticamente molda a consciência e por ela é moldada revela que algo a mais ocorre no novo arranjo: A consciência “*não apenas adapta-se a certas condições, mas também reestrutura-se*”. (Luria,1990, p.23)

Bakhtin (1992), por sua vez, no mesmo contexto histórico, elabora uma filosofia da linguagem, relacionando a Psicologia à perspectiva sociológica e a linguagem. Estas áreas e seus teóricos se encontram em muitos pontos. Vygotsky e Bakhtin, certamente, romperam com o empirismo e o inatismo. E Bakhtin, embora não sendo psicólogo, é um autor utilizado na discussão que envolve a abertura de novos caminhos para a Psicologia.

São instrumentos psicológicos, segundo Vygotsky (1996): a língua, o cálculo, as expressões artísticas, o texto escrito, os esquemas e diagramas, os símbolos algébricos, os mapas, desenhos, e toda sorte de signos convencionais, historicamente construídos. O que estas operações têm em comum, e dão orientação a este conjunto, é o fato de serem criações artificiais da humanidade, portanto, produtos da mente humana. Trata-se de elementos direcionados para a própria sociedade e, portanto, se desenvolvem a partir de uma mobilização interna. O que significa que, com o amadurecimento mental, os estímulos externos vão se tornando supérfluos. Assim, a lógica da teoria de Vygotsky, como delinea Leontiev (Vygotsky e colaboradores, 1988), o conduz aos problemas da interiorização (alguns teóricos preferem chamar de internalização, porém, não nos deteremos à polêmica existente entre os termos, pois não é nosso objetivo). A consciência seria, pois, formada nesse processo. Dentro desta concepção, não é possível a existência de uma consciência desvinculada, à parte da influência social.

A questão linguística dos estudos de Vygotsky incentivou muitos lingüistas a investir num trabalho interdisciplinar, assim como aprofundar conhecimentos sobre o método sociológico proposto por Bakhtin (1997) para a análise de vários aspectos que envolvem a formação e manutenção das línguas, incluindo a sintaxe, as formas discursivas, e a teoria do texto.

A relação existente entre pensamento e linguagem gerou impasses teóricos em muitas áreas. Em alguns textos, Vygotsky concluiu que o pensamento limita-se à linguagem interna. A ontogênese do pensamento teria a seguinte configuração: linguagem em voz alta – murmúrio – linguagem interior. O desenvolvimento de uma metodologia histórico-genética por parte de Vygotsky (1996), entretanto, levou-o a considerar que a linguagem é um instrumento psicológico que atua como forma mediadora no estágio inicial do pensamento (isto é, da atividade prática). O resultado desse aspecto de mediação é o que ele denominou de pensamento verbal.

Do ponto de vista ontogenético, seria da mesma maneira. E a partir desta hipótese, seus sucessores encontrariam pontos que alimentariam discussões polêmicas nas releituras de sua obra e nas de Jean Piaget, que investigava a relação pensamento/linguagem, ontogeneticamente. Piaget desenvolvia a hipótese de que a primeira fase de linguagem na criança é egocêntrica, quer dizer, na infância manifesta-se uma associabilidade que seria original; com a socialização, este fenômeno iria desaparecendo. Já para Vygotsky, a linguagem é social desde sua origem, e a chamada linguagem egocêntrica não some, outrossim, interioriza-se, funcionando como importante instrumento psicológico, valendo-se da mediação.

A idéia de Piaget incide na natureza interna da estruturação do pensamento, que depois se abre para o social e se desdobra em linguagem. Em decorrência, a chamada “fala egocêntrica” configuraria em uma espécie de isolamento mental da criança - e o pensamento lógico/fala socializada - adaptados à realidade. A fala egocêntrica, no processo tal como encarado por Vygotsky, na sua qualidade oral, representaria externamente uma forma de fala interior. Esta, por sua vez, será formadora de processos como a imaginação, a organização, o planejamento, a memória, e a vontade.

Este constructo foi pragmaticamente observado em vários estudos, enfatizando-se os procedimentos nas etapas generalizantes. O que possibilitou uma nova

perspectiva teórica: os instrumentos psicológicos, que auxiliam na generalização, transformavam-se em componentes através dos quais as crianças associam determinados valores, devido a função de localizar respostas aos problemas que lhe eram apresentados. Desta maneira, Vygotsky denominou esses estímulos de “signos”, encontrando neles o significado. Vale à pena pontuar, de acordo com Leontiev (Vygotsky e colaboradores, 1988), que este avanço teórico encontra respaldo na cultura humanística, que proporcionou os conhecimentos em semântica e semiótica. A interdisciplinaridade colocou a linguagem no centro de sua teoria psicológica. Começando por outro lado, Bakhtin atinge o mesmo terreno, e suas teorias, hoje, podem ser amplamente usadas:

“... não lidamos com palavra isolada funcionando como unidade da língua, nem com a significação dessa palavra, mas com o enunciado acabado e com o sentido concreto: o conteúdo desse enunciado” (Bakhtin, 1997, p.310).

A significação que ocorre com a palavra, dentro de um contexto, que é o enunciado, volta-se ao cotidiano, para a realidade em que ocorre a comunicação entre os indivíduos. Devido a isso, a atividade do homem e a formação da consciência passam não só pela significação da palavra – enquanto eixo da língua, mas pela adoção de uma postura responsiva-ativa.

Vygotsky, por sua vez, acredita ser essencial a formação de conceitos nos processos de desenvolvimento, que se definem na idade de transição, quer dizer, entre a infância e adolescência. O conceito surge como um complexo psicológico. Outra maneira de delinear-lo é avaliá-lo como “*um sistema de apreciações, reduzidas a uma determinada conexão regular*” (1996, p.122).

Do ponto de vista lógico, o conceito seria um conjunto de aspectos que sobressaem do todo correspondente, realçados em determinadas situações; os conceitos aproximam vários aspectos de objetos considerados singulares sob outros ângulos. Existem objetos que poderiam ser visualizados através de um conceito que se relaciona à generalização realizada a partir das características daqueles objetos. A lógica formal poderia responder que houve estagnação do desenvolvimento e dos conhecimentos sobre os respectivos objetos. Vygotsky, porém, pensa ser um processo positivo – já que surge uma perspectiva mais abrangente dos objetos em questão; trata-se de um processo que implica

em relações dialéticas e dialógicas. Desta maneira, quando o conceito vai ficando mais amplo, e enquadrando novos objetos, formam-se conexões: ao se buscar outros objetos para um conceito em particular, caracteriza-se uma significação, e o conhecimento a respeito dos objetos se articulam. É assim que Vygotsky afirma que é reconhecido para cada objeto *o seu lugar no mundo* (1996, p.121) – e a articulação do saber para cada objeto, no todo, forma uma concepção de mundo.

Essa transição comporta, ao longo do desenvolvimento, significações que moldam continuamente a formação da consciência. *“Pensar com base em conceitos significa possuir um determinado sistema já preparado, uma determinada forma de pensar, que ainda não predeterminou em absoluto o conteúdo final a que se há de chegar”*, (Vygotsky, 1996, p.123).

Na infância, pensa-se em conceitos inicialmente de outro sistema de pensamento, que Vygotsky denomina: conexões complexas. São conexões tangíveis e organizadas em relação ao objeto, cuja mediação acontece através da memória. O conceito, conseqüentemente, alude a um espectro abrangente da realidade: a personalidade, os valores morais, a maneira de ver o mundo e a si mesmo, e o caráter se formam. Pode-se dizer que atingir esta fase significa atuar num ritmo de metacognição: pensar sobre o próprio pensamento (reflexão).

Historicamente, há um outro campo importante de idéias: o meio sócio-cultural em que vivemos molda os conceitos e as formas de pensar do indivíduo, desde a infância. Incluem-se, segundo Vygotsky, a afetividade e os sentimentos. Não apenas sentimos, como reagimos motivados pelos afetos e desafetos – e somos capazes de reconhecê-los na maior parte das vezes, porém, nem sempre. Tecemos, entretanto, conceitos acerca da raiva, do amor, do ciúme, da inveja, da solidão, etc. Conceitos e sentimentos não podem ser dissociados, além de serem moldados pelos valores vigentes, construídos historicamente. Os sentimentos interagem em complexo sistema com os conceitos. Para Vygotsky, as emoções devem se tornar alvo de estudo. Exemplifique-se, em sua obra, o ciúme: *“ Os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos maometanos de fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa* (1996, p.127).

Pesquisando sobre as funções denominadas superiores, Vygotsky (1996) considerou que elas surgem em dois momentos no desenvolvimento humano: primeiro, coletivamente – interpsicológico (estabelece-se uma ligação entre a criança e as pessoas próximas); posteriormente, volta-se a um comportamento para si mesma - intrapsicológico. A linguagem, certamente, é o meio de comunicação entre os indivíduos e o mundo, e um meio, igualmente, de compreensão pessoal. Isto é, o indivíduo constrói o seu conhecimento, e constrói a si mesmo.

Vygotsky determinou dois tipos de conceitos: os cotidianos e os científicos. Os primeiros dizem respeito à prática, a aquisição do conhecimento diária e diretamente, na resolução de problemas imediatos, de forma espontânea. Os conceitos científicos, ao contrário, são acúmulos históricos de conhecimentos adquiridos ao longo da história, transportados para o nível abstrato da significação; generalizações que norteiam o pensamento, mas não determinam valores individuais construídos frente aos mesmos. Assim, ocorre uma dependência entre os conceitos, da qual resulta uma formação de sistemas. Há o reconhecimento da própria atividade mental, posteriormente, numa etapa de reflexão sobre o objeto questionado. Particularmente nesse processo, o caminho vai do irreal e dedutivo ao real e indutivo: o indivíduo descobre o próprio conceito, à medida que vai conhecendo o científico, e então, desenvolve sua maneira de pensar.

A relação entre o pensamento cotidiano e o científico torna-se um ponto de comunhão entre as teorias de Vygotsky e Bakhtin, no que diz respeito ao fundamento histórico, e à formação acadêmica. Através de Bakhtin (1992, p.115), os conceitos de ideologia, infra e supra-estrutura, lutas de classes, e instituições sociais foram tratados nos textos relacionais de Bakhtin. Afinal, seu problema principal era estabelecer uma conexão entre a base material/econômica social e a dinâmica ideológica. As relações humanas seriam determinadas, à princípio, pelas necessidades básicas que são, na verdade, relações de produção. *“Toda esfera ideológica se apresenta como um conjunto único e indivisível cujos elementos, sem exceção, reagem a uma transformação da infra – estrutura”*. As transformações concretas sociais precisam ser compreendidas a fim de que se conheçam as superestruturas (as instituições: as ideologias religiosas, culturais, filosóficas, jurídicas e políticas que controlam a sociedade). A verbalização é, para Bakhtin, o ponto x para a compreensão da reciprocidade entre infra-estrutura e superestrutura. É a constante

interferência social que faz dela o termômetro das mudanças sociais. “*A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais ínfimas, mais efêmeras das mudanças sociais*” (Bakhtin, 1992, p. 116).

A linguagem humana foi estudada por Bakhtin em seus mais específicos aspectos: a polifonia (as vozes componentes), a polissemia (reciprocidade e multiplicidade), a abertura e incompletude (intertextualidade), a dialogia constitutiva (constructo análogo a dialética, no campo dos signos).

Vygotsky enfatiza a característica social da fala egocêntrica da criança e, conseqüentemente, seu caráter mediador na formação da atividade mental. A dialogia de Bakhtin, portanto, ocuparia a base operacional. O diálogo seria a ação inicial da fala; seria o mediador, como um estímulo flexível, na medida em que se interioriza e vai favorecendo paulatinamente a consciência do mundo e a consciência de si mesmo.

Em relação à linguagem interior, a fala voltada para o exterior encontra-se desdobrada e em constante desenvolvimento. A fala interior, por sua vez, é quebrada, desorganizada do ponto de vista concreto. A interiorização da linguagem acarreta a formação progressiva das atividades psíquicas: análise, planejamento e regulação. Essa linguagem, predicativa em sua estrutura (porque se reduz a um núcleo predicativo, e não nominativo), não poderia ser simplesmente uma linguagem externa apenas transportada para o “interior”. Segundo Luria (1986), os objetivos do pensamento já estão presentes na linguagem interior, não precisando ser nomeados; o que sobra é a função semântica contida no que se diz, a nível social, sobre o respectivo objetivo. Ou seja, a linguagem delega um plano de ações futuras.

Vygotsky pontua: há diferenças marcantes entre linguagem interna e externa – são processos que diferem em termos operativos. A linguagem externa serve à adaptação social, e a interna, à adaptação individual. Há que se considerar, também, que existe interação integral e ininterrupta entre ambas: cada qual converte-se constantemente na outra. O que leva Vygotsky a acreditar que o desenvolvimento humano é mediado pela linguagem – indissolúvel da construção sócio-histórica.

É a partir da compreensão dessas duas formas de concepção de linguagem que se pode justificar a relação entre linguagem e a construção da consciência. Por um lado, tem-se a apreensão do abstrato, na operação da linguagem externa; por outro, a organização

interna do indivíduo, que desenvolve concepções pessoais, através da experiência prática. Ambas as formas de linguagem são aprofundadas pela filosofia da linguagem de Bakhtin: o sistema, assim como as estruturas abstratas que o mantém, não são independentes da fluidez das línguas no meio social; a criação pessoal não surge do nada.

Na direção de cunho estruturalista defende-se a relação comunicativa. Mas o outro consta apenas como um pólo passivo. Bakhtin (1997) estabelece que o enunciado complementa a própria unidade, quer dizer, completa o material contido no pensamento enunciado, e a quem emite o pensamento. A coletividade lingüística - operação abstrata - confere uma padronização do signo, que estabelece um mínimo de conteúdo ao qual os ouvintes e emissores se servem para efetivar a comunicação. Trata-se de uma construção teórica, dialógica e sócio-histórica. Pois ser apenas um “ouvinte” ou “receptor” distorce a complexidade da comunicação verbal e, conseqüentemente, da formação da consciência.

“...os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos ativos da fala no locutor e dos processos passivos de percepção e de compreensão da fala no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas são erradas e não correspondem a certos aspectos reais, mas quando estes esquemas pretendem representar o todo real da comunicação verbal se transformam em ficção científica” (Bakhtin, 1997, p.290).

O que significa que o ouvinte passivo, nesse esquema, não corresponde ao protagonista real. Bakhtin salienta: *“o elemento abstrato do fato real da compreensão responsiva ativa em seu todo, geradora de uma resposta (resposta com que conta o locutor)”* (Bakhtin, 1997, p.290). Em suma, locutor e ouvinte ocupam, no processo, posições ativas.

É a função expressiva que ganha ênfase. Ultrapassou-se a idéia de estudar o indivíduo. E sim, estuda-se o mesmo em relação ao outro. Se a psicologia sócio-histórica trabalha com o homem em sua realidade social, então se torna necessário considerar o princípio da linguagem humana, que teoricamente é limitado: a comunicabilidade. Todavia, ao analisar as tendências de seu tempo, é que Bakhtin chega à concepção de que a enunciação é essencialmente social. Para ele a linguagem é um fluxo contínuo na vida das pessoas, ao longo de todo o seu desenvolvimento. A relação o “outro”, ou seja, o meio

social, é inerente ao universo da linguagem; ninguém é totalmente independente da coletividade, e dessa maneira, a linguagem constitui uma consciência complementar, parte integrante da consciência coletiva e individual. Não existe voz solitária e única, homogênea; o que existe é a intersubjetividade entre os pólos.

Vygotsky (1996) percebeu que as formas mais complexas da consciência – principalmente o raciocínio lógico de categorizar a realidade – se completam na base da coletividade, assinalando a condição histórico-social da cultura na qual o indivíduo se desenvolve. Pela sua gênese e desenvolvimento, a linguagem transformou-se em instrumento de conhecimento e de formação da consciência humana.

A idéia de linguagem, dentro do dialogismo, desenvolve a concepção de atividade (Brait, 1996, in: Bakhtin, dialogismo e construção do sentido, organizado por Brait). Conceito que nos faz rejeitar os conceitos desenvolvidos: “falante e ouvinte – emissor e receptor”, na medida em atribuem um papel ativo para eles. Quem ouve, lê, escreve, ou fala, coloca-se em relação ao discurso de outrem, construtivamente; numa atitude que seria chamada por Bakhtin como “responsiva ativa” – isto é, crítica, apóia, complementa, adapta, enaltece, faz – das mais diversas formas de reações.

A linguagem apenas como substrato da comunicação, torna obscura a reciprocidade do processo, ou a renega completamente. Impossível de se conceber, pela ótica histórico-cultural, haja vista que os enunciados são determinados pelo revezamento das vozes, dos locutores. Os espaços e fronteiras da consciência são constantemente construídos pela relação recíproca. Processo ao qual Bakhtin denomina de dialogismo; que vem de diálogo e é a maneira mais simples de realizar uma dialética que alcance o contexto simbólico.

Bakhtin reforça que, sem reciprocidade, torna-se impossível compreender as formas do discurso interior. A monologia não pode ser considerada uma voz solitária, já que articula o próprio pensamento com as concepções formadas mediante experiências com o outro; a chance de esquecer que as palavras empregadas e seus significados – embora tenham seus sentidos adequados ao ambiente vivido – freqüentemente advém de outros indivíduos, de outras regiões e períodos históricos. Não há necessidade de interlocutores presentes, mas sim, de um direcionamento para o outro, que foi internalizado ao longo do

processo dialógico. Em suma, o outro demarca pela diferenciação o que é individual; o self somente se destaca mediante o reconhecimento do outro.

A dinâmica da linguagem é analisada a partir de operacionalização na realidade do cotidiano. Bakhtin classifica o enunciado linguístico caráter relacional, embora não como mero produto acabado. Ele o determina como dinamismo enunciativo. A enunciação é uma parcela de um diálogo constante na interação verbal. A plasticidade do enunciado é conferida pela alternância dos locutores –isto é, depende da passagem da palavra do outro. O enunciado é prático, real, e se opõe a oração, considerada abstração da língua. O discurso opõe-se a linguagem encarada como simples código de transmissão de conteúdos.

A compreensão das vozes, ou seja de outros autores, destinatários, seres genéricos, locutores, etc, consiste em aspecto essencial: as vozes dos outros ficam embutidas na voz do locutor de uma enunciação.

A palavra humana, multi-expressiva, precisa adquirir sentido junto aos decodificadores. Sentidos, os quais, são determinados pela sociedade. Ao que denominamos de alicerces para a efetivação da produção: a sociedade e seus valores e crenças; os contextos específicos de trocas (pais e filhos; vendedor e clientela; reunião de condomínio; festa de aniversário; entrevista na televisão; defesa de tese; conversa telefônica; e assim por diante), que correspondem a ambientes possuidores de especificidades ao nível da atividade enunciativa.

O leque de sentidos é delineado na sociedade: em parte eles pertencem a um indivíduo, em parte, da coletividade (outro). A polifonia do processo reflete vozes próximas e distantes, implícitas ou explícitas, reais ou não. As enunciações revelam valores sociais contraditórios, tensões, que reproduzem a dinâmica social. As significações permanecem ou desaparecem ao longo da história, outras se firmam, abrangem vários contextos, numa constante alternância entre dispersão e consolidação.

A enunciação permeia as atividades cotidianas dos indivíduos. Determinado movimento pode consistir em controlar e suprimir a criatividade da linguagem. Enquanto caráter de acontecimento, a enunciação carrega a possibilidade de transformação, em direção ao polissêmico, e denotará um caráter institucional e anti-institucional

Certamente, estabilidade e transformação são duas vertentes que coexistem, e sua harmonia depende de vários fatores relacionados a história da língua, ao contexto sócio-

cultural, que segundo Bakhtin, é o melhor indicador da dinâmica social revelando as marcas da história dos povos, revelando a evolução da sociedade.

Considerando que o aspecto da compreensão é de importância crucial no processo de interação humana, as várias facetas desse fenômeno são sintetizadas a seguir, do ponto de vista de Bakhtin (1997):

A compreensão unilateral das significações do enunciado ouvido torna-se apenas uma parte da operação relativa à atitude “responsiva ativa”, que compreende uma resposta subsequente, que não necessita de som ou representação gráfica; por exemplo, em relação a uma ordem, ela pode ser respondida como ato; é possível responder a uma atitude que seja demorada, e ainda, a uma aparente indiferença. O mesmo vale para o discurso escrito ou falado. O pensamento do locutor não seria simplesmente reproduzido na mente do outro. Ademais, o locutor é também um respondente consignado, à medida que não é o primeiro no desencadear da dinâmica da linguagem – cujo desenrolar perdeu-se na história humana. Cada enunciado conecta a uma cadeia de outros enunciados.

O outro possui um papel ativo, na teoria histórico cultural. Avaliar a linguagem com mero instrumento de comunicação quer dizer deixar de lado a riqueza e fluidez, decorrente da reciprocidade do processo. Resumindo, os enunciados são concretos e interativos, determinados pela alternância de vozes e locutores. Seus horizontes são construídos em relação aos outros. Nesse contexto, entra em ação o dialogismo, construído por Bakhtin para explicar que o diálogo, que possui especificidades, demonstrando a condição do locutor, que desempenha papéis construídos em virtude do tecido social que se lhe é apresentado.

AS CARACTERÍSTICAS DE UMA PESQUISA PIONEIRA E SEU DESDOBRAMENTO

1 – Procedimento.

1.1 – Participantes.

Foi considerado, como grupo de participantes elegíveis para análise as profissionais entrevistadas na pesquisa inicial, cujos registros satisfizessem as premissas essenciais da mesma: as estudantes de graduação visavam obter dados sobre as rotinas de trabalho das profissionais do sexo e, através deste levantamento, verificar a disponibilidade de se organizar uma associação.

Participaram da pesquisa realizada por elas cerca de trinta profissionais do sexo. Os critérios de seleção para a escolha das mesmas, utilizados pelas graduandas, foram:

- Atuarem sob condições precárias de trabalho (principalmente no que se refere à segurança, estando sujeitas a clientela pouco selecionada);
- Atuarem como profissionais de rua e /ou boate;
- Apresentarem baixo poder aquisitivo;
- Atuarem na região central da cidade (geograficamente, foram excluídos os pontos de prostituição nos bairros ou nos municípios próximos).

A partir dessas premissas, delineou-se os critérios de procedimento para a análise da presente pesquisa.

1.2 – Coleta e tratamento de dados.

Das 30 entrevistas realizadas na pesquisa da graduação, selecionou-se 17. Os critérios para seleção, após leitura preliminar do material, foram:

- Maior completude de informações fornecidas, respondendo ao maior número de perguntas realizadas pelas entrevistadoras;
- Detalhamento da rotina de trabalho;

- Descrição de atuação que varie restritamente entre boate e rua (algumas entrevistas foram realizadas com profissionais do sexo em outra modalidade).

As escolhas de tais critérios deveram-se ao fato de 48% das entrevistas apresentarem disparidade e descontinuidade de informações; dados incompletos, e perguntas que não seguiram o roteiro inicial previsto pelas pesquisadoras.

As 17 participantes da pesquisa original, que satisfazem as premissas do presente trabalho, são identificadas por números, como a seguir:

QUADRO 1. INFORMAÇÕES PESSOAIS E PROFISSIONAIS SOBRE AS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Sujeitos	Idnde	Escolaridade	Proced.	Est. Civil	Filhos	Renda/Semanal/Média	Classe Social	Exp. Profiss. Anterior/Atual	Tempo que Trab. C/ Sexo	Classe Social da Família
01	22	6ª Série	Imaruim/SC	Sol	01	600,00	Média	Nenhuma Exp.	03 anos	Baixa
02	20	8ª Série	Caçador/SC	Sol.	01	600,00	Média	Nenhuma Exp.	03 anos	Média/baixa
03	24	Não declara	Fpolis/SC	Sol.	01	-	Baixa	Nenhuma Exp.	10 anos	Baixa
04	33	Nível Superior	São Paulo/SP	Sol.	01	-	Média	07 anos c/ Administradora de restaurantes industriais	05 anos	Média/Baixa
05	28	Sem escolaridade	Porto Alegre/RS	Sol.	05		Média Baixa	Não declarada	04 anos	-
06	24	Não declarada	Barra Velha/SC	Cas	-	1.000,00	Média	Nenhuma Exp.	06 anos	-
07	22	2º grau completo	Não me Toque/RS	Sol	-	-	Média Baixa	Vendedora de jornal e publicidade e doméstica	03 anos	média
08	35	Primário	Rio Grande do Sul	Sol	01	-	Média	Doméstica, Babá e secretária	13 anos	Média
09	29	Primário	Lages/SC	Sep	-	-	Média	Não declarada	11 anos	Média
10	26	Primário	Minas Gerais	Sol.	02	300,00	Média	Não declarada	03 anos	-
11	21	Ensino fundamental completo	Paraná	Sol.	-	70,00	Média baixa	Diarista	02 anos	Média
12	25	Ensino fundamental completo	Goiás	Sol.	02	250,00	Média	Nenhuma Exp.	07 anos	Baixa
13	30	Ensino fundamental incompleto	Fpolis /SC	Sep	04	200/250	Média	Doméstica	04 anos	Baixa
14	22	Ensino Fundamental incompleto	Fpolis/SC	Sol.	04	250/300	Média	Dona de casa	04 anos	Média
15	26	Primário Incompleto	Paraná	Sep.	-	140,00	Média	Não declara	08 anos	Média baixa
16	37	Nível fundamental incompleto	Rio grande do Sul	Sol.	01	300,00	Média	Administradora armazém (vendas)	15/16 anos	Baixa
17	17	Sem escolaridade	Rio Grande do Sul	Sol	-	250/300	Média	Nenhuma exp.	01 ano 4 meses	baixa

Sistematizou-se, posteriormente, o conjunto dos tipos de comunicação envolvidas na pesquisa da graduação, segundo dois critérios:

- O número de pessoas implicadas na comunicação (profissionais do sexo e entrevistadoras).
- A natureza do código e do suporte da mensagem: formas de contatos – o tipo de abordagem utilizado pelas entrevistadoras foi casual em alguns lugares e formal, em outros – devido aos diferentes graus de dificuldades oferecidos pelos ambientes de trabalho para a aproximação das mesmas; formulação das entrevistas – semiestruturadas, visando dar abertura à participante de fazer comentários adicionais sobre o aspecto abordado, revelando suas opiniões a respeito; objetivos gerais das mesmas – observar nas entrevistas, e na situação em que as mesmas ocorreram, a rotina e as condições de trabalho das profissionais do sexo; compreensão das perguntas por parte das entrevistadas – relação de coerência entre a resposta proferida e a pergunta formulada.
- Definiu-se como análise compatível com a estruturação das entrevistas a análise temática, referente aos significados. Considerada compatível, porque a estruturação das entrevistas não levou em consideração apenas a palavra, a frase, enfim, o texto escrito – mas também, o enunciado e a circunstância em que a resposta foi dada.

As perguntas semelhantes, elaboradas pelas entrevistadoras nas diferentes entrevistas, foram agrupadas de acordo com os objetivos das perguntas, e agruparam-se igualmente as repostas, de acordo com palavras chaves ou frases assertivas freqüentes no enunciado das participantes e as descrições da situação que envolveu a entrevista, observadas e registradas pelas graduandas. Cada grupo tornou-se um conjunto, representante de um tema.

Os temas, posteriormente, foram avaliados como categorias de análise: todos os temas levantados nas entrevistas foram verificados a partir do roteiro da pesquisa inicial, que foi dividido em termos de organização, em torno de três assuntos gerais, norteadores. Os quais definiu-se como:

1. A vida cotidiana (relações familiares, lazer);
2. A vida profissional das participações (horários, higiene, segurança, locais de trabalho, relação com a clientela, com os donos dos estabelecimentos, o ganho semanal);

3. Os dados pessoais, e demográficos (idade, procedência, escolaridade, filhos).

Os temas, de acordo com a organização do questionário semi-estruturado da pesquisa original, apontavam para o cotidiano profissional (e como este se mesclava a vida particular delas) e as idéias das profissionais do sexo quanto à própria atividade. Esse conjunto de informações foi classificado, no presente trabalho como grupo de indicadores dos aspectos que procurava-se abordar no problema de pesquisa: rotina de trabalho *versus* consciência da profissional. Isto é, norteadores das assertivas ou afirmações sobre a relação entre a consciência e as condições de trabalho.

- Sobre a rotina, foram separados os temas cujos conjuntos de perguntas e respostas revelavam maior número de dados a respeito das atividades das profissionais do sexo (horários, remuneração, quantidade de clientes, locais de atendimento, procedimentos nos ambientes de trabalho, etc.).
- Sobre a consciência, foram separados os temas cujos conjuntos de perguntas e respostas revelavam os valores e opiniões das mesmas sobre sua atividade.

Observou-se, no grupo de indicadores, que um grupo de respostas convergia para os dados do outro grupo de respostas: consciência – rotina, rotina – consciência.

Retornou-se ao núcleo das entrevistas, visando os pormenores do texto, já que os conjuntos dos temas já estavam estabelecidos na macro-estruturação da análise. Era necessário, no entanto, avaliar o microcosmo das respostas para verificar a relação entre o protagonista (profissional do sexo) e o outro (comunidade), sua relação de vozes infiltradas nas falas de ambos, conforme sugere Bakhtin em seu dialogismo – tendo como essencial a análise do enunciado para a construção do sentido e do significado (Brait, Beth, 1997).

As respectivas entrevistas foram lidas exaustivamente (procedimento constante no decorrer de todo o trabalho de análise), conforme as regras estabelecidas por Bardin (1977) buscando-se investigar os enunciados presentes nas falas das participantes. Realizou-se, a princípio, a função heurística como tentativa exploratória – procurando aspectos de destaque, ênfase, e repetição nos enunciados dos assuntos abordados pelas entrevistadoras.

A seguir, assumiu-se a função de administração de prova. Ou seja, hipóteses sob a forma de questões ou afirmações provisórias que serviram como diretrizes sistemáticas para serem verificadas como confirmação ou afirmação das mesmas. Questões, estas,

apresentadas na análise como as frases assertivas definidas anteriores e referentes às condições de trabalho e a consciência individual das profissionais do sexo; levou-se em conta as relações dialógicas no discurso das mesmas, que possuem uma percepção e um posicionamento frente sua profissão.

Realizou-se um trabalho de poda, delimitando as unidades de codificação e registro. Constatou-se que as respostas das participantes nem sempre correspondiam aos conjuntos de significações classificáveis em itens evidentes (assertivas). Adotou-se, então, a elaboração de índices, seguindo dois critérios: função do objeto de análise (trechos dos enunciados) e o tema em torno do qual se estrutura o texto/fala das participantes – seguindo as regras de associação aproximada das frases assertivas.

Através da inferência, trabalhou-se com vestígios que nomeassem estados, dados e fenômenos presentes no discurso das participantes, valendo-se das falas das entrevistadoras, as quais descrevem várias situações de entrevistas. Para tanto, organizou-se as frases assertivas através das relações de causas e efeitos (os tipos de perguntas variavam de acordo com a situação da entrevista e a qualidade da resposta), encaixando-as nos temas definidos.

A análise das frases, seus encaixes nos títulos-tema, e elegibilidade para a criação de frases assertivas a partir dos temas, seguiram as etapas:

1ª Etapa: Tratamento descritivo.

- Delimitaram-se as unidades de codificação e registro: Frases e palavras.
- Escolheu-se a unidade de contexto para interpretação: significação por parte das entrevistadas dos itens das perguntas; relação entre resposta direta e visão de mundo subjacente.

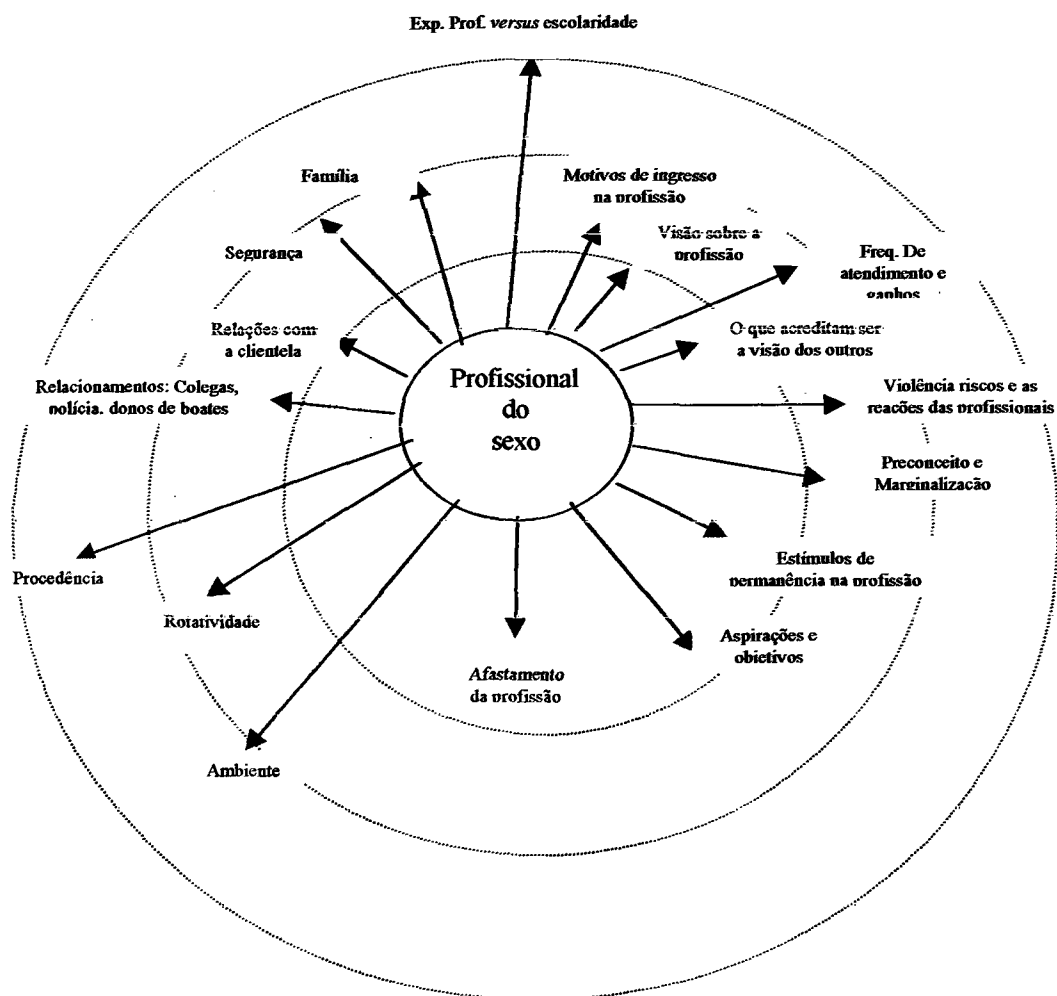
2ª Etapa: Análise categorial.

- Observou-se o texto em sua totalidade, levando-se em conta as falas das entrevistadoras, das entrevistadas (sob a forma de narração ou descrição dos fatos), bem como as falas das entrevistadas pelas próprias entrevistadoras. Ao que Bakhtin chama de influência das vozes no discurso. Os critérios de seleção das mensagens dentro dos temas

foram: níveis de pensamentos, idéias, valores e aprendizados (experiências de vida), que envolvem seu cotidiano no trabalho.

- A partir daí, elaborou-se um crivo de classificação para a seleção dos temas que se destacavam nas falas do texto. Crivo, este, que seguiu os critérios de frequência de presença ou ausência de itens de sentido, no texto.
- Realizou-se a leitura exaustiva do texto analisado para comprovar se os temas correspondiam aos conjuntos de respostas fornecidas pelas participantes.
- Verificou-se a intensidade com que o tema é abordado nas falas das participantes e entrevistadoras.

ASSUNTOS EMERGENTES: ¹
DISCURSO DAS PARTICIPANTES
POR ORDEM DECRESCENTE, DO CENTRO PARA A PERIFERIA



3º Etapa: Repetição do crivo classificatório de temas.

- Realização do recenseamento, segundo os critérios acima citados. Os temas, de acordo com as mensagens, se subdividiram em:

- PROCEDÊNCIA;
- EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS *VERSUS* GRAU DE ESCOLARIDADE;
- MOTIVOS DE INGRESSO NA PROSTITUIÇÃO;
- ESTÍMULOS DE PERMANÊNCIA NA PROFISSÃO;
- VISÃO DAS ENTREVISTADAS SOBRE A PRÓPRIA PROFISSÃO;
- RELAÇÕES COM A CLIENTELA;
- MARGINALIZAÇÃO E PRECONCEITO;
- O QUE AS PARTICIPANTES ACREDITAM SER A VISÃO DO OUTRO (COLETIVIDADE);
- FAMÍLIA;
- VIOLÊNCIA: OS RISCOS E A REAÇÃO DAS PROFISSIONAIS;
- SEGURANÇA;
- AFASTAMENTO DA PROFISSÃO;
- AMBIENTE;
- FREQUÊNCIA DE ATENDIMENTO E GANHOS;
- ASPIRAÇÕES E OBJETIVOS;
- ROTATIVIDADE;
- RELACIONAMENTOS: (COLEGAS, DONOS DE BOATES, POLÍCIA)

4º Etapa: Dedução.

- Compôs-se uma teia de relações, referente à consciência das profissionais do sexo que atuam no baixo meretrício. Mas não se tratou de destacar a consciência, e sim realçá-la em relação a sua atividade. Esta última surgiu nas mensagens que dizem respeito às condições de trabalho. Quanto à consciência propriamente dita, foi delineada na fala das entrevistadas, na maneira como as profissionais lidam com as condições físicas de trabalho.
- Segundo Bardin (1977), nesta altura da análise em que são extraídos os temas provenientes das mensagens e/ou enunciados, a etapa de dedução torna-se essencial. A dedução visou destacar a consciência como condição de trabalho.

5º Etapa: Trama Narrativa.

- Após o estabelecimento dos temas e da identificação das relações pertinentes ao problema de pesquisa, partindo da relação/associação entre os enunciados buscou-se o núcleo narrativo do texto - formado através das perguntas e intervenções das entrevistadoras. Os enunciados foram se organizando ao redor de núcleos seguindo os temas norteadores das vozes dos enunciados, de tal forma que estabeleceram conexões entre uma idéia e outra. O conjunto de conexões, ou encaixes, é denominado de trama narrativa dos acontecimentos, fatos e afirmações (Rios, 1999).
- A trama narrativa foi concluída na análise dos dados das etapas anteriores, e foi contemplada nos resultados e na discussão.
- A partir daí, trabalhou-se a atribuição de valores negativos e positivos, em relação aos temas. Trata-se, pois, da análise de fato, separando-se as dimensões: origem do objeto (procedência, motivo de ingresso, etc); a implicação face ao objeto (visão da prostituição, da clientela, saída da profissão, etc); a descrição do objeto (ambiente, segurança, ganhos, etc.); e o sentimento frente ao objeto - visão global geralmente fornecida por perguntas complementares, segundo Bardin (1977).

1.3 – Entrevistas.

As entrevistas da pesquisa inicial foram registradas através de três formas:

- 1) Gravação em fita cassete da entrevista, com posterior transcrição;
- 2) Registro por escrito da entrevista, sob forma de relatório (através da modalidade descritiva da língua portuguesa);
- 3) Registro posterior à entrevista (através da modalidade narrativa da língua portuguesa).

A necessidade de se utilizar três variações foi devida à influência de determinados aspectos presentes nos ambientes de trabalho, nos quais ocorriam dificuldades de acesso ao depoimento das participantes, em maiores ou menores graus.

“A entrevista foi feita em hora de trabalho (seis da tarde). A entrevistada não autorizou a gravação. Foi anotada manualmente” (relatório de campo das pesquisadoras, junho de 1999).

E ainda por aspectos que independiam dos procedimentos das entrevistadoras ou da cooperação das participantes:

“Essa entrevista sofreu interferências, ficou um pouco incompleta porque o cafetão tava do lado e também chegou um cara que nós não sabíamos quem era, pensamos que era cliente, então não perguntamos muito com detalhes. Até porque a própria entrevistada só aceitou responder se não fosse demorado” (relatório de campo das pesquisadoras, junho de 1999)

A maleabilidade das variações viabilizou a coleta de dados – um tipo foi mais eficaz que os outros, dependendo da situação que envolvia a entrevista: a disponibilidade das profissionais do sexo; a interferência dos donos das boates e/ou cafetões, e barmen; além da circulação de clientes.

Essas variações não são incompatíveis com a técnica de análise dos dados utilizada no presente trabalho: a análise do discurso. Processo, pelo qual, mesmo a intervenção do entrevistador figura como complemento elucidativo do assunto abordado pelas participantes.

1- Os barmen (atendentes de bar) algumas vezes desempenham o papel de vigia e protetor da prostituta.

Particularmente no presente texto, o discurso do entrevistador faz parte da mensagem analisada, devido as duas últimas variações do instrumento de coleta de dados (o modelo de entrevista): a 2ª e a 3ª.

O roteiro da entrevista da pesquisa inicial dividiu-se em:

Questões objetivas:

- 1) Idade:
- 2) Escolaridade:
- 3) Procedência:
- 4) Estado civil:
- 5) Tem filhos? Quantos?
- 6) Renda semanal:
- 7) Considera-se de classe baixa, média – baixa, média, média – alta, ou alta?
- 8) Experiência profissional anterior:
- 9) Tempo em que trabalha como profissional do sexo:
- 10) Classe social da família:
- 11) Local em que trabalha
- 12) Horários:
- 13) Valor de cada programa:
- 14) Quantos programas fazem por dia?
- 15) Tempo em que reside em Florianópolis.

Questões subjetivas/discursivas:

- 16) Quais os fatores que a levaram a exercer a profissão?
- 17) Quais os fatores que a motivam a permanecer na profissão?
- 18) Como vê a aceitação das pessoas em geral? Percebe algum tipo de discriminação?
- 19) Como vê a aceitação da família?
- 20) Como define a prostituição?
- 21) Quais são os riscos que você corre, no trabalho?
- 22) Como é a sua higiene?
- 23) Tem sonhos/ perspectivas de se realizar em outra profissão?
- 24) Existem regras referentes à conduta das prostitutas?

- 25)Quais são as técnicas de abordar o cliente?
- 26)Quais são os aspectos negativos da profissão?
- 27)Quais são os aspectos positivos?
- 28)Como você garante a sua segurança no trabalho?
- 29)Qual é o tipo de cliente?
- 30)Qual é o tipo das suas colegas?

O roteiro das perguntas não foi executado, necessariamente, nesta ordem. Dependeu da forma de expressão das participantes, e sua abertura ou não a determinados assuntos. Desta forma, os assuntos eram encaixados de acordo com a deixa das respostas das mesmas. As perguntas são caracterizadas pelo fácil entendimento, em qualquer nível de instrução, por parte das participantes.

REFLEXÕES SOBRE A PROFISSÃO DO SEXO: CONTRA-PONTO ENTRE A LITERATURA E AS MUDANÇAS NO MERCADO SEXUAL

1- Características das entrevistadas.

A MAIORIA DAS ENTREVISTADAS TRABALHA FORA DE SUA CIDADE NATAL

Apenas três, das 17 entrevistadas, são provenientes de Florianópolis. O restante vem de outras regiões e estados: Rio Grande do Sul (4 entrevistadas); outras cidades de Santa Catarina (5 entrevistadas); Paraná (2 entrevistadas); Goiás (1 entrevistada); Minas Gerais (1 entrevistada); São Paulo (1 entrevistada).

Uma pequena parcela é proveniente da região centro-oeste do Brasil. Contudo, o número de profissionais do sexo provenientes das regiões sulistas próximas de Santa Catarina, dentre as entrevistadas, aumenta significativamente. O maior número de entrevistadas, entretanto, veio de cidades interioranas, dentro do estado catarinense. Esse quadro representa um pequeno panorama, o qual, segundo as entrevistadas, reproduz o movimento migratório da maioria das profissionais do sexo que atuam em Florianópolis; sendo, portanto, fiel à realidade mais abrangente da prostituição da região estudada.

68

As participantes deixaram suas cidades natais na esperança de encontrar melhores oportunidades de emprego e qualidade de vida. A maioria, quando chega a cidade capital, fica a mercê das exigências do mercado de trabalho.

O MERCADO DE TRABALHO É LIMITADO EM CIDADE LITORÂNEA

A exigência de qualificação profissional, aliada à escassa oferta de emprego em períodos do ano fora da temporada de verão, é parcialmente responsável pelo fortalecimento do mercado sexual.

69

Entre as entrevistadas, 65% afirmam ter ingressado na prostituição devido a pouca oferta de trabalho, fato que atinge todas as regiões brasileiras. Mas, particularmente na capital do estado, o desemprego é caracterizado pela ausência de indústrias, ou outros

mercados de trabalhos; fato relacionado à concentração do serviço público estadual e federal.

O turismo é estruturado precariamente e não funciona o ano todo, apenas na temporada de verão. Além disso, ocorrem certas dificuldades, que envolvem a receptividade em geral dos contratantes em relação aos candidatos considerados forasteiros. *“Você vem de fora, o pessoal não te conhece direito, e tem aquela desconfiança. Eu senti isso nos lugares que eu fui. Muita desconfiança. O pessoal não te conhece, não tem aquela confiança de pegar o telefone e ligar para sua cidade, porque vai ser um gasto a mais para ela”*, (entrevistada 7).

Não obstante, 35% das profissionais do sexo já se prostituíam em outros lugares, antes de vir para Florianópolis. O fator turismo, para estas, torna-se uma vantagem, já que a clientela aumenta e se diversifica. Algumas das profissionais do sexo entrevistadas chegam a atuar em outras cidades litorâneas e portuárias, a fim de conseguir mais clientes. Prevalece a necessidade do cliente, que busca variedade entre as profissionais.

As profissionais geralmente vêm de cidades pequenas, do interior, comunidades em que todos se conhecem. Ao abandonar suas cidades de origem, algumas profissionais revelaram que gostariam de poder largar a profissão para poder retornar ao convívio da família. Outras revelam que, exatamente por se prostituírem, não podem retornar.

A região geográfica, o clima, a cultura, a história do lugar, e os costumes das cidades brasileiras diferem entre si, especialmente, de estado para estado. Esses aspectos são suficientes para provocar choques culturais quando ocorrem migrações. São, entretanto, sufocados, relegados à segundo plano, quando a realidade do desemprego se apresenta. Com o passar do tempo, ressurgem sob a forma melancólica de comentários sobre a terra natal, principalmente quando ainda existem laços ligando-as, como é o caso das entrevistadas que possuem filhos, os quais ficaram sob a tutela da avó.

A MAIORIA DAS PROFISSIONAIS DO SEXO NÃO POSSUI EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL OU ESCOLARIDADE

Constatou-se que a maioria das entrevistadas não possui experiência profissional anterior. Ou seja, a prostituição é o primeiro trabalho.

Observou-se que, dentro do universo estudado pelas pesquisadoras da graduação, a pouca instrução das entrevistadas, e nenhuma (ou quase nenhuma) experiência profissional anterior, são fatores relacionados com a escolha profissional. Em seus relatos, as entrevistadas afirmam que a profissão é a saída mais comum para a mulher, diante da grave situação econômica, acarretando o fenômeno do desemprego que o país atravessa. Isto é, levando-se em conta o pouco preparo e experiência profissional diversificados para enfrentar o mercado de trabalho. *“Eu procurei por dois meses serviço e não consegui, nem de doméstica”,* (entrevistada 7).

A maioria das participantes apresenta como experiência profissional anterior à atividade prostituinte, trabalhos relacionados a serviços gerais (emprego doméstico, e/ou faxinas). As exceções consistiram nas participantes com grau de instrução mais elevado (entrevistadas 4 e 7), cujas experiências anteriores englobavam respectivamente: administradora de restaurante industrial, com nível universitário na área de nutrição; e vendedora na área publicitária de jornais, com ensino médio. Vale à pena ressaltar que, mesmo a entrevistada 7, também trabalhou como empregada doméstica; contribuindo para exemplificar o currículo profissional das participantes e a valorização, em termos de ganhos, da prostituição sobre os serviços gerais (limpeza). Numa escala de preferências, para essas mulheres, a prostituição ocupa posição superior a segunda, por diversas razões: o esforço físico despendido nas faxinas, com valor inferior ao programa; a dificuldade de contratação sem referências anteriores (ou de outras cidades); etc.

Enquanto as participantes com nível mais elevado declinaram de outros empregos em favor da prostituição para obter ganhos mais elevados, as participantes com nível inferior ingressaram na profissão por motivo de desemprego.

INGRESSO NA PROFISSÃO

Os indicadores apontam, em 50% dos enunciados obtidos nas entrevistas, para a introdução profissional da prostituta através de alguma parenta ou amiga que já atua na profissão do sexo e se oferece a auxiliar a iniciante, apresentando-lhe os contatos necessários para começar na atividade. *“Fui morar na casa de uma amiga. Ela e a mãe recebiam os homens. Elas me convidaram para trabalhar com elas...ganhava mais...Tinha um que vivia me cantando, um dia eu fui, né, e foi assim que eu comecei...”* (entrevistada 05).

As participantes descrevem um caminho facilitado – no sentido de que os acontecimentos desencadeados em suas vidas, a partir do momento em que se mudaram para Florianópolis, alcançaram mais facilmente a profissão do sexo. Os contatos no ramo eram mais acessíveis do que os contatos para outros empregos. O sistema de captação de mulheres, na prostituição, segundo a descrição das mesmas, seria mais receptivo, criando um ambiente de aparente união entre as ingressantes.

O DINHEIRO É O MOTIVO RECONHECIDO DE INGRESSO E *STATUS* OBTIDO NA PROFISSÃO.

O motivo primordial apontado pela maioria das entrevistadas é o dinheiro: *“Foi por dinheiro, por necessidade mesmo, por ser sozinha aqui, não ter ninguém conhecido, praticamente, ter família longe. A cidade lá é muito pequena, não tem como voltar para lá. Não tem por quê, né?”* (entrevistada 7).

A maioria das participantes percebe acima da média salarial de domésticas, faxineiras, balconistas, recepcionistas, ascensorista, cobradoras, professoras estaduais, degustadoras, vendedoras de lojas, entre outras.

Segundo as entrevistadas, não há outros interesses envolvidos - que tenham sido fornecidos como justificativas para o ingresso no mundo da prostituição – salvos os relatados pelas entrevistadas 4 e 6, que opinaram respectivamente: gostar da boêmia, não havendo a necessidade de se prostituir, pois somente o dinheiro ganho com os shows feitos nas boates já seria o suficiente para o seu sustento; e apreciar essa atividade por ser mais agradável do que trabalhar como empregada doméstica (além de sentir interesse por um cliente em especial).

EXISTEM RAZÕES COMUNS ENTRE ELAS QUE FAVORECEM O INGRESSO NA PROFISSÃO

No que se refere aos índices, o dinheiro se tornaria o motivo manifesto apontado pelas entrevistadas e seria uma solução para problemas que, estes sim, poderiam ser considerados como motivos para o ingresso na profissão. Entre os quais, correlacionando as respostas das participantes, pode-se citar: a formação de uma família nuclear - mãe e filho (s); o desentendimento com a família de origem ou afastamento da família (imigração); e o surgimento da influência de amigos no ramo da prostituição, que substituiriam o apoio emocional retirado pela família. Contudo, os ganhos reverterem para o sustento da mesma devido à existência de filhos, os quais as profissionais deixam aos cuidados da família de origem.

Segundo os relatos de 90% participantes, a prostituição foi a maneira mais rápida de alcançar a independência financeira, senão para progredir em termos de poder aquisitivo, ao menos para manter o seu sustento e o da família. A maioria das entrevistadas envia dinheiro como contribuição para o orçamento familiar.

Indica-se no discurso das participantes prover o sustento dos filhos acaba sendo o principal motivo de ingresso e, também, de permanência na profissão. As entrevistadas acreditam, inclusive, que somente através da prostituição poderiam auxiliar financeiramente a família e se sustentar, com a pouca escolaridade que possuem.

Formou-se o seguinte perfil geral das participantes: são mulheres que deixaram suas cidades natais com sonhos e aspirações de se realizarem afetiva e profissionalmente. Acabaram, contudo, abandonando seus projetos quando verificaram a dureza da realidade. Sem dinheiro para voltarem, ou não querendo retornar fracassadas para o subjugado familiar, encontraram na prostituição uma maneira de manterem a independência financeira.

GANHOS IMEDIATOS NA PROSTITUIÇÃO SÃO APONTADOS COMO ESTÍMULO DE PERMANÊNCIA NA PROFISSÃO DO SEXO

A maioria das participantes que atuam como prostitutas de rua, também atuam como garotas de programa – salvo algumas exceções. E, particularmente no universo pesquisado, poucas conseguem obter um lucro significativamente elevado, que possibilite imediata ou breve resolução para seus problemas. Nesses casos, a permanência fica condicionada à manutenção do nível de vida e às aspirações de independência financeira. Ficou evidente por parte da observação das entrevistadoras da graduação, que os objetivos de alcançar relativa estabilidade financeira eram adiados em virtudes dos gastos. As profissionais do sexo do baixo meretrício não conseguem juntar dinheiro: gastam com artigos femininos, alimentação (quando se prostituem na Praça XV), produtos de beleza, aluguel (não foi encontrada nenhuma profissional do sexo que tivesse casa própria), e mandam dinheiro para as famílias.

Nas profissões em geral, os estímulos de permanência residem nos ganhos, vantagens, apreciação da atividade, e facilidades. A apreciação pela atividade prostituinte, contudo, é citada pelas participantes que não possuem escolaridade adequada, porém, obtêm ganhos relativamente elevados. Os mesmos conferem status interno na profissão e, conseqüentemente, motivam à permanência no emprego.

Fatores que favorecem a necessidade de ganho financeiro, de obter condições de existência, passam pela do sustento dos filhos, como foi abordado no tópico anterior. Entre as participantes, quase todas têm filhos (em média 1 ou 2 dependentes), com exceção da entrevistada 5, que possui 5 filhos; e das entrevistadas 6, 7, 9, 11 e 17, as quais não possuem filhos. A condição de mãe influencia decisivamente no motivo de permanência.

Elas têm como projeto de vida - e esperam conseguir conquistar, através da prostituição, moradia própria para começar uma vida familiar, convivendo com seus filhos. Já as profissionais que não possuem filhos desejam realizar projetos diferentes e alcançar a independência econômica: abrir negócio próprio, construir sua casa, manter-se independente da família. Estabelece-se a conexão entre os projetos de vida e a permanência na profissão.

Por outro lado, além de serem responsáveis pela permanência das entrevistadas, os projetos também alimentam a esperança das participantes de abandonar a profissão do sexo. O conjunto de dificuldades existentes, pois, e não só um ou outro fator

isolado, caracteriza a insatisfação destas profissionais em continuarem na prostituição. Dificuldades que são apontadas diretamente pelas participantes e confirmadas pelos índices: manter relações sexuais com estranhos (nojo); ser vítima da violência dos clientes (desrespeito); preocupar-se com a opinião das pessoas sobre suas atividades (a voz do outro que aniquila sua própria voz); isolar-se da família de origem e da comunidade que conhece (vergonha). Mas, os objetivos e a necessidade de sobreviver sobrepujam as dificuldades apontadas, e as profissionais, apesar das queixas, permanecem no trabalho. Acreditam que, estiverem em dificuldades, a prostituição será uma forma de contornar os problemas sociais que lhe são impostos, mesmo sob a forma de atividade temporária, ou paralela. Não obstante, e apesar das alegações de transitoriedade, a prostituição torna-se uma atividade quase constante em suas vidas. Poucas são as mulheres que conseguem deixá-la definitivamente.

VISÃO DAS PARTICIPANTES SOBRE A PRÓPRIA ATIVIDADE É DEFINIDA COMO RELAÇÃO DE TROCA: SEXO POR DINHEIRO

A entrevistada 4 define a sua profissão como uma espécie de “*divã de analista*”. Os clientes, em sua maioria, seriam homens carentes, precisando desabafar sobre assuntos que não poderiam falar em casa. As profissionais teriam o papel de ouvintes, deixando-os desabafar suas mágoas, oferecendo-lhes bebidas (pois ganham uma porcentagem em cima da bebida que o cliente compra), concordando com suas idéias, e se mostrando carinhosas e compreensivas.

(...) Já fui até em casamento de cliente meu...

(...) eu fiz esse tipo d “amizade”... Ele foi cliente meu por um ano. Ele me contou quando ela tava grávida, quando eles iam casar... Então, é o tipo de conversa que eles se abrem com você. Como se fosse um divã de analista. Falam mal da mulher, falam mal da sogra, falam mal da irmã... Aí você tem que ouvir, o cara está chorando a vida dele, enquanto isso, você vai servindo uma dosinha, e falando: “Você tem razão! O cliente sempre tem razão! O mundo é cruel, então, o cliente só

não tem razão quando ele quer partir pra violência. É claro que não. Ele não tem razão nenhuma. Mas quando ele estiver chorando as mágoas dele e tal... você aí ouve, concorda, abraça, caliente e ... (risos) é o nosso trabalho”.

Na profissão do sexo transitam fantasias e frustrações, atreladas aos papéis exercidos pelos protagonistas desse universo. A relação comercial é bastante evidente, contudo, a influência da cristalização de papéis e a formação de estigmas em torno do envolvimento homem-mulher deixam transparecer no discurso visões - similares sob certos pontos de vista e peculiares, sob outros - acerca da profissão, por parte das participantes. Torna-se imprescindível considerar a relação contraditória entre assumir e desempenhar os papéis propostos. Ou seja, considera-se no senso comum que a garota de programa é o que ela faz. Aspecto formalizado a partir de um preconceito generalizado. Nesse sentido, as entrevistadas definem, em termos de valores, a própria profissão:

Entrevistadora: *“Você tem dificuldade em assumir a sua atividade?”* Entrevistada 4: *“Eu não, eu acho que tem mulheres muito mais vagabunda do que as mulheres que trabalham na noite, muito mais vulgares”.* Entrevistadora: *“Vulgares?”* Entrevistada 4: *“É sei lá, de repente você tem um namorado, você é casada e você vive pulando o muro. Sabe, já que eu tenho que dar para todo mundo, eu vou receber por isso, pra dar de graça pra Deus e o mundo a gente recebe.... Eu faço isso por que é meu trabalho... e se eu sair daqui, dar só pra ver a rola entrar não tem graça! Porque...ou você age , tem que ter pelo menos um parâmetro de comportamento, assumir. Eu faço isso, porque isso é o meu trabalho. Se eu sair daqui, por exemplo, for pra minha casa, chego lá começo, dou pra um, dou pra outro, aí eu sou vagabunda. Ou você se conscientiza uma profissional, ou dá porque gosta mesmo”.*

Na concepção de entrevistada 4, à medida que a mulher assume a profissão do sexo, deve se comportar espelhando-se em determinadas regras de conduta. A atividade exercida pela garota de programa é apenas a sua profissão. O preconceito é merecido quando

relacionado às mulheres que se entregam a encontros sexuais casuais, fortuitos, sem motivos (lucro financeiro) ou sentimentos envolvidos (amor romântico e fidelidade, os quais, segundo a sua opinião, devem existir entre a mulher e seu companheiro). Esta seria uma maneira de se visualizar com profissionalismo a prostituição.

Segundo sua definição, a vulgaridade dependeria da maneira como a mulher se relaciona com os homens. Se ela faz sexo com muitos parceiros, de graça, teria menos valor do que aquela que faz sexo profissionalmente, visando lucros. Fica explícito, também, que a mulher que não assume a condição de profissional também apresentaria uma imagem negativa, em relação aquelas que assumem o que fazem.

Outra maneira visualizar a profissão, seria através da divisão interna de status intrínseca as modalidades de prostituição, como foi apontado por Gaspar (1985). Contudo, no universo pesquisado pelas alunas da graduação, as peneiras sobrepostas não indicam a atribuição pejorativa da atividade prostituinte em relação as mulheres que trabalham no baixo meretrício. As peneiras, aqui, atuam como indicadores de desgastes profissionais (aquelas que estão no auge da carreira, ou em franca decadência). As peneiras ficam evidenciadas, principalmente, no que diz respeito às rixas existentes entre as profissionais de rua e boate. Entrevistadora: *“Você consegue ver diferenças entre mulheres da rua e da boate?”* Entrevistada 4: *“É, as meninas de rua... vamos dizer que a gente faz uma elite. As meninas da rua já estão mais no fim da carreira. Já cobram um precinho mais “módico”.*

A prostituição, representa, com seus diversos níveis, uma solução para a mulher moderna, segundo a visão da entrevistada 7: *“Porque na minha opinião, a mulher, hoje, ela tem esta maneira de se virar, é uma alternativa”.* Ela alude à perspectivas restritivas em relação a profissão, outrora existentes. Atualmente, seria mais fácil a mulher recorrer a profissão do sexo, do que antigamente. *“Por isso que a gente vê meninas que fazem faculdade em universidades particulares, que fazem programas à noite também. Aqui no Kobrasol”.* Entrevistadora: *“Você conhece algumas dessas garotas?”* Entrevistada: *“Não. Mas já ouvi falar bastante. Têm duas meninas que trabalham aqui e que moram no Kobrasol. Elas conhecem; fazem para pagar a mensalidade, o aluguel, se sustentar, é uma maneira que elas acham, assim como nós”.*

As entrevistadas, entretanto, vêem a profissão como uma atividade temporária. A maioria delas revela não sentir prazer em fazer sexo com estranhos e diz que a

realização dos seus desejos sexuais não está vinculada ao exercício da profissão. A prostituição constitui numa troca, num acordo comercial, que visa essencialmente o lucro financeiro: *“Nunca senti nada com nenhum cliente. Nada, nada. Às vezes tenho nojo, mas nem penso. Dou e pronto. Nunca senti prazer, nem carinho, sei lá mais o quê. Faço pelo dinheiro e só”* (entrevistada A)

O termo “nojo”, empregado pelas entrevistadas, traduz um contexto que diz respeito não só ao repúdio físico pelo fato de manter relações sexuais com um estranho (trocar fluidos corporais com desconhecidos). O nojo envolve os valores morais aprendidos ao longo dos anos pelas mulheres: certo e errado sobre o sexo. *“Não gosta do faz. Afirma ter nojo do trabalho que realiza. Um dos pontos mais negativos da profissão é o fato de ter de manter relações sexuais com desconhecidos”*, (relato das entrevistadoras - entrevistada 1).

Através da palavra nojo, e a maneira como constroem os enunciados, a fala das participantes propicia associações de uma série de normas e regras aprendidas na coletividade, através das quais as mesmas filtram seus sonhos e anseios: o amor romântico, o casamento, etc...

“Sim, pagava muito bem, né muito bem, né, que hoje em dia é difícil a gente arrumar um homem assim, né, há, digamos dez anos atrás, doze, tinha, né, e tudo que tive perdi mais uma vez, que eu adquiri, né. E além do mais, na hora da cama ele era tão lindo tão perfumado, tão rico, mais é tão nojento como se fosse qualquer outro homem. Se torna uma coisa imunda mesmo, o sexo fora do casamento, fora do amor é nojento sexo por dinheiro, por prazer é uma coisa nojenta”, (entrevistada B).

Em relação aos companheiros das entrevistadas, as mesmas delimitam uma separação entre sexo privado e sexo profissional; parece haver um desconforto relacionado com a dicotomia: sexo com vários – imoral, sexo com exclusividade – honesta. Se esse desconforto é real em relação aos companheiros - seguindo a lógica enfaticamente delineada no depoimento da maioria das entrevistadas, ao citarem o desprezo que sentem por se relacionarem intimamente com estranhos – de qualquer modo, elas esclarecem: *“Com o*

cliente é pelo dinheiro. É só o ato sexual. É muito diferente transar com o namorado. Só tem prazer com o namorado” (relato da entrevistadora - entrevistada A).

Ter prazer com os clientes torna-se algo não recomendável; seria o mesmo que admitir que a profissional gosta de se prostituir. Embora algumas reconheçam que, em casos específicos, sentem prazer, dependendo da habilidade sexual do cliente. *“É, às vezes aparece um gostoso”*, (entrevistada 04). Coincidentemente, as que admitem que não gostam da profissão, são as mesmas que dizem não sentir prazer algum. Já a entrevistada que admite gostar da prostituição, também reconhece sentir prazer em determinadas ocasiões. Entretanto, a maioria das entrevistadas acredita que as pessoas pensem que elas estão nessa vida por serem mulheres de pouco valor, por gostarem de sexo casual. Elas próprias concordam, em termos, com a opinião geral, pois crêem estar realizando a pior das atividades. Mas negociam esse crédito negativo ao separarem moralmente a mulher que faz sexo pago com vários, e aquela que faz o mesmo, de graça.

Surge na fala de algumas entrevistadas, conseqüentemente, uma diferença de teor determinista sobre a profissão do sexo em relação a outros empregos quaisquer. A prostituição é descrita como algo que se torna inerente à natureza de uma mulher, funde-se a pessoa, ou seja, ela incorpora um estilo de vida. A profissional do sexo passa a ser considerada (e a se considerar, na maioria dos casos) aquilo que faz; condenada a viver uma vida indigna. *“Ponto negativo: Tudo! Odeio essa vida! Procuo emprego de doméstica. Quero muito ser doméstica. Não por dinheiro (porque minha irmã disse que sendo puta ganha mais) mas por segurança e para ter um trabalho de verdade”*, (entrevistada A). A profissão do sexo, nesses termos, não é tida como uma profissão de verdade, mas como uma atividade que desperta profunda vergonha. E exatamente por isso, sua auto-estima enfraquece diante da visão negativa que adquirem de si próprias e da atividade que exercem.

Há, ainda, exemplos de profissionais do sexo que não se consideram como tais. Não admitem a prostituição como uma atividade, a qual possam ser relacionadas pelos outros, muito menos como a sua profissão; vêem como uma atividade temporária e complementar. Consideram como profissão outras atividades, para as quais se prepararam e exercem quando possível, ou almejam exercer. *“Não se considera prostituta... Fica um ou dois meses sem trabalhar (...) considera-se pobre (...) não gosta do que faz Tem profissão de cozinheira no verão”*, (entrevistada 14)

Mesmo em relação às entrevistadas que se assumem como profissionais do sexo, vêem a prostituição como atividade temporária e complementar à renda. *“Ah, eu já trabalhei com muita coisa, tenho auxiliar de enfermagem, tenho cabeleireiro, é... comércio, bar, eu tive muitos anos, enquanto assim, digamos assim, o tipo de trabalho assim, aí eu saía, fazia sexo por dinheiro para ajudar nas despesas da casa, eu fiz muitas e muitas vezes”*, (entrevistada B).

Apesar da profissão do sexo aparecer como forma de sobrevivência, põe sempre em conflito valores morais aprendidos ao longo da vida, na definição da profissão fornecida pelas participantes: uma atividade vergonhosa, odiosa, horrível, nojenta, entre outros adjetivos negativos. As profissionais frisam que atuam, exclusivamente, por necessidade financeira. Entrevistadora: *“Você gosta do que faz?”* Entrevistada: *“Não, tenho repúdio só faço por dinheiro”*, (entrevistada 8)

O conflito dos valores morais das mesmas aparece, também, através de comentários que deixam transparecer a sua formação religiosa. O certo ou errado, no fundo, deriva do que é considerado virtude ou pecado. A profissional carrega um estigma histórico relacionado ao papel da prostituta na sociedade religiosa colonial; a qual era considerada pelos representantes da igreja como “serva do demônio”. O estigma permanece e a profissional do sexo, devido a sua formação educacional e religiosa, considera-se sob muitas maneiras, indigna da “benção divina”. O que revela a fragilidade da auto-estima (individual) modelada por conceitos e valores anteriores a sua existência e produzidos na coletividade. Os conhecimentos correntes e populares sobre a prostituição estão impregnados de valores religiosos, formadores de consciências, e que estão presentes nos discursos das profissionais.

“Tive uma vida errada que nossa (...) Eu fiz um propósito com Deus de não fazer mais isso – digamos assim, há uns quatro meses atrás. Daí parei, parei, mesmo em dificuldade, eu não faço mais”, (entrevistada B).
 Entrevistadora: *“Qual é a tua religião?”* Entrevistada B: *“Eu sou evangélica mais desviada”*.
 Entrevistadora: *“Como é desviada?”* Entrevistada B: *“Não frequento a igreja, pelo fato de eu trabalhar aqui dentro. Ninguém pode servir a Deus a ao diabo, né?”*.

Apesar dos valores religiosos e o repúdio mencionado, elas negociam e calam seus protestos em virtude da necessidade, e dos ganhos. A entrevistada 13 uma visão também determinista sobre a profissão, embora no seu caso seja em relação as suas escolhas pessoais: *“É uma saída.. fazer o quê! Não tem outro jeito! Mas quero sair, é uma vida que judia muito da gente. Acaba com a gente. E como tu vai encarar os outros?”*

Os aspectos morais referentes à profissão permeiam a maioria dos comentários sobre a mesma. Salvo a entrevistada 4, que procurou fazer uma previsão objetiva, realista, e ao mesmo tempo, otimista, sobre o seu futuro enquanto profissional do sexo.

“Quando eu entrei na noite eu já fiz um investimento, porque a noite não é uma profissão que a gente pode viver nela por muito tempo. Porque não depende só da habilidade, depende de estética, de juventude, então eu já entrei com um investimento. Hoje, eu tenho uma outra fonte de renda. Mais sete ou oito meses de noite eu já posso voltar tranqüila para São Paulo”.

A respeito da função e permanência da profissão na sociedade, as participantes apontam fenômenos sociais característicos do mercado de trabalho nacional. Entrevistadora: *“Por que você acha que existe a prostituição?”* Entrevistada 7:

“A falta de emprego, a falta de oportunidade de trabalho fora, fora de uma boate mesmo o comércio tá muito pequena gente! Eu não consegui nem como doméstica, por quê? Por que eu não tenho carteira de trabalho, a mulher me olhou, me analisou do pés a cabeça, ela olhou pra mim e disse: Não, você é muito nova, eu acho que ela pensou que eu ia dar em cima da marido dela, ou ele em cima de mim. Acho que isso não tem nada a ver, se você usar a cabeça você vai trabalhar, não confia no marido dela, ou não confia nela (..)”.

A questão do preconceito que envolve a profissão do sexo influencia não só nas relações formais, como informais – desde a discriminação na hora de procurar outro emprego até nos relacionamentos de amizade, namoro, ou entretenimento (ambientes em

que possam obter o lazer como qualquer outra pessoa). E apesar das profissionais procurarem conquistar espaço, a discriminação coletiva encontra respaldo no discurso das próprias. Entrevistadora: *“Como você se define profissionalmente?”* Entrevistada 7: *“Eu nunca pensei nisso, a palavra que mais cabe pra uma mulher que trabalha na noite ou é garota de programa ou é prostituta. Porque uma mulher que vende o corpo, que aluga o corpo só pode ser uma prostituta, entendeu?”*

Por um lado, a entrevistada 7 afirma que a prostituição é uma saída profissional; por outro, revela um discurso coletivo sobre o valor atribuído às mulheres que vendem ou alugam o corpo para favores sexuais. Mulheres que vendem ou alugam seus corpos só podem ser prostitutas e nada mais. E ainda, deixa entrever a visão de mercadoria que permeia as relações prostituíntes. Segundo esse raciocínio, o corpo torna-se o objeto de troca, e não os serviços prestados.

OS CLIENTES SÃO AVALIADOS PELAS PROFISSIONAIS ATRAVÉS DO COMPORTAMENTO E A APARÊNCIA FÍSICA

Quanto às técnicas de trabalho ou de abordagem ao cliente, as profissionais entrevistadas foram unânimes ao descrever o encontro como algo deliberado, em que a profissional deve manter-se alerta aos interesses masculinos, procurando atrair o cliente com olhares e comentários sugestivos. Estabelecido o contrato, vão para o quarto, e dependendo da atração sexual que surgir, a profissional poderá caprichar mais no repertório sexual. Caso contrário, fará aquilo que denominam de linha básica: tirar a roupa; colocar o preservativo no cliente; posicionar-se para a penetração; e acelerar o orgasmo do cliente, a fim de que possa sair em busca de nova freguesia. As entrevistadas demonstraram que manipulam a relação de acordo com as suas preferências sexual. A maioria não faz sexo com outras mulheres, e algumas evitam sexo anal. Entretanto, as preferências sexuais das participantes dependerão da quantia de dinheiro em jogo. Segundo os relatos, o contrato daria direito basicamente à penetração vaginal. As outras opções dependeriam muito da atração sexual da profissional pelo cliente.

As profissionais entrevistadas avaliam os clientes através de dois critérios essenciais: o comportamento e a aparência física. Quando indagadas a respeito do que

chama mais a sua atenção em relação ao cliente, elas comentam que a experiência e a intuição auxiliam na seleção. As profissionais procuram observá-los, e também, ficam atentas ao fechamento do contrato verbal, durante o diálogo; isto é, se eles aceitam um preço alto sem questionar, se oferecem dinheiro a mais para fazer sexo sem preservativo, ou se pedem para sair com elas para longe do local normalmente utilizado pela profissional para seus encontros.

Segundo o relato das pesquisadoras da graduação, a entrevistada 2 observa os seguintes aspectos em relação a periculosidade em potencial de um cliente: *“Quando o cliente oferece muito dinheiro ou quando ela cobra um preço elevado e o parceiro aceita no mesmo instante, sem questionar o valor, ou quando está bêbado ou drogado”*.

A maioria das profissionais evita os clientes drogados e bêbados. Um contraponto à opinião de senso comum de grande parte das mulheres casadas de baixo e médio poder aquisitivo que acreditam que seus maridos freqüentam os prostíbulos e mantêm relações sexuais com mais facilidade com profissionais do sexo quando fazem uso de droga e álcool. Essa visão é freqüente em casos de terapia constatados na prática, quando a queixa se refere a traição do marido, diretamente relacionada com o uso de drogas. E revela, também, que as queixosas acreditam que as profissionais aproveitam-se desta situação para obter lucro, já que o marido está fora de si. A ansiedade recai sobre elas diante da possibilidade de contrair uma doença venérea que, é quase certo para elas, será transmitida pelas profissionais do sexo aos seus maridos.

O cliente é visto com condescendência, no que se refere ao estereótipo do gênero masculino, na sociedade brasileira. *“Todo homem é assim mesmo. Os homens não prestam, nunca prestaram... desde que o mundo é mundo. Eles têm necessidade de trair. É as mulheres que deve se cuidar”* (entrevistada 13).

Entre os clientes que aparecem, as profissionais classificam-nos segundo a regularidade e variedade com que escolhem seus serviços:

“...pois geralmente, o homem que troca assim eles são malandros, né, eles querem malandragem. Há fregueses que vêm aqui, pessoas que a gente tinha por muito inteligentes, muito, sabe, pessoa importante, e depois a gente vê que não é nada disso, ele hoje sai com uma, amanhã sai com outra, e se

chegar a mais feia, mais sujinha ali ele sai pra cama como se fosse a mesma coisa, então é homem bagunceiro, que quer coisa diferente, né” (entrevistada 15).

Dois aspectos parecem estar presentes na opinião da entrevistada. O primeiro diz respeito a concepção de normal e diferente. O cliente que procura pelo não usual é visto com desconfiança pelas profissionais do sexo, em geral. Elas têm receio de que ele possa extrapolar e ser uma ameaça a sua segurança. O segundo diz respeito a valorização que o cliente possa atribuir às profissionais. Saber diferenciá-las, valorizá-las em detrimento das colegas (as melhores, mais bonitas, mais elegante, discretas, competentes na cama) – tudo isso influi no conceito que elas fazem do cliente “sério”.

As entrevistadas revelaram que se vêem como prestadoras de serviços, apesar dos índices indicarem que, por trás da visão oficial, espelham em suas vozes uma condição de mercadoria. É no fechamento do contrato verbal, contudo, que procuram deixar clara sua posição de prestadoras de serviços. As profissionais estabelecem quais serviços sexuais oferecem aos clientes, na maioria dos casos. Segundo o depoimento das entrevistadas, os mesmos constituem no essencial, sem variações, ou inovações consideradas por elas difíceis de serem “*encarados com estranhos*”, (entrevistada 11). As profissionais denominam seu serviço de linha básica. Entrevistada 4: “*Eu faço a linha básica, rapidinha... (risos)*”. Entrevistadora: “*E o que é a linha básica?*” Entrevistada 4: “*Chegou lá, tira a roupa. Põe a camisinha no cara, senta em cima uma, duas, três bombadas...*”

Outras descrevem que, simplesmente, abaixam a calça ou levantam a saia. Procuram evitar qualquer sinal de que o sexo feito é por prazer, deixando claro o contrato de prestação de serviços. Elas só sentem necessidade de cativar o cliente, caso ele apresente poder aquisitivo maior, ou seja seu cliente fixo. Homens que estão pagando somas significativas, exigem muito mais, desde a aparência, até os serviços oferecidos. A profissional se sujeita muito mais as suas exigências. Já no baixo e médio meretrício, o cliente pouco se pronuncia. As profissionais enfatizam o que oferecem no fechamento do contrato, e a maioria não reclama ou negocia.

Entrevistadora: “*E com cliente, tinha alguma coisa que vocês diziam, que não pode fazer isso ou aquilo?*” Entrevistada B16 “*Ah, isso aí a mulher tem bastante liberdade, a coisa funciona mais ou menos como elas querem, nesse sentido aí. Há freguês que chega,*

gasta, vai pra cama com a mulher e ela não quer que ele beija na boca e ele não beija, não adianta”.

Algumas exceções surgem, principalmente, quando há uma conversa de sondagem, antes da relação sexual. O cliente apresenta suas preferências, que segundo algumas profissionais entrevistadas são: Entrevistadora: *“E o que seus clientes mais procuram?”* Entrevistada 4: *“Tem muita gente que fala comigo sobre sexo anal”*. A mesma entrevistada comenta que, se a proposta de sexo não lhe agrada, desconversa com o cliente e procura não fugir da linha básica. Devido a procura pelo sexo anal, há casos de estabelecimentos que oferecem serviços de travesti, como comenta a entrevistada 7:

“Sexo anal é o que eles mais querem, é diferente, inclusive nós não tínhamos nenhuma menina que fazia sexo anal, agora a gente tem um travesti, porque eles procuram o sexo anal, e se eles querem sexo anal e o normal, eles pegam o travesti mais uma menina. Tipo uma suruba, né”.

A maioria delas escolhe, dentre os clientes, os mais idosos; e na temporada de verão, os estrangeiros. Segundo a entrevistada 9: *“Os brasileiros são muito exigente. Vira de um lado, vira de outro... fazem a gente de boneca, né. Os de fora só querem o normal. É melhor”*. Na verdade algumas participantes expressaram sentimentos de alívio quando encontra clientes pouco exigentes. O repertório sexual das mesmas usualmente não inclui variações e elas não gostam de mostrar interesse pelo sexo além do estipulado, com estranhos.

AS PROFISSIONAIS DO SEXO REVELAM GRANDE INSATISFAÇÃO COM SUA ATIVIDADE

Nos depoimentos, encontram-se vários indicadores de insatisfação em relação a profissão em que atuam (prostituição). 98% das entrevistadas comentam, inclusive, que gostariam de especializar-se em outras profissões. Até chegam a fazê-lo, contudo, o desemprego e a acirrada concorrência levam-nas a retornar à prostituição.

Há, porém, relatos de duas entrevistadas que declararam satisfação com os ganhos na prostituição, pois a mesma vai ao encontro de suas aspirações e lhe dá ferramentas para atingi-las. *“Disse obter mais de mil reais por mês. E que pretende ficar na*

prostituição por mais dois meses até acabar de construir sua casa” (relato das entrevistadoras – entrevistada 6).

Estabelece-se, portanto, uma forte conexão entre o grau de escolaridade e os ganhos, em relação à satisfação ou não na profissão. Além do mais, as entrevistadas com menor, ou nenhum grau de escolaridade alegaram que sentem aversão pela atividade prostituente, embora tenham ingressado pela necessidade de sustentar a família e a si próprias. Já a entrevistada com preparo educacional melhor (participante 4), revelou apreciar a atividade que exerce. A mesma percebe uma remuneração bem mais elevada do que as demais.

“Eu só fazia show (..) Ai falei: Quer saber, vou dar uma embalada e aproveitar os meus shows. Comecei a ligar para outras boates... como trabalhava com shows, às vezes pintava um programa, às vezes não. Eu comecei a fazer para complemento de renda, depois que eu queria sair da cidade... Ai eu fui me acomodando, o dinheiro tava entrando e eu viajando (..) eu não precisava fazer programa, senão quisesse. Podia viver só do dinheiro dos shows”, (entrevistada 4).

AS PARTICIPANTES PROCURAM NÃO FREQUENTAR OUTROS AMBIENTES POR RECEIO DE SEREM DISCRIMINADAS.

A maioria das profissionais entrevistadas evita participar de eventos sociais que alcancem outros segmentos da comunidade devido à possibilidade de serem reconhecidas como profissionais do sexo e, conseqüentemente, discriminadas.

O depoimento a seguir comenta sobre a reclusão da profissional e os motivos que a levam a isolar-se da comunidade em geral:

“Claro que eu faço de tudo pra não sair de dentro da boate porque eu não quero ser manjada lá fora, entendeu? Homens não vão sair falando de mim lá fora, mas as mulheres que me

vêm acompanhando um homem hoje, outro amanhã, depois elas vão ver o que eu sou; e o dia em que eu quiser arrumar um serviço fora eu não vou conseguir mais, vou estar manjada, e não é legal”.

A pressão exercida pela sociedade para manter a profissional em seu espaço é algo que lhe propicia uma espécie de enclausuramento social. Há ambientes que a profissional sabe que não pode frequentar, por isso, limita-se a sair de casa para o trabalho, travando relacionamentos – excetuando a clientela - com suas colegas próximas e donos de boates.

Sobre um episódio em que a entrevistada 8 não estava trabalhando, mas foi a um bar noturno para se distrair, comenta:

“ (...) E eu falei pra ele, eu trabalho em boate. Não me interessa o que tu faz, disse ele. Gostei de ti e te achei legal. Fiz de tudo pra sentar do seu lado, agora eu to aqui, nós vamos conversar. Ai ele queria sair comigo, pediu quanto eu ia cobrar, aí eu disse assim: Você tá me ofendendo, fora da boate eu não cobro (...) Como quem diz, eu não sou prostituta, eu saio com quem eu quero”.

As entrevistadas evitam falar sobre a profissão exatamente por situações como esta, em que logo o preconceito é evidenciado, segundo suas percepções e experiências passadas; e os laços de uma possível amizade são desfeitos aos primeiros contatos. Mas segundo seus relatos, a demonstração de preconceito surge, muito mais, por parte das mulheres. *“Muita mulher que passa na praça, xinga, faz sinal”*, (entrevistada 12). Relato da entrevistadora – entrevistada 1: *“Percebe olhares de reprovação por parte das mulheres que passam pelos locais de trabalho”*. Quando questionada sobre o preconceito das pessoas, a entrevistada 2 revela: *“Nota apenas olhares de reprovação das mulheres que passam por ali”*.

As entrevistadas dizem perceber o preconceito através de comportamentos e gestos considerados agressivos, embora o mesmo possa estar presente sem demonstrações tão evidentes. Elas falam a respeito diretamente, mas os índices indicam que as demonstrações masculinas estão presentes, porém, são mais dissimuladas do que a

demonstração de repúdio das mulheres em geral. Em relação aos homens, o aspecto do preconceito se confunde com a vaidade de serem abordados por uma mulher para fazer sexo, mesmo que seja pago. O preconceito fica mascarado sob atitudes de deboche. *“Eu fico na minha, troco olhares, se o cara quiser ele vem. Agora tem menina, na rua, que chega no cara. Convida. Tem uns que dão risada e não vão. Depois sai falando... Esses são os mais novinho... Na rua as coisa são mais dura, são diferente”*, (entrevistada 10).

A explicitação do preconceito está diretamente relacionada ao local de trabalho. As profissionais do sexo que atuam nas boates parecem estar menos expostas a retaliações das pessoas em geral. O discurso da entrevistada 4 é um exemplo de contradição sobre o preconceito, e ao mesmo, tempo indica a influência do espaço em que se realiza a prostituição na marginalização social; delimitação coercitiva do espaço da prostituição. Ela afirma não sofrer preconceito, entretanto, não frequenta outros círculos, que não sejam os mesmos de suas colegas de noite (entre transformistas, striptease, etc).

Entrevistadora: *“Você sofre muito preconceito?”* Entrevistada 4: *“Não, geralmente eu sou muito bem tratada”*. Entrevistadora: *“Você tem amigos fora da noite?”* Entrevistada 4: *“Nenhum”*. Entrevistadora: *“Como são os seus relacionamentos fora da boate?”* Entrevistada 4: *“Ah, são normais... eu sempre falo sobre minha profissão: que é pra não sair mentindo por aí”*. Mas esse caso não é representativo no discurso geral das entrevistadas. O preconceito é percebido e classificado pela maioria das participantes: ocorre muito mais por parte de mulheres. A demonstração de preconceito masculino é mais insinuada, por vezes mascarado por trás de frases e gestos ambíguos. Entretanto, as entrevistadas deixam claro que, pela condição de cliente (quando o homem em questão usufrui de seus serviços) ele não falará nada sobre a profissional em seu círculo familiar e profissional. Mas isso não impede que o preconceito esteja presente, muito pelo contrário. A violência de certos clientes contra as profissionais deixa bem claro o preconceito, não só em relação a profissional do sexo, mas contra a mulher e, também, contra as minorias. O preconceito masculino materializa-se de maneira bastante drástica: ora insinuado por alguns, ora convertido em violência por outros.

O preconceito favorece a desmotivação para melhorar de vida. As profissionais acabam deprimidas, e com a auto-estima enfraquecida.

Entrevistadora: *“Qual é o seu sonho profissional?”*

Entrevistada: *“Meu sonho ainda é me formar em direito e fazer concurso pra juíza, eu não quero ser uma simples advogada. E esses dias, inclusive, teve um cara aí, eu sentei e fiz companhia, aí ele me disse que era promotor, depois que eu falei do meu sonho, né, ele disse assim: Só que você não vai conseguir. Aí eu disse: Por que? Porque eu sou promotor, eu sei disso. Por que eu não vou conseguir? Por que você trabalha aqui, oh, você é uma prostituta”, (entrevistada 7).*

Há indícios, na fala do cliente que é reproduzida pela participante, sobre o lugar por excelência da profissional do sexo: a boate. Não há uma distinção entre “ser” e “atuar”, como profissional. A garota de programa é o que ela faz, dentro de um estereótipo fortemente arraigado na cultura, construído historicamente. De forma determinista, a pessoa jamais deixaria de ser o que ela é, e atuar como profissional do sexo mancharia seu currículo de maneira irrevogável, segundo o cliente.

AS PARTICIPANTES SE PREOCUPAM COM OS COMENTÁRIOS DAS OUTRAS PESSOAS.

Ao ser indagada pelas alunas da graduação sobre sua reação frente aos possíveis comentários que as pessoas possam fazer sobre a sua profissão, seguiu-se o diálogo:

Entrevistadora: *“Você se preocupa com o que as pessoas falam?”* Entrevistada 7: *“Com certeza! Eu tenho muito interesse em sair. Eu não me importo com o serviço, eu me importo... Tipo assim... em sair. Porque é aquela coisa, oh: Você nunca sabe como é a pessoa com quem você vai sentar, ela pode ser uma pessoa legal, como pode ser uma pessoa carrasca”.*

Os índices demonstram que, é muito mais difícil para as participantes suportarem a reprovação dos outros, do que fazerem sexo com estranhos. Relacionar-se com

estranhos parece surtir maior impacto nas profissionais iniciantes, embora todas (inclusive aquelas que atuam a mais tempo) revelem repúdio pelo sexo pago, com variações de parceiros. No entanto, uma preocupação maior está presente em suas ações profissionais: o medo de ficar marcada como prostituta.

A visão que a profissional acredita ser a do outro generalizado (coletivo) em relação a sua profissão, é fornecida não só pela fala das participantes, mas também pelos índices: com respeito a idade das entrevistadas, há diferenças na maneira como criticam ou justificam o motivo de ingresso na profissão. As iniciantes utilizam a palavra *nojo* com muito mais frequência do que aquelas que se encontram há mais tempo na profissão; estas também falam do repúdio, mas sem acrescentar manifestações enfáticas de desgosto, de certa maneira, resignadas (essa resignação é revelada ao comentarem sobre o sofrimentos passados na prostituição). As iniciantes, inclusive, falam com mais frequência de seus objetivos e sonho, e como pretendem realizá-los, quando deixarem a profissão; as veteranas quase não falam em sonhos ou objetivos.

Projetos de vida difíceis de realizar e pouco valor enquanto pessoas; sem o acolhimento do grupo, da sociedade em que vivem, as profissionais do sexo tornam-se pessoas bastante solitárias, com a auto-estima bastante prejudicada e com poucas possibilidades de transitar normalmente pelos eventos sociais característicos da comunidade em que está inserida. Entrevistadora: *“E fora, você tem amigos?”* Entrevistada 8: *“Não. Muito pouco. É um ou outro amigo. Porque não tem nem como, as pessoas tem elas na rua a gente sente o preconceito, a gente até pode não sentir mas tá estampado no rosto da pessoa”*. A prostituição como uma atividade remunerada seria restritiva, em termos de relacionamentos sociais, confirmando a determinação histórica do espaço reservados às mulheres honestas e às mulheres faladas, especialmente, as consideradas meretrizes.

A MAIORIA DAS FAMÍLIAS DE ORIGEM DAS PARTICIPANTES É DESESTRUTURADA

Os relacionamentos familiares das participantes são conturbados, em 40% dos casos pesquisados, e indicam uma figura paterna pouco presente (ou atuante) na vida das mesmas. Há, porém, muitas referências à figura materna. As mães das participantes aparecem como símbolo de apoio, ou de conflito; as participantes que possuem filhos

deixam-nos com as avós para que cuidem deles na sua ausência. O apoio da mãe ocorre principalmente nos casos em que elas estão cientes da profissão da filha, e sua aceitação é manifesta. Surgem casos entre as participantes, no entanto, em que conflitos anteriores ao ingresso na profissão permeiam o relacionamento - e através da prostituição agravam-se devido ao choque de opiniões e valores, entre mãe e filha, que tornam as atitudes e decisões desta última inaceitáveis para aquela. Esse tipo de conflito acarreta na falta de apoio emocional e financeiro, que algumas participantes revelaram serem necessários a sua estabilidade emocional e foram indicados em algumas conexões entre suas respostas (ingresso *versus* necessidade; família *versus* visão sobre a própria profissão).

Para as participantes, o relacionamento familiar envolve um objetivo em comum: o sustento dos filhos. Em certos relatos, os mesmos são criados pelas avós, em suas cidades natais. O relacionamento entre ambas, por causa da criação dos filhos, é bastante conflituosa em alguns relatos; fator de preocupação constante das mesmas: *“A gente e... é uma longa história, né,(...) não se dá e ela se vinga nele”*, (entrevistada 16). *“(..) ele tá crescendo. Meu sonho é conseguir um dia alugar uma casa pra poder trazer ele pra perto de mim”*.

Em se tratando de idade, as entrevistadas revelaram ter começado muito cedo na profissão, salvo algumas exceções. As oportunidades de emprego, neste campo, surgiram na adolescência, geralmente, através da introdução no sexo pago com o apoio e auxílio de amigas, ou parentes. Os conflitos citados acima teriam surgido nessa fase de suas vidas, e teriam favorecido a escolha pela profissão do sexo.

Algumas entrevistadas comentaram sobre os conflitos familiares na fase da adolescência (sem especificar exatamente quais, mas revelaram que as desavenças envolviam ora as mães, ora os pais); e teriam repercutido no auxílio financeiro. Portanto, a prostituição teria sido compreendida pelas participantes como uma forma de eliminar o conflito e adquirir a independência financeira. *“Minha mãe começou a dar pra trás em me ajudar, porque ela achou que eu já estava aqui há muito tempo sem fazer nada. Porque pra ela, dois meses já era suficiente pra ter arrumado um serviço. Então, eu praticamente me obriguei a vir pra cá (a boate)”*, (entrevistada 7).

Em 23% das entrevistas, as participantes revelaram que as mães sabiam sobre a profissão da filha e apoiavam, pelo fato de constituir em mais uma renda para o lar.

Entretanto, as entrevistadas não aprofundaram aspectos sobre seus relacionamentos familiares. Segundo as entrevistadoras, as profissionais do sexo são pessoas bastante fechadas sobre o seu passado. Entrevistadora: *“E seus pais trabalham em quê?”* Entrevistada 7: *“O meu pai trabalhava com carpintaria. Ele era pedreiro autônomo, era chefe, ele faleceu faz cinco anos, e minha mãe tem um instituto de beleza”*. Entrevistadora: *“E você não quis trabalhar com sua mãe?”* Entrevistada 7: *“Não, eu não me acerto muito com minha mãe”*. As respostas sobre a família geralmente foram como o exemplo acima: lacônicas e sem maiores explicações.

O passado é guardado a sete chaves e as participantes mostraram-se ariscas a um contato mais profundo com as entrevistadoras. A inserção das mesmas no cotidiano das profissionais do sexo só foi possível mediante um trabalho continuado e árduo, que levou cerca de seis meses. Na medida em que foi estabelecido um vínculo de confiança, algumas participantes passaram a falar sobre seus relacionamentos familiares com mais naturalidade e segurança:

Entrevistadora: *“Como é a sua relação com a sua filha?”*

Entrevistada 8: *“É legal, ela é muito agarrada comigo e principalmente com a minha mãe, meu irmão mais novo adora ela, tão sempre juntos. Ela ainda não sabe que eu trabalho... um dia eu vou escolher um dia especial para mim contar para ela, eu praticamente não contei a verdade... é uma situação desagradável”*.

Elas alegam trabalharem em outras ocupações, tais como: faxina, vendas, etc.; quatro entrevistadas comentaram que a família sabia de sua profissão, porém, não apoiava ou repudiava; e três entrevistadas disseram que a família sabia e apoiava. Incluído entre estas últimas está o caso de uma profissional do sexo cujo relato deixa evidente o apoio da mãe e o repúdio do marido, o qual a tirou da profissão, mas ela acabou voltando sem que ele soubesse. Para o marido, ela disse que trabalhava como empregada doméstica. Mas como não gosta desta atividade, retornou à prostituição, aonde seus ganhos são muito mais elevados (cerca de mil reais) e ela está investindo na construção de uma casa. Outro detalhe que revelou é que não gosta do esposo, e sim, de um outro homem que conheceu na noite e

pelo qual está apaixonada. Continua casada com o atual companheiro apenas por questão de segurança e estabilidade, mas é do cliente fixo que disse gostar.

Há casos, entre as participantes, em que algum parente, irmão, tio, primo, sabe sobre a profissão das mesmas:

Entrevistadora: *“E alguém da sua família sabe de sua atividade?”* Entrevistada 7: *“Minha irmã sabe, mora na minha cidade, é casada, tá grávida, é mais velha dois anos e meio do que eu”*. Entrevistadora: *“E o que ela pensa a respeito?”* Entrevistada 7: *“Ela me disse o seguinte, porque antes de eu entrar eu me abri com ela, aí ela me disse assim oh: Que era pra eu deixar de ser boba que eu não tava conseguindo um serviço nenhum, era para eu fazer sem problema nenhum, entendeu? Porque eu não tinha nenhum conhecido meu aqui que pudesse falar de mim lá e sei lá, ela pensa assim, de repente é só um período da vida. E nós conversamos bastante a respeito, e ela disse que não tem porque ela contar pra mãe (...)”*.

A principal preocupação, no depoimento acima, é que alguém pudesse saber, e isso abalasse a credibilidade da família na comunidade em que vivem. A reputação da mulher é o espelho do respeito social recebido pela família, segundo Figueiredo (organizado por Priore, 1997).

NA MAIORIA DOS EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA, O CAUSADOR É O CLIENTE.

A clientela é a ponte entre a profissional do sexo e o outro (a voz da coletividade). Além do mais, é o principal componente no trabalho da mesma. Assim como provém do cliente o lucro que almejam, igualmente provém dele a insegurança com relação ao inesperado. No caso das entrevistadas, o medo do desconhecido, de uma possível agressão por parte do cliente, é uma preocupação constante e uma forte motivação para sair da atividade prostituinte. Entretanto, a iminência de serem agredidas, estupradas, e até assassinadas transforma-se num fantasma freqüente nos discursos das mesmas. *“Um cliente drogado, após o pagamento, bateu nela, exigindo que ela chorasse e ameaçando jogá-la de*

que a maioria, por não gostar de usá-lo, trapaceia com o intuito de prejudicar ou aborrecer a profissional.

A confusão entre as fantasias e desejos, e a profissão em si, fazem parte da assunção de papéis (e não desempenho) dos protagonistas da prostituição. A violência associada à liberação de fantasias e desejos é comum, essencialmente por parte do cliente. Os relatos das entrevistadas revelaram que há clientes que tentam submetê-las a castigos físicos e morais, corroborando com as considerações de Gaspar (1985), quando diz que o cliente sente-se dono da mercadoria que está comprando. *“Ele me bateu e me chamou de vagabunda. Joguei uma pedra no vidro do carro dele e disse que se não me respeitasse, ia quebrar o carro todo (...) A gente quer um mínimo de respeito, né. É o que a gente quer”*, (entrevistada 16).

As profissionais do sexo ressentem-se do desrespeito e, muito mais, temem ser assassinadas ou agredidas. Os índices apontam para a conexão entre receios da violência e a idéia de arranjar outra profissão.

A SEGURANÇA DAS PARTICIPANTES DEPENDE DO SEU *STATUS* E DO AMBIENTE EM QUE ATUA

O comportamento dos clientes é, para as participantes, ambíguo: fora do estabelecimento, podem tomar atitudes agressivas e dentro, comportam-se segundo as regras da casa. A profissional conta com relativa segurança. Mas lá fora, o contrato estabelecido entre a profissional e o cliente tem pouco valor, e sua conformidade dependerá da consciência de cada cliente e da habilidade e/ ou recursos de cada profissional do sexo para se defender, ou se proteger.

Entrevistadora: *“Você só trabalha na boate, ou você trabalha na rua também?”* Entrevistada 7: *“Eu fiz saídas, a pessoa vem e quer uma menina para sair, ele paga a saída de 30 reais e sai com a menina. Só que eu saí três vezes e nas três me dei mal, tiveram pessoa que não souberam me respeitar, porque não estavam na boate achavam que podiam fazer o que queriam comigo. Aí eu tomei a decisão de não sair*

mais. Fico só aqui dentro porque é seguro. Este moreno que chegou agora é o segurança, qualquer problema que dá, a gente dá um berro pra ele e ele vem no quarto”.

Então, definitivamente, o local de trabalho influencia decisivamente na segurança, e nas condições psicológicas que estas profissionais possuem. As saídas tornam-se fatores de instabilidade na profissão, e as profissionais só arriscam quando é um cliente fixo, que elas já conhecem.

O status é outro fator que influencia na confiança que a prostituta sente, em relação a clientela, para exercer sua profissão. As entrevistadas que atuam nas ruas revelaram constante temor pela própria vida, e muito mais desconfiança em relação à aproximação das pessoas, do que as que atuam nas boates. Na verdade, as últimas se autodenominam garotas de programa (nunca prostitutas, pois estas são associadas ao mais baixo nível do meretrício). As garotas de programa demonstraram naturalidade maior ao falar sobre a prostituição, pois o fator tempo, ocasião, e segurança ambiente, determinam a segurança emocional. Leia-se segurança, também, como privacidade aos olhos reprovadores dos outros.

Na rua, vários fatores interferiram na pesquisa, tais como a presença inibidora de cafetão, a chegada inesperada de clientes, que confundiam as entrevistadoras com as profissionais do sexo, etc. De qualquer maneira, as entrevistas obtidas foram como desabafos para as profissionais (conforme a definição fornecida pelas entrevistadoras, em relatório anteriormente citado). Não há indícios de que transtornos emocionais estejam relacionados à segurança ambiente, contudo, as garotas contam com mais infra-estrutura para trabalhar nas boates; e os índices apontam para a dimensão psicológica do processo de retraimento e expansão, que difere entre as profissionais. As que atuam na rua demonstraram ser mais ariscas. Nas boates, porém, as profissionais demonstraram ser mais extrovertidas.

A segurança depende do local, porém, nos ambientes que não dispõem de infra-estrutura, as profissionais se organizam de forma diferente da boate para garantir alguma proteção: atuam sempre juntas, e quando uma sai com o cliente, as outras que estão na praça observam-nos e procuram gravar a fisionomia do mesmo; caso a colega não retorne, elas podem tomar providências a partir da descrição física do cliente. Esse sistema é precário, no entanto - e diante do aparato de seguranças, porteiros e barmen que trabalham

nas boates, torna-se insuficiente - uma vez que episódios de violência também ocorrem nas boates. Senão por parte de clientes que se metem em brigas, por parte da polícia, ao dar batidas nos estabelecimentos.

A segurança das profissionais, ao contrário da maioria dos cidadãos, é melhor à distância da polícia. Sua atuação reduz a possibilidade de ganhos das profissionais, além de se tornar risco eminente de causar uma voz de prisão para a prostituta.

Em relação à atuação policial, todas as entrevistadas pareceram manter um acordo tácito em não aprofundar comentários. Exemplo fornecido através do relato das entrevistadoras ao descreverem o reencontro com a participante 3: *“Reencontramos ela. Novamente ela se queixou da profissão. Desta vez ela estava mancando e cheia de hematomas. Disse que aconteceu uma briga provocada por outra garota que chegou bêbada no estabelecimento. A polícia também apareceu, mas não falou o que a polícia fez”*.

Elas evitam falar sobre à respeito, e quando abordadas, logo desconversam. A penas duas participantes dispuseram-se a comentar um pouco da presença da polícia em seu cotidiano:

Entrevistadora: *“Sobre a polícia, o que você pensa?”*

Entrevistada 08: *“Sei lá, não tive uma experiência pra te dizer, já tive m cliente policial, eles são meio maluquinhos, o cara que tava comigo, ele fez programa comigo, aí ele saiu e disse assim oh: A próxima vez que eu vier, eu vou te comer, como ele dizia, fardado, com arma e tudo, era uma fantasia sexual dele”*.

Já a entrevistada 4 revelou que nunca teve problemas com a polícia:

“(...) eles não incomodam a gente não (..) o que é perigoso é pra quem mexe com drogas. Você não tem documento, aí eles pegam no seu pé. Lá no Uruguai, no Paraguai, na Argentina pra você trabalhar em casa noturna, você tem que ter carteirinha de artista. Porque senão, lá você corre o risco de ser presa por prostituição. Aqui no Brasil, não (...)”.

Apesar de não mencionarem a polícia abertamente, há momentos da entrevista que mencionam a atuação da mesma ao falarem de outros aspectos da profissão,

tais como a segurança dos locais de trabalho. Principalmente no caso das profissionais de rua, as quais alegam que o policiamento é intenso, dificultando sua atuação, por um lado, mas por outro, inibe a aproximação de clientes potencialmente perigosos. As profissionais procuram prostituir-se no período diurno, já que no noturno correm riscos maiores de serem presas. Entretanto, não há indícios de que o policiamento seja rigoroso em relação às boates, embora tenha ocorrido uma grande batida em todos os estabelecimentos da região central, em que muitas profissionais foram presas. O fato ocorreu entre os anos de 1996 e 1997, segundo as pesquisadoras da graduação. De lá para cá, as profissionais teriam se tornado extremamente desconfiadas em relação à aproximação de estranhos, para evitar de serem colocadas em evidência. Procuram não ser muito notadas, principalmente pela polícia.

A MAIORIA DAS PARTICIPANTES DESEJA ABANDONAR A PROSTITUIÇÃO, MAS NÃO CONSEGUE.

Algumas das participantes tentaram sair da profissão e procuraram outras atividades, porém, não obtiveram êxito e tiveram de retornar à prostituição. *“Morava na casa de uma amiga onde mãe e filha traziam homens para atender. A princípio ficou receosa, porém com as cantadas de um homem, acabou por aceitar o convite. Disse ter parado por algum tempo mas sentiu necessidade de voltar para sustentar seus filhos”*, (relato das entrevistadoras – entrevistada 5). Segundo as entrevistadoras, os envolvimento das participantes com sexo pago são repletos de partidas e retornos. As profissionais não aceitam a sua ocupação como algo permanente. Frisam que é algo transitório; deixam o sexo pago, arranjam outro emprego, ou encontram alguém que as sustente. Quando o arranjo não dá mais certo, elas acabam retornando às boates e às ruas para se prostituir. Há, portanto, um período de afastamento, que geralmente é limitado, embora tenham ocorrido casos de mulheres que deixaram a prostituição, casaram-se, e nunca mais retornaram. Isso é raro de acontecer, contudo. O período de afastamento compreenderia, aproximadamente, entre seis meses a um ou dois anos.

O afastamento se deve pela realização parcial ou total dos objetivos das participantes; por elas sentirem que alcançaram algo que lhes proporcione estabilidade, essencialmente, financeira. Somente a segurança financeira faz com que as profissionais do sexo deixem a profissão, segundo os relatos das entrevistadas. Quer essa estabilidade venha através de um relacionamento, quer venha através de um emprego.

No entanto, as reviravoltas econômicas, a nível micro ou macro social, quando geram instabilidade propiciam o retorno à antiga profissão. O fechamento de empresas e lojas comerciais; a acirrada competição de currículos (experiências profissionais), enfim, o desemprego levam-nas a prostituição; e o seu retorno também se deve a ele. Embora haja casos de mulheres que arranjaram companheiros e tornaram-se donas de casa. O retorno à profissão do sexo se dá, nestes casos, quando o relacionamento termina por algum motivo, que não foi abordado pelas entrevistadoras.

Os afastamentos, entretanto, são almeçados por todas as participantes, inclusive, por aquelas que alegam apreciar a profissão. O que difere é o alcance dos objetivos: quem está mais próximo, ou mais distante de alcançá-los. Aquelas que não se aproximam de suas metas, perdem-se no meio do caminho, e continuam na profissão por que precisam. É certo que todas elas entraram por algum tipo de necessidade ou projeto de vida, o qual gostaria de realizar através dos ganhos obtidos na prostituição. Todas alegaram que pretendem abandonar a profissão, quando alcançarem suas metas.

HÁ DIFERENÇAS ENTRE TRABALHAR NA RUA E NA BOATE

Os ambientes, na rua e na boate, diferem pela forma como são oferecidos os serviços sexuais. Isto é, a relação entre a profissional e o cliente não é direta, e seca, na boate, como ocorre na rua. Na boate, a sedução permeia a aproximação entre ambos. Desenvolve-se uma conversa preliminar, de sondagem, bebe-se, e define-se o contrato. Há boates em que eventos são programados, pagos pelos clientes. Trata-se de festas com strip tease, entre outros shows. Na rua é diferente. A profissional não pode ser sutil. E segundo algumas participantes que trabalham na rua, um dos aspectos mais constrangedores é abordar o cliente. Uma vez resolvido o contrato, ela o leva para algum hotelzinho próximo, ou fazem sexo por ali mesmo – escondidos atrás de alguma construção pública. Contudo, sexo em ambiente aberto é mais com à noite. E mesmo assim, a maioria das profissionais não costuma se prostituir à noite, na rua, por causa do perigo de estarem num local aberto, sozinhas, e devido a circulação da polícia. O contrário ocorre nas boates, que só funcionam à noite; abrem as portas a partir das dezessete horas.

As profissionais entrevistadas tomam extrema precaução na escolha dos clientes e do local em que vão se prostituir. Relato da entrevistadora – entrevistada 2: “*A praça XV apresenta baixa periculosidade devido ao policiamento e a presença de clientes idosos*”. O ambiente é descrito no período diurno. O mesmo modifica-se no período noturno.

FREQUÊNCIA DE ATENDIMENTO E GANHOS DEPENDEM DA NECESSIDADE PESSOAL E DO *STATUS* DA PROFISSIONAL

A opinião negativa que ocorre, de um tipo de profissional do sexo para outro - situado numa posição menos favorecida em relação ao status interno - está diretamente vinculada aos ganhos e à infra-estrutura do local de trabalho. As profissionais de boate desprezam as da rua. Existe uma rixa evidente nas entrevistas realizadas.

Nas boates, as profissionais têm possibilidades de conseguir ganhos maiores, devido à clientela de poder aquisitivo variado, além de obterem alguns benefícios dos donos das boates: casa, alimentação, etc. As boates recebem, segundo as participantes, homens de diferentes camadas sociais, que possuem baixo, médio, e elevado poder aquisitivo. Entretanto, na rua, é difícil um cliente de elevado poder aquisitivo aventurar-se a ser visto entrando em um hotel com uma profissional do sexo, em plena Praça XV. As possibilidades de ganhos tornam-se reduzidas, embora a maioria das profissionais da rua ou da boate lucre numa média relativamente semelhante.

Os ganhos ficam vinculados aos seguintes parâmetros: o poder aquisitivo do cliente; a aparência física da profissional e, conseqüentemente, sua juventude; a competência da profissional no sexo, agradando os clientes; e a elevação ao caráter de novidade para os mesmos – “carne nova no pedaço”, como elas costumam dizer.

Preenchendo os requisitos acima, as profissionais costumam obter um lucro bastante significativo, independente de atuarem na rua ou na boate. Mas o que geralmente acontece, pontuam as próprias participantes, é que as mulheres que apresentam tais qualidades aos olhos dos clientes, não atuam em qualquer meretrício. Ela sobe de status e, se for esperta, trabalhará em casas de massagem, enfim, em locais em que haja uma rede de prostituição mais sofisticada.

Na rua e na boate, a média do ganho da profissional gira em torno de 400 a 800 reais mensais. Cada programa, ou encontro sexual, custa entre 30 e 70 reais, dependendo das condições do cliente e da negociação do contrato verbal. A classificação da atividade da profissional do sexo entre baixo, médio, e alto meretrício, dependerá do poder aquisitivo do mesmo. Elas podem cobrar um determinado preço e negociar, caso o cliente diga que não tem como pagar. Nesse caso, aceitar ou não, a redução do preço (ou trocá-lo por outra coisa de valor para ela) dependerá da necessidade da mulher. Se ela tiver uma atividade paralela, ou ganhar o suficiente com sua clientela, geralmente, não cederá no preço. Ao mesmo passo em que há mulheres que poderão se prostituir por necessidades básicas, conforme observa-se no diálogo a seguir:

Entrevistadora: *“Mas é trinta reais a hora, meia-hora, a noite?”* Entrevistada B: *“É, é que é uma coisa muito difícil né, porque tem algumas aí que vão ali 15, 20 minutos, cobram 30 real, cobram 50, cobram 100, depende da condição do freguês, e tem um monte de prostituta aí que vão ali, são capaz de passar um dia todo com o homem por um almoço, por uma janta, por uma carteira de cigarros, por uma cocaína, uma droga, hoje em dia tá muito normal isso né, principalmente em se tratando do mulher que usa droga, né”.*

No que se refere às drogas, a necessidade de lucro da profissional do sexo reduz-se às necessidades básicas de satisfação do vício. O corpo é sempre mercadoria de troca. Dependendo da profissional, pode ser trocado por dinheiro, drogas, ou por qualquer coisa que ela quiser, de acordo com suas prioridades.

A negociação do preço acontece tanto na rua, quanto na boate. Segundo as entrevistadoras, de cinco anos para cá houve uma queda do preço cobrado; em média de 10% no valor. Fato que atribuem à situação econômica brasileira. Apesar da diferença de status entre a rua e a boate, a queda de preços atinge ambos os locais de trabalho, assim como a negociação dos mesmos.

Há casos em que uma porcentagem do programa é repassada ao dono do hotel, pois geralmente é a profissional que paga pelo quarto. Quando a profissional atua em boate, ela deve fazer o cliente consumir bebidas alcoólicas, pois é na venda de bebidas que

os donos de boate obtém lucro ao incentivar a negociação entre profissional do sexo e cliente no seu estabelecimento.

As entrevistadas revelaram que fazem, em média, cinco a sete programas por dia, dependendo do estabelecimento e, conseqüentemente, da clientela. Salvo as exceções de 12 programas por dia, realizados pela entrevistada 10, a qual preenche os requisitos dos clientes, acima mencionados. Quanto mais novas elas são mais clientes possuem. Status e ganhos, portanto, estão relacionados. Ao comentar a proeza da entrevistada 10, a entrevistada 6 expôs a sua opinião às entrevistadoras: considerava a jovem profissional esperta e, certamente, logo conseguiria estabilizar-se financeiramente, aproveitando bem sua juventude, enquanto pudesse obter lucro através dela.

Entretanto, dependendo do dia de pagamento dos salários dos clientes e de certos dias em que o movimento é maior nas boates (sextas-feiras e finais de semana), elas podem alcançar uma elevada freqüência de atendimento. A entrevistada 7 comenta: *“Dependendo da noite, tem noites que dão quase 15 programas”*. Na rua, a freqüência de atendimento também depende da data de pagamento dos salários dos clientes, embora o movimento seja maior de dia, e praticamente inexistente aos finais de semana.

A entrevistada 04 revelou obter um bom lucro na profissão trabalhando em boate. Ela costuma cobrar *“...cinquenta reais um programa simples, mas é negociável, se você tá vendo que ele não tem dinheiro, aí...”*. Seus ganhos estão relacionados ao status obtido com o preenchimento dos requisitos, junto aos clientes.

ASPIRAÇÕES E OBJETIVOS DAS PARTICIPANTES: ESTRUTURAR A FAMÍLIA, CONCLUIR OS ESTUDOS, E ALCANÇAR A ESTABILIDADE FINANCEIRA

Não é raro que as profissionais acreditem que encontrarão um homem que vai tirá-las do meretrício. Esse ponto foi algo que chamou a atenção das entrevistadoras. A maioria almeja se casar e constituir família. Revelam-se valores quanto ao aborto, casamento, e relacionamentos afetivos: Entrevistadora: *“Você tem vontade de casar e ter filhos?”* Entrevistada 8: *“Toda mulher tem... eu penso assim oh: Se eu tiver o azar de engravidar, mesmo que seja uma pessoa que eu não queira, eu não vou tirar, porque tipo assim, camisinha é difícil estourar, pra mim nunca aconteceu...mas...”*

Ao mesmo tempo em que o dinheiro confere imparcialidade na transação, como sugere Gaspar (1986), há uma contradição entre sentimentos e negócios. Não que elas confundam o ato sexual pago com algum tipo de relacionamento pessoal e afetivo – mas a esperança de encontrar alguém que não se importe com seu passado é extremamente intensa. “*A última vez que a vimos estava bastante deprimida e ansiosa, esperando o telefonema de um homem que começou como cliente e virou algo mais do que isso*”, (relato das entrevistadoras - entrevistada 8). Ainda sobre o relacionamento conturbado profissional/cliente, a entrevistada 8 comenta: “*(...) a gente não nega, surge aquele... porque geralmente você tem na sua cabeça e vocês também, um tipo de homem, você vê... ai que vontade, mas como você é profissional, se você beijar, você já sentiu atração maior quando você viu, se você beijar já vai rolar um negócio mais íntimo*”. Quando a profissional encontra um cliente que a atrai sexualmente, geralmente acaba fazendo mais do que o repertório básico. A relação cultural com o sexo, atribuído às mulheres, não é diferente para a visão das profissionais sobre o assunto: sexo pago é uma coisa; já o sexo com parceiros escolhidos é outra.

Algumas participantes almejam terminar a escola, ingressar numa faculdade. Têm esperanças de conseguir estabilidade para deixar a profissão e realizar os seus objetivos. Os projetos de vida sofrem um bombardeio de oposições, e algumas não conseguem mantê-los. Outras negociam com a voz do outro o preconceito em relação à escolha profissional - que é mais forte do que a própria voz e até se funde a mesma. Enquanto se prostituem, a maioria das participantes admite que está no caminho errado, porém, não o escolheram por vontade própria. Caso tivessem optado pela profissão do sexo por livre e espontânea vontade, seriam mulheres imorais, degradadas, com atribuição de valores similares aos criminosos. E quanto mais tempo permanecem na profissão, sem conseguir sair, mais degradadas se consideram.

(...) Tá, mas então quem tá lá em cima, quem vai analisar, o dia que eu fizer o concurso (para juíza) se eu tenho ou não o direito de passar, se ele for pesquisar a minha vida e ver que eu entrei na noite por necessidade, ele não vai usar a cabeça se ele me proibir de ser uma juíza, eu penso assim, entendeu? A minha passagem aqui... nesta fase de minha vida na

prostituição, eu acho que assim, oh: eu entrei por necessidade, e não por malandragem, se o ramo de serviço fora da boate taria grande e bom, eu já taria empregada, gente! (...),
(entrevistada 7)

As profissionais procuram separar o caráter do que fazem profissionalmente em justificativas que fornecem ao outro, o qual é representado, de certa forma, pela presença da entrevistadora. Quando justificam seu ingresso na prostituição, não o fazem à entrevistadora somente, mas vêem esta última como porta-voz, que auxilie na compreensão do outro, a partir do ponto de vista da profissional. Mas nem mesmo elas separam, em seus discursos, a profissão sexual do vínculo negativo em relação a criminalidade. Elas deixam evidente em vários trechos das entrevistas, que não consideram a profissão lícita.

O medo de serem marcadas pelas pessoas como profissional do sexo interfere muito na credibilidade de seus projetos de vida, até mesmo para elas próprias. Somente aquelas que ganham muito bem através da prostituição mantêm firmes seus objetivos; suas respostas apresentam mais confiança em relação a saída da profissão, e elas falam com mais frequência no futuro.

A ROTATIVIDADE ENTRE AS PROFISSIONAIS É ELEVADA

A alegação mais comum para o fato de se prostituírem longe de suas cidades natais é a necessidade de proteger as famílias da maledicência das pessoas que convivem com elas na comunidade – além do fato de a clientela preferir mulheres diferentes, desconhecidas, ou novas na profissão. *“Eles preferem as novas no pedaço, é mais fácil conseguir clientela em cidades diferentes”*, revela a entrevistada 12.

Segundo as entrevistadoras, a rotatividade também está ligada às tentativas de abandonar a profissão do sexo. Por algum tempo, elas conseguem outro trabalho, o qual, geralmente, não dura muito tempo. O dinheiro não é suficiente, e elas acabam retornando para a antiga profissão. Por isso, a profissão do sexo se caracteriza por ingressos, saídas e retornos.

Há alternância de profissionais, nos locais de trabalho, provenientes de outras regiões do estado, ou de outros estados. Situação que ocorre, principalmente, na época da temporada de verão. A chegada de turistas – especialmente dos estrangeiros vindos de países

vizinhos - atraindo as profissionais que atuam em outras regiões, menos movimentadas nesta época do ano.

As profissionais preferem os turistas estrangeiros, pois são menos exigentes e gastam mais, embora algumas comentem que, antigamente, os estrangeiros gastassem mais com o consumo de álcool e os programas. A crise econômica em países como a Argentina teria modificado esse panorama consideravelmente. Entretanto, elas ainda preferem os estrangeiros em relação aos brasileiros. Por isso, um grande número de profissionais migra para a região litorânea de Santa Catarina, a fim de cobrir o período de férias, na alta temporada, e o carnaval.

AS PROFISSIONAIS CONFIAM NOS DONOS DE BOATES, MAS NÃO NAS COLEGAS

Na maioria dos relatos, as entrevistadas evitaram aprofundar comentários sobre os donos de boate e, principalmente, sobre a polícia. Poucas entrevistadas mantêm relacionamento mais próximo com alguma colega. Entretanto, deixaram evidente que existem regras referentes à conduta. A principal, é relativa a delimitação de espaço, ou território. As profissionais da rua não se aproximam do território das garotas de programa, embora ocorram frequentemente casos de profissionais que atuem em ambas as modalidades.

Dentro dos ambientes de trabalho, a mesma regra é aplicada. Uma profissional não deve se aproximar do cliente de outra, a não ser que ele queira. Cada uma deve cuidar de seus próprios negócios. Algumas participantes observam, entretanto, que na prática as regras não são respeitadas por todas. Sempre aparece aquele tipo de profissional, a quem as participantes se referem como “encrenqueiras”.

“A prostituta é muito criticada porque existem muitas que são vigaristas, entendeu? Elas fecham o programa com o cara, sai fora, vai para o motel, quando o cara vai tomar banho elas roubam, isso existe muito, existe aqui. Você conversa, vem menina nova, elas contam na maior, depois os caras saem caçando elas na rua, querendo matar elas...”, (entrevistada 7).

As participantes revelam que não confiam nas colegas, exatamente pelo perfil de mulher que aparece na profissão. A falta de credibilidade, elas crêem, se estende ao

cliente, que generaliza sua opinião sobre o comportamento das profissionais do sexo a partir de suas experiências e de seu conhecimento previamente aprendido sobre as mesmas.

A falta de confiança está relacionada com o alto grau de desunião entre as profissionais participantes: as quais não acreditam em si mesmas (auto-estima),¹⁰⁸ acreditam na profissão (atividade degradante) e não acreditam nas colegas (a outra comporta-se como prostituta, mas ela não). Nos três aspectos, encontra-se, bastante atuante, a voz do outro (coletividade). A consciência das profissionais é regida pelo enunciado coletivo. Entrevistadora: *“Como são suas relações de amizades?”* Entrevistada 8: *“Aqui dentro amizade é difícil, você pode ter um companheirismo, você nunca pode confiar em uma mulher da noite. Eu percebi isso, entendeu, eu achei que eu podia ser amiga delas só que eu vi que não dá”*.

Além disso, os índices demonstram que a aparência física da profissional e seu êxito, junto a clientela, desagradam as colegas. Trata-se de algo que mexe com a auto-estima: ser preterida ou favorecida por um cliente, traduz o sentimento de rejeição ou aceitação. Seu corpo tem menor ou maior valor; segundo o enunciado presente no discurso das participantes, elas não conseguem sentir-se valorizadas além do valor comercial do corpo. O dinheiro obtido torna-se o símbolo do êxito alcançado.

Entrevistadora: *“Há rivalidades ou concorrência entre as garotas?”* Entrevistada 8: *“Concorrência, bastante ganância, a ganância existe muito dentro da boate. Rola bastante disputa, e bastante aquele negócio assim, oh: no final da noite se deu movimento legal: Ah, ganhei! Ganhei tanto! Ai, vibram tipo esnobando de quem ganhou meno”*.

Contrariamente ao distanciamento entre as colegas, o relacionamento entre as profissionais e os donos (as) de estabelecimentos é o que chamam de uma grande família. Os donos dos estabelecimentos providenciam a segurança, enquanto as profissionais trabalham no local; muitas vezes, escutam seus problemas; oferecem a elas um teto (quando não tem aonde morar, algumas das entrevistadas dormem na própria boate); e em alguns casos, fornecem plano de saúde. Vínculo estabelecido com uma ONG que atua na região. *“Aqui em Florianópolis, há um plano que é próprio para as mulheres da noite, com atendimento médico 24 horas”*. (entrevistada 9). A maioria das entrevistadas que trabalham nas boates

descreve o clima de trabalho, em relação aos donos(as) dos estabelecimentos, como sendo algo excelente. O perfil do(as) mesmos(as) é de alguém compreensivo, bom ouvinte, conselheiro, e atencioso.

NEGOCIAÇÃO DO SEXO SEGURO: SITUAÇÃO DE RISCO EVITADA PELA MAIORIA DAS PARTICIPANTES

Além dos planos de saúde, pagos pela boate ou pela profissional do sexo, as participantes afirmaram que realizam os exames ginecológicos habituais e prevenirem o contágio de DST. Contudo, entre 17 entrevistas, 4 foram evasivas quanto a negociação do sexo seguro, e 2 afirmaram que se o cliente pagar mais, fazem sexo sem o uso do preservativo.

Segundo as entrevistas, entretanto, os donos de bares e boates estão sempre presentes e atentos, caso o cliente deseje forçar a situação com a profissional e fazer sexo sem camisinha. Situação que é freqüente, segundo as mesmas.

2 - DIALOGISMO DE BAKHTIN E A ANÁLISE DO DISCURSO.

Como uma teia de relações, as dicotomias se formam, ora em oposição, ora em complementação a organização dos enunciados. Bardin (1977:55) estabelece que as associações se organizam, afins, em torno de pólos que guardam, dependendo da mensagem, o aspecto direto e evidente e o aspecto encoberto, muitas vezes figurativo e metafórico. Bakhtin, por sua vez, pondera que as frases guardam um mundo simbólico de vozes interligadas e intercaladas em suas forças, perante o enunciado. Fez-se necessário realçar, nos índices, as dicotomias internas inerentes aos atributos inicialmente encontrados: gostar ou não de se prostituir, preconceito seu ou do outro; assumir ou não a profissão; auto estima em relação à profissão (status interno) ou em relação a sociedade em geral. Encontrados os pólos de contradições e ideologias, iniciaram-se as comparações. *“Uma comparação sincrônica, entre grupos diferentes (...) mostraria, talvez a evolução da persistência de alguns elementos”* (Bardin, p.55). Isto é, as comparações entre as entrevistas realizadas antes da presente pesquisa demonstram que as problemáticas que tocam o cotidiano e, especialmente, a consciência das profissionais, diz respeito a segurança, preservação da imagem, sub existência, e esperança de casamento (saida da profissão). Segundo Bardin, a permanência das problemáticas revela uma tendência, que diz respeito a comparações sociais e funcionais. Ou seja, os aspectos centrais na relação consciência/atividade, que refletem em seus atuais estados, tal como é sentida por um grupo de profissionais do sexo de baixa e média renda.

O jogo de poder entre as vozes, dentro do discurso, descortinam as influências exercidas pelo outro nas atitudes do protagonista, segundo Bakhtin. Direcionasse, desta forma, as necessidades e posicionamentos pessoais caracterizados pelas opiniões fornecidas pelas participantes.

Os temas representam, nesse processo, os norteadores da direção que foi tomada. Segundo Bardin, são os objetos de referência, inferidos a partir dos resultados. A direção tomada foi do geral para o particular. Para o autor, esse procedimento de análise é o ideal quando o objeto de estudo é a relação psicológica com determinados alvos (físicos ou ideológicos). O mesmo incidiu essencialmente na relação simbólica; como as participantes absorveram o simbolismo, face à determinados assuntos; o sexo e sua repercussão simbólica torna-se a porta de acesso à consciência do grupo. Segundo Brait (1997) Bakhtin pontua,

inclusive, que a relação simbólica descortinada expõe os esteriótipos dominantes - o que se aplica às conotações em relação ao sexo, isto é, a relação simbólica estabelecida em torno do mesmo e os esteriótipos sexuais.

A RELAÇÃO ENTRE O PRECONCEITO E A DINÂMICA DA CONSCIÊNCIA

No relatório de pesquisa elaborado pelas alunas de graduação, além de citarem as táticas de abordagem – para conhecer o alvo de estudos – elas mencionam os receios e as incertezas referentes ao contato que seria estabelecido com as profissionais do sexo. Mais de três parágrafos foram dedicados a descrever a ansiedade e o preconceito reconhecido por elas, que se instalaram no seu pensamento.

A descrição e a narrativa fornecidas por elas retratam a realidade de um pesquisador. Os valores morais, muitas vezes, se cruzam e se chocam com os objetivos do trabalho científico. A capacidade, ou incapacidade, de realizar o devido “estranhamento” à situação de análise, é que vai medir o grau de neutralidade científica – e não a separação utópica entre indivíduo pesquisador e o fenômeno social estudado. Haja vista que o objeto de estudos da psicologia está em relação: ao seu ambiente, a sua comunidade, e a sua família de origem. Neutralidade, em termos cartesianos de isolamento do pesquisador, em relação à realidade pesquisada, não ocorre na prática.

Faz-se necessário observar a narrativa das entrevistadoras, para compreender as relações da consciência (visão sobre os acontecimentos, à medida que vão lidando com, ou aprendendo a lidar com eles).

Na primeira etapa da pesquisa elas descrevem:

“...ficamos muito ansiosas, pois não sabíamos qual seria a reação das profissionais, e claro, a curiosidade mesclada com um certo receio de conhecer aquelas pessoas que permeiam o imaginário sexual das pessoas, e que com certeza mexia conosco. Ao entrarmos na boate, demos uma rápida olhada em tudo, mas sem prestar atenção no que víamos, talvez fosse, a expectativa ou receio, medo, acho que um pouco de tudo” (relatório de pesquisa, junho de 1999).

Tudo o que as entrevistadoras aprenderam sobre a prostituição, ou ouviram falar, entraria em conflito por causa da situação real, prática, proposta. A expectativa diante das incertezas referia-se a confirmação, ou não, do esteriótipo da meretriz, que atravessou os séculos: uma figura que choca moralmente a sociedade em geral.

“Então na segunda-feira, dia primeiro de junho, voltamos à segunda boate, sempre com aquela intrigante preocupação: e se alguém nos ver. Desta vez fomos em três (...) para fazermos as entrevistas. Chegando lá, encontramos a mesma garota que havia nos recebido antes; ela nos falou que havíamos dado azar, pois só estava ela na casa (...)” (relatório de pesquisa, junho de 1999).

Reconhecimento por parte de pessoas de suas relações foi a preocupação que surgiu em outros momentos do relatório. Basicamente, formulou-se uma indagação na citação acima: O que as pessoas vão pensar de vê-las naquele ambiente? Imaginar o que o “outro” pensa torna-se um fator norteador de conduta, não só presente no cotidiano das profissionais do sexo - como será abordado adiante - assim como o desconhecido, presente parcialmente no cotidiano das pesquisadoras e da maioria dos outros segmentos sociais. *“A nós surpreendeu muito, pois sua desenvoltura para falar, sua normalidade de pensar, e de agir, de se portar perante nossa presença, mostrou-nos que ela era uma pessoa como qualquer outra”*.

O contraponto: normalidade *versus* anormalidade. O esteriótipo da profissional do sexo favorece uma imagem, ao outro, de uma pessoa transviada, desregrada, desequilibrada, etc. Visão que converte aos dias atuais o que, antigamente, a igreja pregava como atividades do demônio e a ciência buscava explicação no organismo, tratando o fenômeno da prostituição como “defeito físico”.

Mesmo quando se conhece um determinado fenômeno, o conhecimento entra em conflito com as experiências e aprendizagens, para que a consciência emita seu parecer através de opiniões, atitudes, e comportamentos. O esteriótipo tende a formulação de conceitos baseados em características superficiais, em relação a essência, mas profundamente arraigados na cultura, historicamente.

A consciência demonstra, na emissão de opiniões sobre certos valores, graus maleabilidade, e agilidade para reformular novos conceitos a partir de novas situações, e reconhecimento de novos fatores, sobre uma mesma situação. Quando esse processo não ocorre, tem-se a alienação do indivíduo, a qual faz parte da consciência concreta e ativa. Para o avanço da pesquisa inicial, foi necessária a criação de uma nova perspectiva consciente por parte das pessoas.

O que se comprova na convivência é diferente do que se idealiza. Principalmente no que se refere ao preconceito a respeito das profissionais do sexo.

As discussões sobre os dilemas moralidade *versus* neutralidade da pesquisa científica pode ser generalizada para outros patamares da sociedade, na medida em que assinala um aspecto importante da profissão do sexo: o moralismo alcança dimensões profundas da formação dos indivíduos (consciência). E o que pode aparentar ser uma opinião positiva, pode demonstrar características negativas.

As próprias profissionais do sexo, enquanto buscam firmar uma identidade profissional acabam se tornando suas próprias algozes, enquanto reprodutoras de uma moralidade construída historicamente.

CONSCIÊNCIA E ATIVIDADE

Vigotsky e Bakhtin são autores que procuraram delinear uma concepção de consciência à luz da perspectiva histórico-cultural. Segundo eles, a consciência não é uma entidade que existe independente do ambiente em que os indivíduos vivem, nem tão pouco nasce pronta como algo pré-destinado. A consciência desenvolve-se a partir da relação entre o indivíduo e o ambiente; através do constante aprendizado e das novas acomodações de valores e conceitos, anteriormente aprendidos. O processo de constante formação da consciência é movido pô conflitos, positivos e negativos; podem levar a um aprendizado maior, ou colocar os princípios em xeque, gerando estresse emocional. Tudo depende da maleabilidade do indivíduo frente ao inusitado. Para Vigotsky (1996), a consciência desenvolve-se na atividade, e tal qual como esta última, adquire especificidades, propiciando diferenças a título de experiências de vida. As pessoas possuem história de vida que, apesar de eventuais semelhanças, diferem em termos de apropriação e compreensão da realidade.

Bakhtin (1992), segue um raciocínio similar, transportando-o ao texto: lugar de expressão do mundo civilizado e da manifestação da consciência coletiva e individual. O teórico pontua que a realidade é vista pelo indivíduo sob a lente da linguagem. A mesma é automaticamente interpretada, e associada aos conhecimentos anteriormente processados em sua memória seletiva. O que está gravado é a experiência (fato real distorcido pela interpretação), e a consciência irá manipulá-la de acordo com o surgimento de novas experiências; redefinindo suas ações ou apegando-se as anteriores. De qualquer forma, irá processar as informações, antigas e novas, e através delas tirará uma conclusão sobre os aspectos que serão considerados aceitáveis a sua formação. A consciência poderá ser mais ou menos maleável, independente disso, possui uma base, uma referência ao seu desenvolvimento que prossegue ao longo da vida.

Na representação gráfica, a dinâmica social torna-se presente simbolicamente. Esta expressão que, mesmo reduzida, representa o recorte de universo social. E é por essa razão que a análise do texto escrito das entrevistas realizadas torna-se o principal material de estudo, como fonte das manifestações da consciência humana e, particularmente, da consciência de um grupo específico de trabalhadoras inseridas em determinado ambiente profissional.

As pessoas são representadas simbolicamente por vozes que atuam de forma mais ou menos destacada nos enunciados, ou contextos, em que se origina o núcleo de ação. A linguagem é o palco simbólico em que a ação do mundo ocorre. A consciência, pois abrange o relacionamento de diversos aspectos psicológicos, individuais, e coletivos, dinamizados na linguagem: os valores morais aprendidos; a educação familiar e formal; as experiências de vida (favoráveis ou não); a influência dos valores socialmente aceitos (a voz dos outros) na interpretação da realidade por parte dos indivíduos (a sua própria voz); e os relacionamentos afetivos e familiares. Aspectos, os quais, adquirem importância na fala das participantes.

Tendo em vista a concepção sócio-histórica da consciência, delineou-se como tal todo uma teia de correlações, nas idéias das profissionais do sexo, a cerca de várias dimensões de sua vida profissional. Tem-se a certeza que se trata de uma configuração parcial das mesmas, haja vista que a pesquisa científica consiste em elucidar aspectos a partir de um recorte possível da realidade: a coleta de dados limitasse a uma situação

controlada e parcial. Mas dentro das possibilidades, abre-se um leque de temas para investigação que, com certeza, são interessantes e importantes. Seus encaixes, porém, só dependerão dos interesses políticos e científicos em questão. O desdobramento de pesquisas que visem humanizar a relação entre a sociedade e as profissionais do sexo, por exemplo, é de extrema importância: dissolver o estereótipo através do esclarecimento; oferecer assistências especializadas e constantes às profissionais (não apenas transitórias como ocorre quando a motivação do trabalho é essencialmente política); o treinamento de multiplicadoras, isto é, de profissionais do sexo que se especializem em tornar-se ouvintes das colegas, de forma similar ao trabalho desenvolvido em Pernambuco, pela associação das profissionais do sexo. Conquanto, torna-se vital um trabalho psicológico continuado; a criação de um pólo de estágios do curso de psicologia auxiliaria na manutenção de um trabalho iniciado. Muito mais importante do que a publicação de trabalhos científicos rebuscados é o participante da pesquisa encontrar um retorno prático do trabalho proposto. Infelizmente, para que os mesmos tenham andamento, surge uma questão que geralmente não é mencionada nos trabalhos científicos, mas que permeia a sua produção: a política. Divergências, objetivos, e obstáculos burocráticos impossibilitam aos cientistas sociais realmente interessados em encontrar soluções para a realidade brasileira desenvolverem trabalhos continuados.

Temos como foco de análise, no presente trabalho, um universo de significações provenientes das experiências modeladoras da consciência de um grupo de profissionais do sexo. As mesmas possuem uma visão a cerca de si próprias, do que a sociedade pensa a seu respeito, e do que elas consideram certo ou errado. Elas têm sonhos, anseios, projetos pessoais, os quais, normalmente as pessoas não procuram conhecer; não vão além do estereótipo social e emitem julgamentos através dele. O mesmo, dentro da perspectiva histórico-cultural, pode ser definido como uma idéia generalizada, construída ao longo da história, que absorve traços mais evidentes de determinado grupo. Trabalhos que descortinem a consciência dos indivíduos podem e devem ser contribuições para o combate aos estereótipos. Somente a medida em que as pessoas conseguem se colocar no lugar das outras, mesmo que seja através do conhecimento adquirido na literatura, adquirem novos ângulos para repensar uma mesma questão. Saber o que o grupo estereotipado e

narginalizado realmente pensa, é também, um passo para a compreensão e eliminação do preconceito.

A opinião das participantes é geral: não há aceitação, nem apoio da sociedade em relação as profissionais do sexo. Trata-se, pelo contrário, de uma atividade considerada ilícita sob o ponto de vista moral e legal – que vai na contramão da sociedade “honesta” e “trabalhadora”. As pessoas, em geral, não conciliam trabalho e prostituição, embora seja público e notório que a prostituição se desenvolve a partir de ganhos, sobre algo que a mulher possui e tem “autonomia” para negociar, o que também caracteriza qualquer trabalho. No entanto, deve-se levar em consideração que se trata de uma atividade envolvida em tabu social: o sexo. Apesar de toda a revolução sexual empreendida de trinta anos para cá, as pessoas ainda não sabem lidar com o sexo, nem com a sexualidade.

RELAÇÃO ESPAÇO FÍSICO *versus* PSICOLÓGICO

Historicamente, a literatura consultada apontou a restrição geográfica e social da profissional do sexo, corroborando com os depoimentos das participantes. As mesmas comentam que possuem pouca ou nenhuma vida social, seguindo o itinerário: casa – trabalho – casa. O motivo de tal procedimento? A reprovação coletiva.

Se antigamente, no período do Brasil colônia, as prostitutas evitavam circular publicamente a fim de não receberem retaliações ou para não afugentar a clientela – na atualidade, não se pode afirmar que não existe mais essa preocupação. Embora a principal preocupação evidenciada seja a de serem reconhecidas ou tachadas como prostitutas. Isso indica que, se antes as mulheres que ingressavam na prostituição eram levadas a crer: “uma vez prostituta, sempre prostituta”; hoje em dia, elas têm a esperança de ocultar a atividade prostituinte e atuar enquanto for necessário. Acreditam que poderão redimir-se da prostituição e mudar de vida. A principal preocupação das profissionais do sexo da atualidade, portanto, é proteger a própria imagem em relação a comunidade em que vivem.

O que pouco parece ter mudado, em relação ao Brasil colônia, é a coerção da sociedade para que a prostituição restrinja-se a espaços geográficos e sociais específicos. E, conseqüentemente, o espaço, considerado por Bakhtin, como representativo e simbólico; caracterizando o espaço psicológico.

Paradoxalmente, a coerção entra em contradição com as alterações nos

valores sociais e familiares, ao longo da história. A família perdeu o poder, enquanto unidade institucional, e modificou-se a nível interno (mudanças de papéis entre homens e mulheres, além do surgimento da família nuclear). O dinheiro passou a assumir um papel que dispensa, hoje em dia, justificativas morais, como ocorria antigamente. A prostituição, conseqüentemente, invadiu outras dimensões da sociedade, a tal ponto que muitas vezes é debatida não como profissão, mas como um ponto de vista: a esposa que é sustentada pelo marido; a amante do político importante; a acompanhante de executivos; as atrizes que buscam ingressar na televisão brasileira e, em certos casos, se prostituem em troca de papéis; as modelos que satisfazem os clientes de revistas eróticas exibindo o corpo e tocando-se para as fotos; as atrizes de filmes pornográficos; as funcionárias assediadas pelos patrões, que prestam favores sexuais em troca de benefícios no emprego, ou para não perderem o mesmo; etc.

Restritivamente às profissionais do sexo de baixa renda, alvo deste estudo, o espaço psicológico influencia na auto-estima, que se transforma em menos valia. Em virtude do que elas consideram honesto e adequado, a consciência negocia o inaceitável, em termos morais. num duelo entre a voz do outro e a sua própria. Por mais que forneçam justificativas e digam que a atividade é temporária, consideram-se parte do submundo, na contra-mão de que gostariam de ser: profissionais de outro quilate. A maioria avalia o que faz como degradante: sua identidade. portanto, confunde-se com a atividade que consideram como algo vergonhoso. Por essa razão, elas evitam falar sobre o assunto ou assumir a profissão - salvo raras exceções - com o intuito de escapar do olhar reprovador da sociedade. Olhar que está internalizado sob a forma de aprendizados passados, obtidos através da relação eu/outro sobre os valores norteadores do certo e do errado, expresso no subtexto do seu próprio discurso. O receio de serem marcadas e reconhecidas como profissionais do sexo revela o verdadeiro medo que ronda o imaginário dessas mulheres: serem rejeitadas.

Quando foram abordadas pelas entrevistadoras da graduação, nas tentativas preliminares da pesquisa inicial, ocorreram vários casos de profissionais que negaram sua atividade, alegando estarem na praça por outra razão. Levou muito tempo para que as entrevistadoras conquistassem a confiança das participantes. O que só foi possível com a intervenção de órgãos que mantêm contatos freqüentes com as profissionais e realizam trabalhos de prevenção as DST, distribuindo preservativos gratuitamente. O comportamento

das mesmas, nesse ínterim, levou a formação de um perfil caracterizado por atitudes de confiança em relação àquilo que é conhecido, procurando evitar o inusitado, representado pelo contato com as pessoas de fora de seu mundo.

A dimensão física e psicológica sofre o impacto das agressões ao corpo, por parte dos clientes, das DST, e das drogas. A boate é um lugar extremamente suscetível a ocorrência das três formas de agressão, entre as quais, as bebidas alcoólicas. E o ingresso da profissional do sexo que faz programas, no alcoolismo, é favorecido pelas circunstâncias. De acordo com as entrevistadoras da graduação, as participantes afirmam que precisam beber para poder encarar o cliente, caso não consigam fazer sexo sobriamente. O círculo vicioso se fecha, e a profissional permanece na profissão para sustentar o vício.

A relação entre o espaço físico e a dimensão psicológica também é afetada pelo status interno da profissão. Embora tenha sido constatado que na região litorânea catarinense não ocorre exatamente da mesma maneira como indica Gaspar (1985) em sua tese sobre as garotas de programa do Rio de Janeiro. Nos dados da autora, há uma diferença significativa entre os ambientes, assim como os ganhos das profissionais. No presente trabalho, entretanto, constatou-se que há situações em que o ambiente de trabalho, na rua, é mais saudável do que em algumas boates, nas quais as garotas ficam sujeitas à bebida e às drogas. Os quartos dos hotéis, próximos as mesmas, geralmente são insalubres; além do mais, a profissional tem poucas opções de escolha, em relação a clientela. Já na rua, a profissional tem autonomia, no que respeita a clientela.

Para Gaspar (1985), o lugar de atuação da profissional do sexo determina o tipo de prostituição e, conseqüentemente, o status da mesma. O que não se confirmou na região central cidade litorânea. Aqui, o status interno da profissão é determinado, essencialmente, pelo poder aquisitivo do cliente. Sobre esse aspecto o ambiente tem pouca influência. A qual irá incidir basicamente sobre a segurança das profissionais e, conseqüentemente, a tranquilidade emocional da profissional para trabalhar.

Diferentemente daquilo que foi encontrado na obra da autora, os ganhos das profissionais da rua e da boate, na região central de Florianópolis pouco se modificam. Dependendo da qualidade da boate, são caracterizados da seguinte maneira: rua e boate – baixo meretrício; boate e casas de show – médio meretrício.

As vantagens oferecidas pela boate se fazem presentes essencialmente na segurança oferecida pela infra-estrutura. As profissionais não saem com os clientes, só levam-nos às proximidades. Já na rua, apesar de se cuidarem entre si, a segurança é precária. Por isso a maioria das profissionais opta por prostituir-se de dia.

ATRIBUIÇÃO DE VALORES

Em relação à dimensão psicológica das entrevistas, constatou-se que há diferenças entre os valores atribuídos pelas participantes sobre sua profissão, e os atribuídos pelas pessoas que não compartilham de ligações no ramo do sexo. Diferenças, as quais, dizem respeito à atribuição de valores sociais negativos, numa escala de prioridades entre o que é considerado pior, até o que é considerado melhor. Comprova-se anteriormente tal atribuição escalonada – ou hierarquizante – do ponto de vista dos outros, no trabalho de Polk e Cowan (1996): os participantes distinguem as profissionais do sexo das atrizes pornográficas e das mulheres comuns. Atribuindo-lhes valores respectivamente: negativos, menos negativos, positivos, e mais do que positivos. Dependendo da profissão, a mulher ocupa uma posição social perante a coletividade, mais ou menos positiva.

No presente trabalho, as participantes revelam a percepção de uma atribuição de valores, reproduzindo o discurso do outro ao compararem sua profissão com outras. O sexo pago é considerado por elas, uma atividade extremamente negativa se comparada a outras profissões, ou ocupações, embora os ganhos sejam mais elevados do que as mesmas.

As profissionais distinguem as mulheres, em geral, sob um ponto de vista que é de senso comum: mulheres que variam muito de parceiros sexuais são vulgares, e mulheres que não variam, são honestas. Os valores são atribuídos segundo uma referência sexual. A chamada popularmente de “prostituta” é aquela que “dá para todo mundo” – só que no entender das profissionais é quem o faz gratuitamente, sem ter necessidade. Seria como uma defesa contra a valoração social atribuída a elas. Apesar das mesmas procurarem fugir ao estigma - sob a alegação de que fazer sexo com muitos por prazer é uma coisa, e fazer sexo com muitos por dinheiro (mas sem prazer) é outra – elas acabam incorporando a voz do outro em seus discursos: punem-se pela profissão que exercem. Por um lado, se culpam, por outro, procuram descrever com imparcialidade o que fazem, visando separar a

profissão do indivíduo. Alega a entrevistada X: *“As vezes o cara é bom, mais é coisa que quase nunca acontece. Mesmo assim, não é legal, não deixo beijar na boca, senão a coisa fica pessoal ... cê tá ali por um motivo, né, por uma obrigação”*.

O sexo, apesar da evidência atual, ainda é tabu. O preconceito reside em que a maioria das mulheres (e por isso são elas que demonstram maior preconceito em relação a profissional do sexo) não consegue ver o sexo fora do relacionamento amoroso, ou como proibido por deveres morais. Ao passo que as profissionais do sexo - através da maneira de pensar que desenvolveram para salvaguardar seus princípios, diante do embate moral - conseguem de certa forma separar o sexo pago do sexo socialmente aceito.

Os homens não demonstram tanto preconceito quanto às mulheres. Esta afirmação fica implícita nas respostas das participantes, à medida e que observam reações agressivas por parte das mulheres. Entretanto, não seria a violência dos clientes, praticada contra as profissionais, a revelação evidente do preconceito masculino? As participantes não deram mostras de perceberem a ligação, uma vez que relacionam a violência com o caráter pessoal dos agressores, avaliando-os como desequilibrados. Elas afirmam que a demonstração de preconceito surge por parte das mulheres. Em alguns relatos, descrevem o preconceito masculino, sem se darem conta disso. Como se a natureza do homem determinista, e as mulheres, sim, devessem compreender as profissionais do sexo. Se a natureza do homem é imutável, e da mulher não, destacam-se sinais sexismo na ideologia das mesmas.

Saffioti (1987) observa que a igualdade entre homens e mulheres é ilusória, em qualquer campo social. A divisão entre os papéis de homens e mulheres é bastante restritiva, principalmente em relação aos papéis sexuais. A sociedade classifica a mulher como objeto para uso, ou para conservação – ao gosto do velho dito popular: “mulher pra casar, mulher pra transar”; uma ideologia sexista incorporada nas vozes dos indivíduos. As relações estabelecidas entre homens e mulheres dependem, essencialmente, do comportamento sexual das últimas, já que o comportamento dos homens, naturalizado, é tido como algo determinado. A valorização das mulheres, atribuída pelos homens e/ou clientes, na concepção das mesmas, embute a divisão sexual do trabalho predominante na sociedade brasileira.

Os homens que freqüentam a prostituição e gostam de variar de parceiras, são considerado por elas, indivíduos não confiáveis, pelo fato de não selecionarem as profissionais: saem com qualquer uma. A relação com o cliente é descrita mais como satisfação da auto-estima - construída sobre a lógica do corpo-objeto – do que afetiva. O corpo concentra as qualidades - para elas, as únicas que possuem. Por isso, as participantes relatam ressentimentos entre profissionais mais velhas e mais jovens. Ocorre uma disputa interna, referente ao status e ao êxito profissional. As profissionais preocupam-se muito com a aparência física, e gastam seus ganhos com apetrechos de embelezamento e estética visual (de acordo com o poder aquisitivo de cada uma). Aquelas que conseguem mais clientes, vangloriam-se por apresentarem atributos físicos especiais. Se os clientes não são exigentes, e não sabem observar esses atributos, então não merecem confiança.

Em relação a própria profissão, as profissionais participantes atribuem valores extremamente negativos: consideram-na abominável. Mas, em contrapartida, necessária e suportável.

IDENTIDADE PROFISSIONAL VERSUS OBJETO SEXUAL

As entrevistadas revelaram que se vêem como prestadoras de serviços, porém, queixam-se de que os clientes as consideram como mercadoria. Eles estariam, segundo as participantes, comprando o sexo e, conseqüentemente, o corpo que proporciona o prazer.

O corpo da profissional do sexo torna-se “público”¹. Pertence a todos, e não apenas a um homem. Não merece, portanto, o mesmo tratamento, respeito, e status de objeto não público, ou seja, privado. O objeto público é de uso comum e coletivo; é usado; é passado de mão em mão. O objeto particular/privado serve apenas para o gosto do proprietário. E este zela para que ninguém usufrua do que lhe pertence.

Prevalece sobre o corpo a lógica do objeto; a visão de mercadoria, que não se limita aos corpos das profissionais do sexo. Segundo autoras feministas, como Saffioti (1987), a lógica do objeto é fruto da visão machista sobre as mulheres, que vigora na sociedade brasileira. As mulheres são valorizadas, segundo o comportamento sexual;

1 – O termo vem da expressão “mulheres públicas”, como eram denominadas as prostitutas no Brasil colônia (Vainfas, org. 1997)

seguindo o sentido de propriedade, que as mesmas assumem socialmente: objetos novos, ou velhos; gastos ou pouco usados.

“Garantia econômica, não tem. Apesar que sempre tenho pelo menos um cliente porque sou nova. Mais tarde, quando ficar velha vai ser mais difícil (é o que diz minha irmã e o que vejo nas outras que trabalham aqui na praça, que são mais velhas). Elas têm raiva de mim, as mais velhas, porque sou nova, e consigo cliente” (entrevistada A).

A visão de mercadoria, impingida às mulheres, torna-se espelho para a dicotomia: mulher honesta/respeitável/privada *versus* mulher falada/perdida/pública. E é por esta divisão que tanto o homem quanto a mulher classificam as mulheres em geral. Trata-se de uma imagem ambígua, construída historicamente e determinada pelo comportamento sexual e pela atividade que as mulheres exercem, como aponta Pedro (1994), ao abordar os espaços sociais permitidos a ambas, na sociedade brasileira do final do século XIX, sob influência vitoriana. Essa visão engloba não somente a sexualidade feminina, como também, o caráter, e o valor que lhes são atribuídos a partir de seus comportamentos em ambientes públicos e privados. Naquela época, a mulher desenvolvia sua consciência dentro das possibilidades oferecidas por essa classificação, e das atividades intrínsecas a mesma.

A referida classificação, enquanto fenômeno presente na sociedade brasileira é estudado por Freire (1997). Caso a mulher ingresse no contexto que não se reserva a sua condição, deve renunciar a um dos dois ambientes – pois socialmente, ambos são incompatíveis.

As profissionais entrevistadas buscam escapar do impasse, o qual, têm impacto na consciência das mesmas: atuando como profissionais do sexo, automaticamente são classificadas como imorais, sem caráter, ou valor perante a sociedade; elas desenvolvem, então, uma visão própria, negociando com os valores coletivos internalizados. Prostituir-se porque aprecia, ou manter relações sexuais com vários parceiros sem obter nada em troca, determina a desvalorização da mulher, bem como sua imoralidade. Prostituir-se por dinheiro, sim, seria trabalho honesto como qualquer outro. A partir desta compreensão que do que realmente é ser profissional do sexo e o que é ser uma mulher imoral, é que elas firmam a identidade profissional e se assumem como tais. Quando não sem tem essa divisão

clara, as profissionais demonstram não conseguirem assumir a profissão conforme foi observado entre as participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consciência não é apenas um conceito abstrato. Trata-se de um conjunto de aprendizados pelos quais as pessoas passam, e os julgamentos, valores morais, sentimentos e opiniões que se formam a partir dos mesmos. Envolve, também, a percepção e a memória que se articulam em torno dos fatos do cotidiano; desenvolve-se com especificidades, já que a realidade modifica-se, de pessoa para pessoa, de região para região, de profissão para profissão; dependendo do grupo social, e da comunidade em que se está inserido. A consciência é mediada pela sociedade, e dinamizada na linguagem, pela qual transitam valores negativos e positivos – une-se a palavra à ação, ao meio, e sua cultura. À realidade são atribuídos significados: frutos das experiências que ficaram gravadas na história, e frutos das experiências presentes. A consciência, pela multiplicidade de dimensões que a articulam na psique humana, estará presente e manifesta na linguagem.

Vygotsky e Bakhtin são pensadores que avançaram significativamente nos estudos sobre a consciência. Suscitaram novas idéias em várias áreas. Numa convergência entre os campos da psicologia e da educação, autores como Smolka (1993), Pino (1995), e Oliveira (1995) - que seguiram uma perspectiva sócio-histórica - apontam para a importância da consciência nas pesquisas que envolvem ensino – aprendizagem. Tendo como princípio que a consciência se desenvolve através da atividade, os autores ponderaram que a mediação entre ambos ocorre através do processo de aprendizagem. Isto é, qualquer atividade precisa ser compreendida, assimilada de alguma maneira, para haver uma reação “modus operante” por parte do indivíduo.

Na área do trabalho, os estudos sobre a consciência norteiam os fenômenos e movimentos sociais: para a infra-estrutura e superestrutura; Pérez e Moya (Morales e Olza, org. 1998), as percepções e formações de impressões dos indivíduos, como uma construção que ocorre dentro da relação entre o contexto público e o privado, recai na formação da consciência pelo indivíduo, através do outro. A formação da consciência impulsiona as ações dos indivíduos, frente a sociedade, em várias dimensões: relações familiares, afetivas, trabalhistas, etc. A mesma permeia, inclusive, o cumprimento da ética profissional. Sem ela, esta última torna-se apenas um conjunto de normas sem valor, cujo lugar por excelência fica num bloco de papel.

É a formação que os indivíduos possuem, que confere o seu profissionalismo. Nesse aspecto, encontra-se a ponte entre os estudos sobre a consciência, empreendidos na área da educação, os estudos realizados na área do trabalho.

A consciência deve ser considerada como mais uma ferramenta a alicerçar as condições de trabalho dos trabalhadores. Como afirma Neves (1997:217): categoria de pensamento, que demonstra historicamente sua capacidade de elucidar uma área da realidade, de esclarecer a complexidade da reflexão dos seres humanos. O que a transforma não num postulado, mas sim, num problema a ser investigado amplamente pela psicologia.

Vygotsky (1993) consideraria uma psicologia sem consciência, o mesmo que uma psicologia sem psique. A psicologia científica necessitaria, portanto, transformá-la num idioma que encontrasse correspondência na realidade. Dessa maneira, ele introduz seu conceito de análise semiótica, método que considera o único adequado para estudar a consciência. E introduz a idéia de mediação, a fim de que se possa compreender o processo de interiorização; que seria o formador, por assim dizer, da consciência. O homem vai, segundo sua avaliação prática da realidade, apropriando-se dos valores que o cercam e formando os seus próprios.

As reflexões de Vygotsky e Bakhtin afirmam que as manifestações da consciência se dão pela linguagem e pelo trabalho. A consciência depende da atividade e vice-versa, constituindo-se mutuamente, numa relação dialógica. Não se pode esquecer, contudo, o fator intersubjetividade: a importância do outro, neste processo, é fundamental. Ele sempre vai interferir no processo, positiva ou negativamente.

Ao longo do período, em que trabalham como profissionais do sexo, as participantes tiveram presentes os valores de sua formação moral, em confrontação com os valores historicamente construídos de sua profissão. Sentimentos foram suprimidos, neste conflito: de frustração, de repúdio, de vergonha, ou medo. Como diz Vygotsky (1996), a relação entre os sentimentos e a consciência está atrelada com as regras de determinada cultura. Provenientes de diferentes regiões, as profissionais do sexo trouxeram com elas um micro universo de ideologias, concepções e valores. Ao se defrontarem com a realidade, seus princípios e aspirações foram postos a prova, obrigando-as a desenvolverem formas de lidar com as situações impostas.

A mudança é fator de instabilidade e insegurança, mas que propicia uma resignificação da realidade presente. Novas significações e novos sentimentos podem gerar tensão que, conseqüentemente, desestabiliza a consciência, gerando condições favoráveis, ou não, para trabalhos de conscientização frente aos fenômenos e problemas sociais.

As formas de significação referentes à visão apresentada pelas profissionais, refletem conflitos e contradições. Elas, contudo, evitam falar ou pensar sobre o assunto. Um trabalho que envolvesse a consciência e a identidade profissional dessas trabalhadoras, propiciaria o fortalecimento ideológico e o posicionamento diante das dificuldades, freqüentes as suas atividades.

Bakhtin (1991) observa que os signos são ideológicos por excelência e denotam a menor variação das relações sociais. O mundo da prostituição está carregado de termos que são gravados na consciência das pessoas com valorações negativas, em diferentes graus. Esta valoração influencia na maneira como as pessoas se comportam em relação as profissionais do sexo, assim com influencia no comportamento das mesmas em relação à sociedade.

Na perspectiva da produção sócio-histórica do conhecimento, é na relação com o outro, com o social, que a identidade do sujeito forma-se e sobressai. É exatamente no meio social que o sujeito pode reconhecer-se como uma personalidade. É, portanto, a partir dos elementos que envolvem a consciência dessas profissionais é que se pode trabalhar em benefício da melhoria das suas condições de trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- ANGARANI, T. Garotos de programa: o que eles fazem em troca do dinheiro. In: *Nova*, jun, 1995.
- BAKHTIN, M. V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. **Estética da criação verbal**. trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; Ver. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRAIT, B. (org). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- CLARK, K., HOLQUIST, L. **Mikhail Bakhtin**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- CARDOSO, G. R., HEIDRICH, I., e colaboradores. *Estudo Relativo a Fontes Voltadas ao Apoio do Trabalho de Profissionais do Sexo em Florianópolis*. In: SEMANA DA PESQUISA DA UFSC, 6., 1998, Florianópolis. **Caderno de Resumos da VI Semana da Pesquisa da UFSC**. Florianópolis: UFSC, 1998.
- COSTA, M. D., FELDMANN, S., e colaboradores. *Organização Cooperativa de Prostitutas: Uma Proposta de Exercício em Psicologia Comunitária*. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 28., Ribeirão Preto. **Caderno de Resumos da XXVIII Reunião Anual de Psicologia da SBP**. Ribeirão Preto: SBP, 1998.
- SILVA, M. S., COSTA, M. D., e colaboradores. *Condições de Trabalho da Profissionais do Sexo em Boates do Baixo Meretrício de Florianópolis*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 10., São Paulo. **Caderno de Resumos do 10º Encontro Nacional da ABRAPSO**. São Paulo: ABRAPSO, 1999.
- DEUSINGER, I. The personality structure of delinquents. In: **Psychologische Beitrage**: 1973. Vol 15 (3). 408 - 418
- DIMENSTEIN, G. **Meninas da noite: a prostituição de meninas – escravas no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- DREWS, A., VIEIRA, M., e colaboradores. *Caracterização das Condições de Trabalho de Prostitutas na Praça XV da Cidade de Florianópolis*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 10., São Paulo. **Caderno de Resumos do 10º Encontro Nacional da ABRAPSO**. São Paulo: ABRAPSO, 1999.

- FARACO, C., CASTRO, G. e colaboradores (orgs). **Dialogismo com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- FERREIRA, M. R., VIEIRA, M., HEIDRICH, I. e colaboradores. *Caracterização da Prostituição na Praça XV da Cidade de Florianópolis*. In: SEMANA DA PESQUISA UFSC, 7., Florianópolis, **Caderno de Resumos da VII Semana da Pesquisa da UFSC**. Florianópolis: UFSC, 1999.
- FERREIRA, M. R., SILVEIRA, E. N., e colaboradores. *Uma Busca de Organização para Profissionais do Sexo*. In: SEMANA DA PESQUISA UFSC. 7., Florianópolis. **Caderno de Resumos da VII Semana da Pesquisa da UFSC**. Florianópolis: UFSC, 1999.
- FRANCHI, C. *Linguagem – atividade constitutiva*. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos – 22**. Campinas: IEL., Jan/Jun. 1992. p.0-39.
- FREIRE, R. C. **Prostituta e Prostituição: as representações do cliente**. Tese de mestrado em ciências sociais. João Pessoa. 1997.
- FREITAS, M. A. **Vygotsky & Bakhtin**. Psicologia e educação: um intertexto. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- GARNIER, C., BEDNARZ, N., e colaboradores (orgs). **Após Vygotsky e Piaget: perspectiva social e construtivista**. Escolas russa e ocidental. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.
- GASPAR, M. D. **Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- GOES, M. C. *A natureza social do desenvolvimento psicológico* In **Pensamento e linguagem – Estudos na perspectiva da psicologia soviética**. Cadernos do CEDES. São Paulo: Parius, 1991.
- HEIDRICH, I., CAMARGO, L. F., e colaboradores. *Iniciativas Voltadas ao Estudo e Apoio do Trabalho de Profissionais do Sexo em Florianópolis*. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 28., Ribeirão Preto, **Caderno de Resumos da XXVIII Reunião Anual de Psicologia da SBP**. Ribeirão Preto: SBP, 1998.
- ISAIA, S. M. *Fundamentos Psicológicos da educação: uma leitura Vygotskiana e riegeliana*, in: **Cadernos da UFSC/CED – 24**. Florianópolis: NUP, 1996. P.111-124.
- JESSON, J. Understanding adolescent female prostitution: a literature review. In **British – Journal – of – social – work**: 1993. Oct col 23 (5). 517 - 530.

- JOFFE, H., DOCKRELL, J. e colaboradores. The safer sex: lessons from the male sex industry. In: *Journal of community and applied social psychology*. 1995 Dec. Vol 5 (5) 333 – 346.
- LEITE, G. S. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosas dos tempos, 1992.
- LÚCIA, A. **A difícil vida fácil: a prostituição e sua condição**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein e Mário Corso: Sup. Trad. Sérgio Spritzer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MACHADO C., e colaboradores. *Oficina do sexo pensando sobre sexo e aids*. Secretaria da Saúde de Mato Grosso do Sul / Programa Estadual de DST/DS. 1995.
- MEYER, S. L. Bibliography. In: *Women and Health*: 1982. Sum. Vol 7 (2). 67-75.
- MOLON, S. **A questão da subjetividade e da construção do sujeito nas reflexões de Vygotsky**. Tese de mestrado em psicologia social. São Paulo 1996.
- MURPHY, E. **Historia dos grandes bordéis do mundo**. Trad. Heloisa Jahn. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- NEVES, W. M. J. **As formas de significação como mediação da consciência: um estudo de um grupo de professores**. Tese de doutorando em psicologia social. 1997.
- NEWMAN, F., COHEN E., e colaboradores. Historical perspectives on the study of female prostitution. Special Issue: Feminist psychology. In: U Toronto, Clarke Inst. Of Psychiatry, Canada, 1985. Jan –feb vol. 8 (1). 80 – 86.
- OLIVEIRA, M. K. *de linguagem e cognição: questões sobre a natureza da construção do conhecimento*. In: **Temas em Psicologia – 2**. São Paulo: Editora da USP, 1995.
- OLIVEIRA, J. C., CESPEDES, e colaboradores. *Iniciativas Relacionadas ao Estudo das Condições de Trabalho e Rotina das Profissionais do Baixo Meretrício em Florianópolis*. In: SEMANA DA PESQUISA DA UFSC, 6., 1998, Florianópolis. **Caderno de Resumos da VI Semana da Pesquisa da UFSC**, Florianópolis: UFSC, 1998.
- PEDRO, J. M. **Mulheres honestas e faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Editora da UFSC 1994.

- PINO, A. *O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano*. In: FE. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- ___ *As categorias de público e privado na análise do processo de internalização*. In: **Ciências da Educação** – 42. São Paulo: Editora da USP, agosto de 1992. P. 315-326.
- ___ *Processos de significação e constituição de sujeito*. In: **Temas em Psicologia** – 01 São Paulo: Editora da USP. 1993.
- PRIORE, M. D. (org) – **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto 1997.
- QUADRO, C., MARTINEZ, A. e colaboradores. *Na contramão da batalha prevenindo na rua*. **Manual do Grupo de Apoio da AIDS (GAPA/RS)**, 1999.
- RIOS, R. **Língua Portuguesa e Construção de Texto**. Ed. Cipione: 1999
- RIVIERE, A. **La psicologia de Vygotsky**. Visor Distribuições, Madri. 1988.
- ROSSIAUD, J. *A prostituição na idade média*. Trad. Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1991.
- ROCHA, M. O. *Ação educativa com mulheres profissionais do sexo em logradouros públicos*. **Manual da MUSA / Prefeitura Municipal de Florianópolis**. 1998
- ROSSIAUD, J. **A prostituição na idade média**. Trad. Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1991
- SAFFIOTI, H. I. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna. 1987.
- SMOLKA, A L. *Construção do conhecimento e produção de sentido: significação e processos dialógicos*. In: **Temas em Psicologia** – 01 São Paulo: Editora da USP, 1993.
- ___ *Internalização: seu significado na dinâmica dialógica* In: **Educação & Sociedade** – 42. agosto. 1992.
- ___ *A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal*. In: **Temas em Psicologia** – 03 São Paulo: Editora da USP. 1995.

SILVA e colaboradores. *A prevalência de sífilis, hepatite e HIV das profissionais do sexo feminino de baixa renda da região central do município de São Paulo*. Manual de Coordenação Nacional de DST e AIDS/MS.1996

SILVA, M. S., COSTA, M. D., e colaboradores. *Criação de Espaços de Cooperação para Profissionais do Sexo: Uma Intervenção em Psicologia Comunitária*. In: SEMANA DA PESQUISA DA UFSC, 6., 1998, Florianópolis, *Caderno de Resumos da VI Semana da Pesquisa da UFSC*, Florianópolis: UFSC, 1998

SILVEIRA, E. N., e colaboradores. *Rotina e condições de trabalho de profissionais do baixo meretrício em Florianópolis*. In: **Reunião Anual de Psicologia**. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia 1998: 251.

SILVEIRA, E. S., OLIVEIRA, J. C., e colaboradores. *Rotina e Condições de Trabalho de Profissionais do Baixo Meretrício em Florianópolis*. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 28., Ribeirão Preto, *Caderno de Resumos da XXVIII Reunião Anual de Psicologia da SBP*. Ribeirão Preto: SBP, 1998.

SOUZA, L. M. **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

STERENFELD, C. e colaboradores. *Modelo de intervenção junto a profissionais do sexo no Rio de Janeiro*. Programa Integrada de Marginalidade / Rio de Janeiro. 1997.

TERZI, S. B. **A construção da leitura**. Campinas: Editora da UNICAMP/ PONTES, 1995.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

___ **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jéferson Luiz Camargo; Téc. José Cipólla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

___ **Teoria e método em psicologia**. Trad. Claudia Berliner, ver. Elzira Arantes. São Paulo: Martins Fontes 1996

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R., e colaboradores. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**, 5 ed., Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone /Edusp, 1988.

ANEXOS

partem pra lugares pra elas ignorado. Metade do que ganham, vai pro “dono do ponto” ou cafetão – como são conhecidos.

Já nos bordéis, elas pagam uma taxa diária pelo quarto... também não há muita segurança, porque os clientes são pessoas de baixo poder aquisitivo, e muitas vezes violentos. Em ambos casos elas garantem a sobrevivência.

As boates, já torna um acesso difícil, já que elas são escolhidas pela aparência. Essas têm um lucro melhor, e também uma segurança aparente. Os clientes se encaixam num padrão mais elevado, e na maioria, entre 40 e 50 anos.

Existe curiosamente uma tabela de preços, estipulada de acordo com o tipo do sexo que vão praticar. A boate retém o lucro do consumo, e uma porcentagem sobre “suas” garotas.

Estas, quase nunca são verdadeiras ao revelarem seus motivos... porém, em sua maioria, é o valor obtido, que vai além do trabalho que as outras mulheres exercem no seu dia a dia “ganho fácil”, como alegam. Já as garotas de programas são as que mais obtém lucro.

A seleção é bem mais apurada, e as idades variam.

Dentre elas podemos encontrar universitárias, ou garotas de família, que estão ali por escolha própria, com os pensamentos voltados para o bom remuneração, e as drogas mais “requintadas”... A cocaína é uma delas. É o modo mais fácil de fugir da realidade da “profissão”. Estas tem clientes de poderes aquisitivos melhores, a segurança pessoal é mais adequada, muito embora quando algo mais grave acontece, tudo é abafado, a lei do silêncio prevalece. Tanto as prostitutas de boate como as de programa, já tem consciência do perigo que correm, sem o uso da camisinha.

Se um cliente oferece mais, para o sexo sem o uso do preservativo, raramente aceitam, porém existem os “clientes vips”, e á eles, tudo é permitido, desde que paguem.

Estes clientes geralmente são casados, tem um emprego de alto nível, e outros exercem cargos públicos, como a polícia, por exemplo. Estas geralmente tem cafetões, ou cafetinas. Em nenhum desses padrões citados, elas trabalham sozinhas... Só as prostitutas “cheira – cola” é que ficam por conta própria mas sem futuro.

Em sua maioria, elas são obrigadas, pela profissão, a juntar o que ganham porque dependem do “bom estado do corpo”.

As que se prostituem pra sustentar vícios, vêm em percentagem menor. Estas trabalham, e trocam o corpo pela droga, só pra não mexer nos salários... Nesse caso, não há lucro. É droga x corpo.

O fato é que, a prostituição atinge as varias camadas sociais. Porém geralmente, as que pensam sair dessa vida, são as que foram obrigadas a entrarem... E é nesse meio, que geralmente elas encontram o homem “salvador”.. è complicação, justamente devido a ignorância da sociedade, que é generalizada nos diversos aspectos, e isso, incluem a prostituição Mas uma minoria sempre consegue sair desse tipo de vida.

O processo dos cafetões (ou cafetinas!) giram em torno dos 50% dos lucros delas.

E esse procedimento criou um novo tipo de prostituição: A do celular ! Estas trabalham independente e variam entre aos 13 anos 18 anos. O esquema é fácil... Elas alugam uma caixa postal, depois recolhem os recados e definem seus programas. Nesse caso não há ganho só “divertimento”. Elas são de boas famílias, não precisam do dinheiro; e os jovens clientes, também vão para um barzinho elegante, bebem se drogam, e depois procuram um motel. Este último caso, cresce assustadoramente!.

O caso do uso da camisinha causa problemas de vários tipos... gravidez, doenças venéreas, e a contração do HIV. Apesar do acesso às informações preventivas, elas não se preocupam, agem de forma errônea, como: “Isso não vai acontecer comigo”: Os pais por sua vez, quando o problema explode, cuidam de abafar, pra evitar escândalos! É o que vemos aí? Os pais são os mais responsáveis pela maioria desses problemas.

O desamor, é o mais contundente. Eles enchem as filhas de presentes caros, como se não quisessem partilhar da vida das próprias filhas, porque têm seus próprios problemas: manter os padrões de vida. E o mal se prolifera....

Como elas encaram a prostituição? Muitas delas são evasivas em suas respostas, outras, omissas. A desconfiança é grande, devido o preconceito que está lá fora, pronto pra devora- las!. Às vezes são arredias – estas geralmente contém uma revolta por tudo e por todos – o que se conclue que foram empurradas pra esse tipo de vida!.

É preciso saber aborda-las, despido de quaisquer preconceitos, e conquistar a confiança, demonstrando o lado humano o que não é nada fácil.

Algumas vêm a prostituição, como uma última saída, outras como uma escolha rentável. E tem as que encaram como uma profissão, igual a qualquer outra... porém, o fato é que muitas delas tem um sonho: casar e construir uma família, seus comportamentos morais na profissão é um fora deles, elas retomam seus valores.

O comportamento muda radicalmente, não é o caso de dupla personalidade,. Elas apenas colocam uma divisão entre a prostituição e a mulher.

O problema é que a sociedade retrógrada não consegue enxergar isso. É comum se ouvir deles "Uma vez prostituta. Para sempre prostituta"... Não é bem isso que a vida mostra... Muitas delas – hoje casadas, e mães mantém um comportamento exemplar, levam uma vida recatada e tranquila. Mas existe o fator principal, que algumas, por medo, escondem... a verdade sobre seus passados, e aí quando reconhecidas por um antigo cliente, o mundo desaba.

As que escolhem a verdade, não tem esse problema, e falam da profissão como algo que ficou pra trás, e se apagou. Não gostam de relembrar. A vida delas começou quando encontraram um lar.

O homem, por sua vez, faz o mesmo. Foi uma escolha de ambos, portanto, as cobranças devem ser esquecidas. Infelizmente, estas são uma minoria... entre 10 prostitutas, há um pedido de "socorro" nos olhares de duas ou três.

Quando se ganha a confiança delas, há um desespero em demonstrar que querem sair dessa vida! Não importa se vão recomeçar com simplicidade... Elas só querem voltar a se sentirem vivas, se sentirem mulher. Pelo menos, esse é o pensamento das que trabalham em bordéis... Há um acesso meio complicado com as que trabalham nas ruas e boates.

Elas demonstram o mínimo interesse em mudar, ou expor seus problemas. Pior ainda com as garotas de programa devido suas posições sociais.

Enfim a prostituição feminina não pode de forma alguma ser generalizada. Se colocarmos alguns fatos relacionados a forma com que vêm a vida, vamos perceber que, muitas delas não se acham prostitutas. É o caso das garotas de programa e as do celulares. "Diversão não é prostituição dizem". Elas acham que, por terem um certo nível social, estão acima das demais, o que não é verdade.

Hoje com o avanço da tecnologia, o abuso sexual de menores, esta evidencia via internet. Os infratores (as) são adultos (as) inescrupulosos (as). Em sua maioria, casais. E temos também o famoso golpe de exportar garotas pro exterior, com propostas enganosas de “casamento”. E tudo gira em torno da prostituição.

As jovens às vezes são abordadas pra fazerem testes pra modelo na verdade, por trás da proposta, existe uma outra versão... posarem nuas. As propostas variam: Modelos, garota propaganda, ou um inocente emprego qualquer. O desemprego faz surgirem os famosos pervertidos, em busca das presas fáceis...

A forma de prostituição tem várias “caras”... Alguns empregadores oferecem ótimos, salários, e não se importam se há ou não experiência da parte delas. Se tiver boa aparência é só fazer o que eles mandarem... Nesse sentido, se encaixam as mais “promissoras” carreiras... cantoras, atrizes, modelos, e etc... Lógico que não há uma generalização aqui.

Mas que uma pequena fatia desse mercado se enquadre no esquema, é fato, e não deixa de ser prostituição.. porque, pra permanecer na carreira, ou até ter um pouco de ascensão, elas continuam se “doando”.

Finalizando a mais dolorosa proliferação da prostituição, são das menores de rua, onde o principal culpado é o sistema! Essas garotas de 10, ou 15 anos, nem mesmo têm uma perspectiva de vida. Se prostituem, se drogam e, têm que lutar pra se manterem vivas no meio em que vivem. Raramente chegam aos 18 ou 20 anos, porque se destroem, ou são mortas por policiais, ou pelos próprios colegas também marginalizados.

Elas são obrigadas a roubar, o que as tornam alvo fáceis das armas, que preferem eliminar, que resolverem o problema.

Pra chegar perto de uma prostituta e conseguir que ela seja verdadeira, é preciso muito saber fazer-lo.. Ela nem pode “sonhar” que o que vai ser dito, pode se tornar público.

Logo de cara, elas dão os preços do tipo de sexo: oral, anal, ou comum. Ai é preciso saber contornar a situação – porque ela vai ficar grilada se o cara não tá afim.

O que eu dizia era que estava meio dawn, e só queria “desabafar” com alguém... ai, pagava bebida pra elas, falava de uma falsa situação, tentando puxa-la pro lado

humano. Jamais utilizei a palavra “prostituta” Muitas delas, não gostam – principalmente as que foram jogadas nesse tipo de vida. Foi complicado.

Depois dos 30 anos, elas fazem qualquer coisa, e o preço quem dá é o cliente. É horrível, ver uma delas em decadência.... se embebedam, e viram restos humanos. Ah! Sobre a gilete e a navalha elas sabem usar com habilidade. Vi um sujeito, alto e forte ser retalhado em segundo, só porque deu um tapa numa delas.

As prostitutas de bordel e das ruas são unidas no sentido de se protegerem.

Existe também a inveja, quando chega “carne nova” como elas chamam. O cafetão tem que impor as regras, ou a nova dança” Nas ruas, o cuidado é de uma delas não invadir o espaço da outra. Sai até morte.

Já nas de boates, são fechadas. “se não vai transar não tem papo” eu escolhia sempre a que se encontrava isolada, pagava a bebida e conseguia algumas informações... Não durava muito. e o garçom dizia pra ela “ao trabalho”. Nessa paguei pelo lance comum, só para poder conversar no quarto.

Percebi que ela se sentiu um pouco valorizada, porque eu tava pagando só pra conversar... geralmente o tempo é 1:00. Se passar disso, paga por mais outra 1:00.

Ela chorou tava ali porque tinha um filho para sustentar, Na verdade, era uma mulher com sentimentos, pagando um mico da vida. O engraçado é que muitas delas, têm um cara! Elas só transam com outros, depois de transar com ele. Elas chamam de “meu homem”. Esses caras pagam um pouco mais. Se elas adoecem eles pagam o tratamento, e rola tantas coisas bizarra... tem cara que se veste de mulher (e são casados, têm filhos e bons empregos!). outros pagam só para verem elas se tocando, ou simplesmente, levam em suas pastas, objetos do sex – shop, onde elas fazem o papel de “homem”... É um mundo cão. Tem os que gostam de bater, mas as restrições para esses são fortes!. Não podem estragar a mercadoria, por isso, há um botão, onde só ela sabe o local.. Num só toque, entra o leão – de chácara e o cara sai de lá no tapa.

Quando um cliente tá travado demais e apaga, se a prostituta roubá-lo (isso só em boate), é surrada e expulsa. Pega mal pra boate ganhar fama de que roubam seus clientes. Havia uma, segundo ela que era casada e trabalhava lá (o marido sabia).

As cafetinas são as mais “requintadas”... suas garotas só fazem programas especiais, só lidam com a classe rica... E o que tem de político nesse esquema... tem cara que

paga só pra ver a espōsā transar com outra mulher.. Embora elas não façam restrições, jamais se consideram lésbicas. “faço profissionalmente”, é a resposta.

As universitárias alegam que estão lá só para pagarem os estudos...

Cheguei num, bordel cedo a casa tava sendo limpa, e elas se cuidavam para dormir... Eu conhecia o dono do bordel, por isso não foi difícil entrar... conversei com uma que tinha 18 anos... talvez por ter me visto conversando com o dono, o qual eu tava bolando uma história diferente. E sempre enviava revistas pornô pra ele – ela insistiu o tempo todo em transar. Mas percebeu que eu não queria, e começou a engrossar: “Tá me achando feia”? Não gostou do corpo?, fui salvo pelo dono, que explicou tudo. Ai ela se acalmou. Mas fez mil restrições: Não usar seu nome verdadeiro. Não desenhar a garota parecida com ela, etc. Concordei, entretanto que me contasse a verdade. Expliquei que, todo sofrimento e decepções eram importantes, porque as pessoas que lesse, veriam o lado humano da mulher que ela era... contou que conheceu um cara no interior (as entrevistas que fiz, foram em Curitiba e São Paulo. Muitos fatos, assisti em reportagens da globo e extinta Manchete”), teve um caso, e ele voltou pra cidade dele (Curitiba). Ela resolveu ir procura-lo... o cara era casado e tinha um casal de filhos, e a ameaçou. Sem grana pra voltar, perambulou pela cidade até encontrar esse bordel. Como era menor, o dono não queria que ela ficasse lá. Ela disse que procuraria um emprego no dia seguinte> Ele concordou, mas ela ficaria trancada no quarto a noite toda! Ele poderia ir em cana, se ela fosse vista. Uma semana depois, ela não conseguiu nada. Mas não queria voltar pra casa, o dono concordou que ela entrasse naquela vida, mas receberia clientes conhecidos dele, sem que saísse do quarto pra nada. Perguntei se ela pensava em retornar ao lar.... “só aos 22 anos quando juntar muita grana” – olhei nos olhos dela, e não senti firmeza....

E os caras como são eles? “velhos! Eu não ligo pra cara! Respondeu. Alias é um ponto que todas tem em comum. Não existe cara feio se tiver grana. Mas ela sabia que na sua profissão a idade e o corpo determinavam o tempo de carreira, como e, outras profissões, como o boxe, modelo, jogador, e etc. Talvez ela se tocasse mais tarde, antes do fim.

Antes de prosseguir vou te situar:

BORDEL: nos chamávamos assim porque as mulheres moravam lá. Antes de ir pró quarto, o homem pagava a hora, e a transa.

TABELA: Mesmo com uma tabela de preços por cada tipo de transa, a prostituta não era obrigada a fazer de tudo que constava nela. Porém com o tempo, ela ia perdendo clientes. Pra não ser machucada no sexo anal elas mesmo se iniciavam com esses trecos de borrachas, até se sentirem prontas.

BORDEL/PENSÃO: O dono do bordel era obrigado apresentar os exames ginecológicos de suas mulheres, pro pessoal da justiça. Caso alguma engravidasse tinha que sair. Em caso de doença venérea, também. Isso acontecia mensalmente, o que era uma segurança pro dono do estabelecimento também.

A PENSÃO: Funcionava diferente! A mulher catava um cara na rua, e ele pagava o quarto, depois o preço dela. Qualquer problema o cafetão (dono da pensão) não se responsabilizava.

No bordel, as mulheres recebiam sua parte, no final do expediente. Por causa dessa confusão de pensão (ou zona), é que foi criada a pensão de moças, e pensão de rapazes, tudo familiar. Não sei como funciona agora.

Bom conheci uma garota que trabalhava na Grafipar.. Ela morava numa pensão, para moças, fiz amizade, e ela me contou que lá na pensão, moravam duas irmãs, ambas prostitutas, mas a dona da mesma não sabia, se soubesse, as mandaria embora. Ela falou algo surpreendente... As duas (prostitutas) se davam bem com todas, e sempre diziam que por menos que as outras ganhassem em seus trabalhos, agradecessem a Deus, porque apesar das duas ganharem bem, e andarem bem vestidas, suas vidas eram um inferno. Não valia a pena viver o que viviam sempre davam bons conselhos à todas, por serem tão vividas. Por isso, eram protegidas e queridas por todas. Tinham um comportamento exemplar, e sempre alertavam pros perigos da vida. Fui lá conferir. Conversei com ela fora da pensão (não é permitido entrada d homens, por isso pedi ajuda dessa colega). Não pareciam prostitutas, mas não ficavam constrangidas por eu saber que eram, pra elas, era apenas uma profissão, mas no que dependesse delas, afastariam qualquer outra que tivesse juízo, desse caminho. Ganhavam bem! Uma tinha 17 e a outra 19 anos, moravam na pensão porque era barato. Dava pra comprar umas roupas legais e depositavam todo o resto no banco. Iriam esperar mais dois anos, e montariam uma lanchonete, em cascavel, de onde vieram. Não se drogavam, bebiam muito pouco. Só fumavam, eram discretas, porque sabiam do preconceito, "e sobre Deus?" – perguntei. Elas baixaram a cabeça, ficaram em silêncio por um instante, e responderam: "sabemos que estamos erradas... e ele sabe disso! Se

tivermos que pagar pelos nossos erros, que paguemos sozinhas”. E então compreendi que elas tentavam diminuir seus fardos, afastando as outras do caminho que escolheram. Não quiseram falar sobre o que as levaram á essa vida, e não insisti. Estava claro que puxaram todas responsabilidades pra si mesmas. Agradei pelo papo, e disse que elas tinham todo o meu respeito. Elas foram sinceras.

Mais na boca do lixo, em Sampa, a coisa é feia! Era lá que os fotografas de revistas pornôs e cineastas – B iam busca “atrizes”... é o sub- mundo mesmo! As mulheres eram bonitas, mas já tinham passado dos 25 anos, e isso, era o fim. Até que surgiram as revistas e os filmes pornográficos... e houve uma virada. Pra elas.. lá a vida não era fácil, misturada entre travestis e homossexuais, elas encaravam a morte diariamente, era cada uma por si.

Queimadas por ponta de cigarros, cortes de facas, e marcadas por tiros, era o que se via em seus corpos. Eram espancadas pelos travecos que as consideravam concorrentes. Pra você ter uma idéia, nenhum cara – que tiver uma pistola ou estiver com, no mínimo, 03 colegas – tem coragem de encarar um traveco numa briga! E eles nunca estão só! Ao primeiro sinal de confusão eles – ou seja elas, sei lá – surgem do nada, e o sujeito nem tem tempo de correr. Entrar lá é fácil... permanecer é outra história. O segredo é se um traveco jogar uma cantada, se justificar que não está afim... Nunca bancar o machão, e chama-lo de viado ou bicha! Eles respeitam o “não” do cara contanto que não seja com ofensas. Já o Homossexual, é um pé no saco! Ele insiste ao não... com eles, o lance é dizer que “come da mesma fruta que eles, ai eles caem fora.... falar baixinho, claro senão aparece “fruta” de todo lado. Mas se o cara estiver com uma mulher, nenhum dos dois é molestado! É como entrar na toca dos lobos com uma loba, e sair inteiro! Eu só entrava com uma prostituta que trabalhava pra revista da editora. Não colhi nada de importante. Os motivos delas era o mesmo desemprego, gravidez, lar desfeito, abuso sexual do pai, vício, e desespero de uma cidade grande. Esperança? Nenhuma. Futuro? Morrer antes de envelhecer!.

De uns tempos para cá, as prostitutas se conscientizaram sobre os riscos do HIV. Elas não transaram sem camisinha. Se o cara joga uma que “esqueceu” elas abrem a gaveta da cômoda, e lá tem um lote delas. Pagar muito só pra elas transarem sem camisinha? Nem pensar! Elas preferem ganhar normalmente que correrem o risco. Só com camisinhas,

sem acordos. O grupo de risco não são as prostitutas, ou homossexuais... agora, a doença se espalha e cresce entre os que usam drogas, as donas de casa mesmo, correm o risco de serem contaminadas pelos maridos. A seringa, não descartável continua sendo usada! Nos meios sociais (gente de poder aquisitivo melhor), também é grupo de risco, e nas penitenciárias. Hoje, é comum uma mulher ser infectada pelo próprio marido! Segundo pesquisas, o homem deixou de ser o maior portador, e a mulher é que é a portadora. Mas as prostitutas não foram inseridas nesse grupo. No início eram os homossexuais, depois as prostitutas. Mas agora, são os usuários de drogas, a classe média, e os presidiários. O índice é assustador, mas os meios de comunicação evitam tocar no assunto. A verdade é que a Aids mata mais do que tudo, e continua avançando!

Quando fiz as pesquisas, havia colado nas paredes, o aval da saúde pública, com relação a saúde das mulheres. Hoje, não funciona mais assim. Cada um tem que ter consciência. ou dança. Isso vale pra elas, e para quem as procura. Outro dia, prenderam uma mulher que sabia ser portadora, mas por vingança contaminou diversos caras. O mesmo ocorreu há semanas atrás, só que foi um homem que contaminou mulheres conscientemente. A primeira vítima foi a própria esposa. ficou presumido que, os bissexuais também estão dentro do grupo de risco. o descaso do meio de comunicação, faz parecer que, uma minoria, está contaminada mentira! O índice é muito maior do que se possa imaginar! Isso inclui outros países. inclusive os de primeiro mundo é mais fácil se encontrar uma atriz, ator ou os que têm um bom poder aquisitivo contaminado, que uma prostituta.

Tem o tele-sexo. onde a prostituta vai à casa do cliente. Nos jornais, os anúncios estão espalhados. Tem casa de massagens, e "Casa de Massagens" – bordel perdeu valor. Os executivos vão às casa de "massagens". Tem motéis de todos os tipos, para todos os gostos. e tem a Internet, onde o cara acessa o site de determinada garota, e acompanha o seu dia a dia, com câmeras espalhadas por todo canto da casa, principalmente no banheiro. Já tem até o sexo virtual, onde o homem e a mulher, "sentem" tudo através de um objeto anexado ao computador! Nem quero pensar quando conseguirem enviar as imagens dentro da casa das pessoas, através do laser tridimensional.

Os preços de hoje.

- Prostituta comum: fatura entre dois a três mil reais ao mês, dependendo do estado! Em São Paulo, Chega a uns quatro.

- Prostituta de rua: entre 4 a 5 mil reais
- Prostituta de boate: entre 6 a 8 mil reais (todas mensais)
- Prostitutas de massagens: 10 a 15 mil reais
- Prostitutas de telefone à domicilio: 10 a 15 mil reais
- As que faturam mais alto, são as prostitutas que trabalham pra cafetinas, porque são especiais, e só têm clientes ricos, e dentre eles, empresários, políticos etc. Chegam a faturar 30 mil por mês.

Bem era isso, Precisando de mais dados, eu resolvo esse lado para você
“Bye”.

ASSOCIAÇÃO DE PROSTITUTAS

NAS RUAS DE ARACAJÚ, CANDELÁRIA EXPLICA A FORMA CORRETA DE USAR UM PRESERVATIVO.

POR MARIA NIZIANA CASTELINO

Ao chegar aos prostíbulos de Aracaju carregando uma sacola colorida cheia de preservativos, Maria Niziana Castelino, 50 anos, é recebida com festa. Candelária, como é conhecida, preside a Associação Sergipiana de Prostitutas (ASP). O órgão já distribuiu 3000 preservativos e possui um serviço no posto de Saúde Dona jovem para atender e orientar, por meio de palestras, profissionais do sexo que contraíram doenças sexualmente transmissíveis. Se elas desejam mudar de atividade a associação as encaminha para cursos profissionalizantes.

Candelária não sabe ler nem escrever, mas aprendeu cedo a lutar por seus direitos. Aos 17 anos, depois de tomar uma surra da mãe adotiva, fugiu de casa e foi morar na rua. Viveu assim até ser descoberta por uma cafetina que lhe deu o apelido.

“Ela dizia que era tão imponente como a igreja da Candelária, no Rio de Janeiro”, lembra, com 16 anos, 1,71 metros, corpo esguio e olhos verdes, tornou-se a prostituta mais bela e requisitada de Aracaju. Foi amante de poderosos casou-se com um empresário de transportes de cargas e deixou a prostituição aos 22 anos.

Não esqueceu, no entanto, as mulheres da noite. Em 1991, denunciou a violência e o abuso da polícia contra elas e fundou a Asp.

Reportagem Publicada na Revista Claudia Novembro de 2000

1 - Método de análise.

Buscou-se para o presente trabalho um método que fosse compatível com o marco teórico utilizado - a concepção histórico-cultural, segundo Vigotsky e Bakhtin - a respeito do discurso, a dinâmica das vozes, e a interação dos protagonistas no enunciado.

A análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (1977), é um processo de investigação sociológica, separando como material essencial de estudo, as palavras em suas diversas roupagens: balbucios, silêncios, repetições ou lapsos. Sem, no entanto, dissociá-las do seu contexto histórico.

Utilizar a análise de conteúdo é, para Bardin (ibid:28), o mesmo que romper com a *“ilusão da transparência dos fatos sociais, recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea. E igualmente tornar-se desconfiado relativamente aos pressupostos: lutar contra a evidência do saber subjetivo, destruir a intuição em proveito do construído, rejeitar a tentação da sociologia ingênua, que acredita poder aprender intuitivamente as significações dos protagonistas, mas que somente atinge a projeção da sua própria subjetividade”*.

Exercer um olhar crítico requer a utilização de técnicas, as quais Bardin chama de “técnicas de ruptura”, dizendo não à leitura simplista e sedutora da realidade. É necessário elaborar conceitos operatórios, aceitar o caráter provisório das hipóteses e definir planos experimentais, ou de investigação, a fim de despistar as primeiras impressões. *“Desde que se começou a lidar com comunicações, que se pretende compreender para além dos seus significados imediatos, parecendo útil o recurso à análise de conteúdo”*. (ibid:29). Isto é, a compreensão dos significados da comunicação extrapola os mesmos: aceitar que as hipóteses são provisórias é importante no aprofundamento do trabalho analítico.

Os objetivos da análise de conteúdo correspondem a:

- Ultrapassagem da incerteza: o que se julga ver na mensagem estará lá contido, realmente?
- E o enriquecimento da leitura: se um olhar imediato e espontâneo já é produtivo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência?

Para Bardin (1977:29) a análise de conteúdo é aplicável – com maior ou menor facilidade – a todas as formas de comunicação; quer sejam ruídos, imagens, códigos lingüísticos, etc. Em todos os casos, apresenta duas funções:

- Função heurística: como tentativa exploratória, sem pretensões, buscando descobertas para ver no que dá”, (Bardin 1977:30).
- Função de administração da prova: elabora-se hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias que servirão como diretrizes, utilizando o método de análise sistemática para serem verificados como confirmação ou afirmação. Ou seja, a análise de conteúdo serve como prova de uma hipótese.

Na prática, ambas as funções podem coexistir de maneira complementar. Geralmente, isto ocorre quando o analista dedica-se a um campo de investigação ou a um conjunto de mensagens, por ele explorado, que carece de problemática de base ou de técnicas uniformes de aplicação da pesquisa.

A análise de conteúdo depende do tipo da “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se objetiva. Não existe estímulo direto e resposta direta. A técnica de análise de conteúdo deve ser reestruturada a cada momento, pois depende do seu domínio e dos objetivos pretendidos.

“Documentos e objetivos dos investigadores, podendo ser bastante diferentes, os procedimentos de análise, sê-lo-ão, obrigatoriamente, conforme se trate de:

- *Por em evidência a ‘respiração’ de uma entrevista não diretiva;*
- *Desmascarar a ideologia subjacente a um determinado texto;*
- *Estabelecer aspirações de grupos específicos”.* (Bardin, 1997:31:32).

A descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Entretanto, não se limita ao conteúdo – leva-se em consideração o contexto. As regras de análise devem ser subordinadas às categorias (homogêneas, exaustivas, exclusivas, objetivas e adequadas ou pertinentes).

Por funcionar segundo procedimentos sistemáticos de descrição de conteúdo das mensagens, trata-se, portanto, de um tratamento de informação sistemático, embora não se limite ao conteúdo, levando-se em consideração o contexto em que surge a mensagem.

A análise pode ser temática, isto é, de significados; ou léxica/procedimentos, isto é, de significantes. De qualquer forma, o analista irá realizar, segundo Bardin, um

trabalho de poda, delimitando as unidades de codificação ou de registro. Estas, de acordo com o material obtido, podem ser: a palavra, a frase, o minuto, ou o centímetro quadrado. O corte, quando recai sobre elementos de codificação que apresentam ambigüidade de sentido, torna-se necessário que se defina, também, a unidade de contexto. *“Este tipo de análise, o mais generalizado e transmitido, foi cronologicamente o primeiro, podendo ser denominado análise categorial. Esta pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento(...)”*, (BARDIN, 199:37). O recenseamento distingue a freqüência de presença ou ausência de itens com sentido.

No discurso, as respostas nem sempre correspondem a conjuntos de significações classificáveis em itens evidentes, pois a frase pode estar em sentido metafórico. Neste caso, converter-se-ão em índices. A classificação deve seguir dois critérios: valor mercantil ou função do objeto de estudo. É possível, também, estabelecer a estrutura tipo, ou modal, do conteúdo - seguindo as regras de associação ou exclusão.

O objetivo da análise de conteúdo é a inferência do pesquisador. Segundo Bardin, o analista atua como um arqueólogo, trabalhando com vestígios, os quais os documentos podem suscitar, em termos de estados, dados, e fenômenos. *“... é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”*, (BARDIN, 199:38). Tal como o detetive, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência. A posição da inferência segue a seguinte disposição:

“ Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após o tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra”, (ibid:39).

O aspecto inferencial da análise de conteúdo, dedutivo-lógico, responde aos seguintes problemas: O que levou a determinado enunciado? Quais serão as conseqüências provocadas pelo referido enunciado? E geralmente, leva em consideração relações de causas e efeitos, bem como associações entre fenômenos.

Em suma, a análise de conteúdo visa desmascarar - por trás de uma mensagem banal, ou sob a os formalismos do texto - informações que por vezes escapam ao